HISTORIA
DE
PORTUGAL.

TOMO DECIMO QUARTO.

HISTORIA GERAL DE PORTUGAL, E SUAS CONQUISTAS,

OFFERECIDA

Á RAINHA NOSSA SENHORA

D. MARIA I.

POR

DAMIAÕ ANTONIO DE LEMOS FARIA E CASTRO.

TOMO XIV.

LISBOA,
NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.
1789.
[Co]m licença da Real Meza da Commissaõ Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.

HISTORIA GERAL DE PORTUGAL, E SUAS CONQUISTAS,

OFFERECIDA

Á RAINHA NOSSA SENHORA

D. MARIA I.

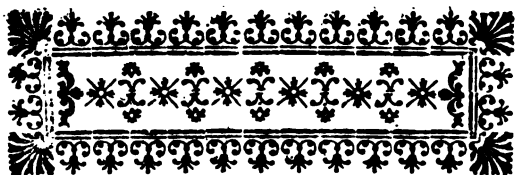
POR

DAMIAÕ ANTONIO DE LEMOS FARIA E CASTRO.

TOMO XIV.

LISBOA,
NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.
1789.
Com licença da Real Meza da Commissaõ Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.

FOI taxado este Livro a quatrocentos réis em papel: Meza 3 de Julho de 1789.

Com tres Rubricas.

HISTORIA GERAL DE PORTUGAL.

LIVRO XLIX.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Continuação do sitio de Dio, até a chegada de alguns dos soccorros, que sahirão de Goa.

Era vulg. 1546

HUM consideravel Exercito do poderoso Rei de Cambaya havia quatro mezes batendo as fracas paredes da Fortaleza de Dio; mortos nelle dous grandes Generaes, e alguns milhares

Era vulg. de soldados; mallogrados tantos assaltos repetidos, sem se recolher fructo de despezas avultadas: todos estes motivos fizéraõ que Sultaõ Mamud impaciente reprehendesse com aspereza a Rumecaõ, enviando-lhe hum reforço de 15000 homens com ordem de cortar as dilações do sitio com avances promptos. Rumecaõ atacado de duas affrontas, huma dos máos successos, outra da reprehensaõ, arrojou-se a consummar envergonhado a acçaõ, que naõ podia valerosa. Elle fez levantar a toda a pressa huma nova obra defronte do Baluarte S. Tiago, que dominava o centro da Cidadella. Em huma noite lha derrubáraõ com cem homens os dous irmãos D. Joaõ, e D. Pedro de Almeida. Sem perderem hum homem, elles degolláraõ trezentos. Rumecaõ mudou de idéas, e quiz fechar de grossas paredes a face do Baluarte S. Joaõ; mas em outra noite quatorze soldados as deitáraõ a terra, passando antes á espada todas as guardas, que dormiaõ.

Rumecaõ attonito com estes atrevi-

vimentos, desaffoga a colera em hum affalto contra os Baluartes S. Joaõ, e S. Thomé para sentir terriveis os effeitos do nosso fogo. Elle se ateava nos vestidos de algodaõ, que traziaõ os seus soldados, quando os Portuguezes ao contrario o desprezavaõ armados com todas as peças, de boas luvas, de borzeguins, e colletes de couro: unifórme, que faltando para elle a materia, D. Joaõ Mascarenhas distribuio pelos soldados as tapiffarias das suas casas, que eraõ de couro dourado, e os mostrava objectos proprios para os Poetas os descreverem em peitos de aço armas de ouro. Em fim, os inimigos abrazados se retiráraõ com perda, sem nós termos a de hum só homem. Effeito semelhante experimentáraõ os Barbaros poucos dias depois no affalto, com que Rumecaõ hospedou a Jusarcaõ, sobrinho do morto do mesmo nome, que chegou ao campo com outro reforço para occupar o cargo do tio.

Era vulg.

Sendo taõ grandes os trabalhos, que aos sitiados causavaõ inimigos poderosos, sobérbos, e escandalisados; elles

 naõ

Era vulg. naõ tinhaõ comparaçaõ com os que toleravaõ heróicas as conſtancias no interior da Fortaleza. A guerra, e as doenças lhes tinhaõ arrebatado 150 homens; haveria sãos 250 ſacrificados a fadigas contínuas. A fome era extrema: já ſe comiaõ ratos, cães, gatos, e outros ſevandijas ingratos ao goſto, aſcaroſos á natureza. Vendia-ſe huma gralha por quatro, cinco cruzados, e ſe eſtimou providencia apparecerem bandos deſtas aves, que parecia ſe lhes infundíra huma virtude nova para o alimento da ſua carne curar os enfermos; Eſtavaõ acabadas as munições: naõ havia mais polvora, que aquella, que diariamente ſe fabricava. Para ella faltavaõ panelas, que eraõ a noſſa melhor defenſa: eſta falta ſupprio o Governador com as telhas unídas cada duas com os vãos para dentro, betumadas as boccas, e que arrojadas entre os inimigos, cauſavaõ os meſmos effeitos das panelas.

Neſta triſte figura eſtava a Praca, quando chegou em hum navío de Baçaim, e Chaul com alguns ſoldados o

Pa-

Padre Capellaõ, que com audacia superior rompeo as ondas encapeladas do golfo de Dio. Elle deo ao Governador á vista de todos a agradavel noticia, de que naquellas Cidades ficavaõ 500 homens de soccorro, que seriaõ vistos da Fortaleza na primeira vaga, que o mar fizesse. Bastou esta esperança para se desterrarem das memorias as imagens dos trabalhos passados, e as contingencias dos futuros: mas D. Joaõ Mascarenhas andava cuidadoso por naõ saber o que os inimigos passavaõ no campo. Para o tirar desta duvida se lhe offereceo o destemido Martim Botelho, que com dez bravos marchou á ponte: esperou os Mouros: atacou, e derrotou dezoito: atracou-se com hum Nobyano de desmarcadas forças, e corpulencia: trouxe-o perneando, mordendo, e gritando á Fortaleza. Delle soube o Governador: Que Rumecaõ desconfiava do bom successo do sitio: que os soldados serviaõ com violencia: que ás mãos dos Portuguezes eraõ já mortos cinco mil, os feridos muitos, o temor geral.

Era vulg.

Já

Em vulg. Já desenganado aquelle General pela repetiçaõ dos assaltos sem proveito, advertio que era necessario ajuntar á força a indústria, a habilidade ao valor. Procedendo conforme as regras da arte, aplicou os Mineiros ao baluarte S. Joaõ, e para divertir os sitiados de perceberem esta obra, mandou por muitas partes picar o muro com movimentos, que chamando-os a lugares differentes, naõ acertassem para o reparo naquelle, aonde se lhes traçava maior estrago. Para laborar mais o engano, logo que a mina foi em estado de se lhe dar fogo, Rumecaõ usou de novo artificio, e fez passar á Fortaleza como desertor hum dos seus intimos confidentes, que nas noticias affectasse huma candura extrema para no ultimo ataque representado chamar o grosso da guarniçaõ ao Baluarte da mina. Este trahidor, sendo apresentado a D. Joaõ Mascarenhas, com todos os géstos, que sabem representar os astuciosos para insinuar-se, lhe disse:

Que elle sentia no fundo da alma vozes internas, que o chamavaõ para ab-

abjurar os seus erros, e abraçar a Religiaõ Christã; designio principal, que o trazia á sua presença para promover huma obra taõ santa. Que em quanto aos negocios de Cambaya, Sultaõ Mamud estava sobprendido com o temor de huma nova irrupçaõ dos Mogores, agora mais formidaveis, que na primeira guerra. Que com este receio mandára hum reforço de dez mil homens ao campo commandados por Mojatecaõ, e ordem a Rumecaõ para dar hum assalto geral á Fortaleza, e immediatamente levantar o sitio para ir acudir ao interior do Reino. Que por esta causa havia mandado recolher a artilharia como inutil, unicamente fiado na força do assalto no Baluarte de S. Joaõ, por onde esperava entrar, e render a Praça antes de marchar para Cambaya, e que no dito Baluarte devia elle Governador applicar as forças para o vigor da resistencia.

Era vulg.

Todo o mundo créo esse discurso artificioso, e simples do perfido Guzarate, congratulando-se mutuamente os soldados por lhes chegar o fim dos seus

tra-

Era vulg. trabalhos, como desprezando os perigos do temeroso assalto. Para elle se movêraõ os inimigos no dia dez de Agosto com todas as suas forças precedidas de hum corpo de quatorze mil dos seus soldados mais destemidos, que se haviaõ avançar ao Baluarte da mina. A maneira desordenada, com que elles a cada passo investiaõ, e recuavaõ, metteo ao Governador na desconfiança, de que o Baluarte estava minado; que o transfugo na sua relaçaõ o enganára; e que nos effeitos da mina os Barbaros firmavaõ as esperanças da victoria. No mesmo instante fez aviso a D. Fernando de Castro, para que elle, e todos os defensores do Baluarte o desamparassem, até verem os estragos, que nelle fazia o fogo, que naõ tardava em rebentar.

Já todos hiaõ a obedecer ás ordens do seu Chéfe, quando Diogo de Reinoso demasiadamente intrépido, com valor desgraçado lhes clama: Que he isto, senhores, obriga-vos o temor da morte a deixar o lugar que huma vez occupastes, fugindo sem vêr de que?

Con-

Conforma-se essa acçaõ com a vossa honra? Eu publicarei por hum covarde ao que desamparar o seu posto. A estas vozes de hum Moço, que já na viagem do Estreito déra mostras da sua temeridade, voltaõ todos, e elle he a causa de se tornar em derisaõ a ordem de hum General. Ao mesmo tempo rebenta a mina com estrondo horroroso, e estrago lamentavel. Voaõ pelos ares feitos pedaços o inconsiderado Reinoso; D. Fernando de Castro na idade de dezanove annos, levantado, para assistir á acçaõ, de huma doença, que a natureza fez leve, e o Reinoso mortal; D. Joaõ de Almeida, Gil Coutinho, Ruy de Sousa, Luís de Mello, Alvaro Ferreira, Tristaõ de Sá, e outros até sessenta, que tendo até entaõ obrado acções dignas dos bronzes immortaes, acabáraõ com fim taõ tragico; por obedientes ás vozes de hum temerario. D. Diogo de Sousa com huma lança na maõ foi levado por hum troço de parede ao interior da Fortaleza; aonde ficou em pé sem receber lezaõ. Na mesma figura cahio no campo hum soldado, que

Era vulg

os

a vulg. os Barbaros sem piedade fizeraõ em pós-tas.

Dissipado o fumo, vista a ruina do Baluarte, correm a elle de tropel quatorze mil homens, gritando victoria. Mas admira-te, valor; suspende-te, confiança; esforça-te, credulidade; e nada duvide que cinco homens Portuguezes plantados sobre os destroços abrazados, elles saõ cinco Corifeos intrépidos, que a tanta multidaõ offerecem os peitos como muralha mais firme, que as arrazadas paredes. Vivaõ immortaes na memoria os nomes de Antonio Peçanha, de Bento Barbosa, de Sebastiaõ de Sá, de Bartholomeo Correa, do Mestre Joaõ, Cirurgiaõ-Mór, que longo espaço de tempo sustentáraõ todo o pezo do campo contrario sem moverem hum pé, promontorios da constancia, espectaculos da admiraçaõ, huns homens, que tendo lugar taõ illustre na verdade da Historia, elles nos estaõ parecendo o espirito da Fabula. Sem alteraçaõ no animo, impavido na face do perigo, D. Joaõ Mascarenhas chega com quinze soldados ao lugar do combate, aonde

de os olhos atonitos mandaõ toda a admiraçaõ para as mãos, a invéja honrada emprega todo o furor nos golpes. A si mesmo se excedeo D. Joaõ, já naõ lembrado de que era Chéfe, mas hum soldado da fortuna no poder do perigo commum.

Em vulg.

Estes vinte homens pozeraõ aos Turcos em admiraçaõ, suspendendo a todos, degollando a muitos. Quando elles se consideravaõ perdidos, quando queriaõ retroceder, o valor se lhes redobrava, tomavaõ corage nova os espiritos, o combáte fervia, os inimigos naõ se avançavaõ. Entaõ entrou pelo Baluarte o Esquadraõ das Matronas carregadas de armas, e munições, na sua tésta a memoravel Isabel Fernandes armada com huma chuça, que entrou a ensopar no sangue contrario, mettida no centro dos vinte defensores generosos. Correo a voz de que o Baluarte perdido, e ella foi o seu soccorro. De todos os outros postos vinhaõ soldados a buscar a mórte entre os companheiros, que admiráraõ columnas de marmore immóveis a tantos repellões, e el-

Era vulg. elles ſe levantaõ outras ſuas ſemelhan-tes. Apparece a confortallos o Padre Joaõ Coelho com a Imagem arvorada de hum Santo Crucifixo, que communica aos ſeus Fiéis esforços divinos. A cada qual dos ſeus golpes cahia mais de hum inimigo : muitos os mórtos, principiaõ os vivos a perder os alentos, a declarar-ſe a noſſo favor a victoria, a retirarem-ſe os Barbaros.

Neſte formidavel combate, que durou do romper do dia até noite fechada, perdêraõ elles 1$100 homens mórtos, e feridos. Dos noſſos os ſeſſenta abrazados na mina, depois alguns na defenſa, e dos cinco ſómente o Meſtre Joaõ depois de obrar maravilhas. A noite naõ foi hum tempo de repouſo para os ſitiados. D. Joaõ Maſcarenhas a empregou toda inteira em retirar de baixo das ruinas aos cadaveres, que as mulheres ſepultáraõ com religioſa piedade, e em reparar a brécha, que apr[illegible] com figura de defenſa, qua[illegible] a luz do dia. De-

po[illegible] nador a Conſelho

[illegible]ados, que reſta-

vaõ

vaõ com vida, e tendo-os suspensos na expectaçaõ de o ouvirem, elle lhes falla neste tom heróico: Vós, senhores, estais vendo esta Praça reduzida ao ultimo abatimento, o soccorro longe, o mar fechado: vós naõ ignoraes, que tudo nos falta: a maior parte dos nossos amados companheiros, a terra a esconde: outros jazem nos leitos enfermos, e feridos: só para a sua assistencia saõ poucos os que estamos sãos. Eu sou testemunha do grande valor, e pasmosa constancia, com que até agora vos tendes conduzido. Destas duas virtudes, que vós ornaõ, infiro eu que naõ haverá entre vós hum só, que duvide dar a vida pelo nome de Jesus Christo combatendo contra os inimigos da Religiaõ. Depois, lembrando-me da honra, creio que vós preferireis huma morte illustre á affronta de cahir nas mãos de huma Naçaõ perfida. Eu vos chamei para vos dizer com estes dous objectos á vista, que a minha resoluçaõ he defendermo-nos até consumirmos as munições, gastarmos os poucos viveres, e depois dar fogo

Era vulg

Era vulg. veta andava com ſegurança ſobre a ſlôr medonha de mares horrendos, e em ſegredo a fretou a ſeu dono para paſſar a Dio. Eſtando na praia para ſe embarcar, chegou Garcia Rodrigues de Tavora a pedir-lhe o levaſſe comſigo. Antonio Moniz lhe reſpondeo, que a ſua embarcaçaõ era muito pequena para accommodar Fidalgo taõ grande: que quem o viſſe ir nella naõ diria que a galveta era de Antonio Moniz, ſenaõ de Garcia Rodrigues. Com eſta delicadeza ſe tratavaõ entaõ na India os negocios da honra. O Tavora lhe reſpondeo, que elle queria ter a de o acompanhar com a praça de ſeu ſoldado, e que aſſim lho declararia por eſcrito para a todo o tempo conſtar. Com eſta condiçaõ embarcou Garcia Rodrigues de Tavora na galveta de Antonio Moniz Barreto.

Eſtando ella para ſe levar, appareceo na Praia o corpulento, valeroſo, e impavido homem, Miguel de Arnide, clamando: Como ſem mim paſſais a Dio? Foi-lhe reſpondido de dentro: Naõ cabeis cá. Entaõ o intrépido ſolda-

dado, tomando a espingarda na boca, se lançou ao mar para ferrar a galveta, que hia levada. Á vista desta gentileza, Antonio Moniz a fez parar para receber o soldado, dizendo-lhe, que só nelle levava a Dio hum grande soccorro: elogio profetico para estimular o valeroso Arnide, que no desempenho delle fez, que se contasse pelo número dos seus golpes o das cabeças cortadas aos inimigos. Com constancia pasmosa, soffridos trabalhos incriveis, chegou a galveta a Dio. Bastou a vista destes poucos homens para resuscitarem os espiritos. Cresceo o alvoroço, quando todos ouvíraõ dizer a Antonio Moniz, que D. Alvaro ficava com sessenta navios em Madrefaval, e que naõ tardaria dous dias. Depois em particular descobrio elle ao Governador, como D. Alvaro emproando duas vezes o golfo, naõ podendo cortar os mares, os navios se desgarráraõ por differentes pórtos, e elle ficava arribado em Baçaim.

Fra vulg.

No meio dos maiores perigos foraõ hospedados estes [illegible]dalgos: Antonio Moni[illegible] [illegible]aluarte Saõ

 Tho-

Era vulg. Thomé, e Garcia Rodrigues de Ta-
vora no de S. Joaõ. O primeiro despe-
dio logo a galveta para vir seu primo
Luís de Mello de Mendoça, como el-
le em Baçaim lhe promettêra; e sen-
do passados quatro dias depois do es-
trago da mina, elles entráraõ a vêr es-
pantoso o semblante da guerra. Rume-
caõ inchado com a esperança de suc-
cessos semelhantes ao passado, fez mi-
nar os Baluartes S. Tiago, S. Jorge,
e S. Thomé; mas D. Joaõ Mascarenhas
instruido pela sua mesma desgraça, deo
taõ boas providencias, que as minas
serviraõ de arruinar os mesmos fabri-
cantes com morte de muitos. Cada vez
mais teimoso, Rumecaõ continuava
em novos progressos, repetia os assal-
tos, e por cima dos seus destroços con-
seguio alojar-se em alguns lugares, aon-
de plantou, como triunfantes, as suas
bandeiras.

Já na Fortaleza naõ se viaõ mais que
destroços; a metade do Baluarte S. Tia-
go perdido, a Igreja arrazada, as casas
abatidas, os homens em estado misera-
vel, e para complemento da desgraça

fu-

Era vulg.

fugírão para o campo dos inimigos tres escravos, que informárão a Rumecão, como na Praça não havião mais que sessenta homens capazes de pegar em armas; que tinhão necessidade de tudo, impossibilitados para viver, e defenderse. Esta noticia determinou hum assalto, que Rumecão entendia ser o ultimo; mas encontrando nos sessenta Portuguezes a resistencia de milhares, mortos muitos dos seus, teve de se retirar corrido, firme na idéa de que as informações dos escravos tinhão sido falsas. Outros muitos accommetteo a sua contumacia com igual successo. Nelles obrárão poucos homens tantas maravilhas, que os mesmos Officiaes contrarios paravão para os vêr obrar, e Mojalecão não podendo conter o assombro, nem callar os elogios do seu valor, disse: Que os Portuguezes havião nascido no mundo para dominar sobre o resto dos homens: Que a fortuna do Universo consistia em serem elles tão poucos, acantonados nas cóvas do ultimo Occidente, á maneira dos animaes ferozes, ou das viboras peçonhentas, que arruina-

nariaõ o Genero Humano, se ellas fossem muitas.

Com a chegada a Baçaim da galveta, que levára Antonio Moniz a Dio, os animos entráraõ em agitaçaõ para marcharem a soccorrer a Praça por baixo dos mesmos perigos. Nella embarcou Luís de Mello, e nove soldados: o mesmo fizeraõ D. Jorge, e D. Duarte de Menezes em hum catur com dezasete; e em dous, com quinze camaradas cada hum, D. Antonio de Ataide, e Francisco Guilherme. O que estes homens soffrêraõ no mar com a firmeza das montanhas escurece a fama das aventuras dos Argonautas famosos, que daõ alma ás fabulas de Virgilio, e de Homero. Navegando por baixo da agua, e por cima da sediçaõ dos companheiros medrosos, estes fidalgos chegáraõ a Dio, e foraõ logo convidados por D. Joaõ Mascarenhas para o acompanharem a desalojar os Barbaros do Baluarte Sant-Iago. Elles os acomettêraõ com tanto impeto, que os que naõ morrêraõ no combate, acabáraõ precipitados do muro. Acudio Rumecaõ com

o grosso do Exercito a sustentar o posto perdido, e a dar hum assalto geral nos lugares arruinados. Este foi o dia mais vistoso; porque sobrevindo hum copioso chuveiro, que impedio o uso do fogo, toda a refega se sustentou por ambas as partes com armas curtas. Todos os Fidalgos, especialmente D. Joaõ Mascarenhas, Antonio Moniz Barreto, Garcia Rodrigues de Tavora, D. Jorge, e D. Duarte de Menezes, D. Pedro, e D. Francisco de Almeida, se fizeraõ invejar de amigos, e contrarios. Nelle se vio bem que o Barbaro, em quem o valeroso Miguel de Arnide descarregava hum golpe, escusava segundo.

Era vulg.

Seis horas havia, que durava o temeroso conflicto, quando parou a chuva, e entráraõ os nossos a servir-se das máquinas de fogo, que redobráraõ nos inimigos a carnage. Rumecaõ furioso mandou tocar a retirada, deixando na raiz dos Baluartes 1400 mórtos, e agonizantes. Dos Portuguezes morrêraõ alguns soldados communs, dignos da immortalidade; mas sem nome na Historia. Rumecaõ mettido em cólera,

já

Era vulg. já pela repetiçaõ dos máos successos; já pelos soccorros, que vinhaõ chegando da India, já pela voz pública do grande apresto, que o Governador fazia em Goa para vir em pessoa descercar a Fortaleza; elle determina forçar os instantes do tempo para concluir a acçaõ no avance, que se havia seguir ao effeito de huma grande mina ao Baluarte S. Joaõ, em que mandou trabalhar voando. Os nossos a contraminaraõ pela parte interior com hum muro, que quando ella rebentou ficou intacto.

Os Barbaros ignorando esta defensa se avançáraõ a montar o Baluarte, suppondo o passo franco. Elles encontraõ o reparo, que os faz retroceder, e torcem a marcha para a guarida de Antonio Peçanha, que com o impulso do fogo abrio brécha dilatada. Ao mesmo tempo choviaõ as balas na Fortaleza, que por todos os flancos era atacada; fogo horrivel, largas horas continuando, que naõ offendeo huma só pessoa, e todas estimáraõ o successo por hum milagre. Ao contrario Rumecaõ, blasfemo contra o seu Mafoma á vista da nos-

nossa resistencia, porque o dia declinava, mandou suspender o ataque para elle em pessoa o renovar no seguinte contra o Baluarte S. Thomé. Elle foi o mais temeroso de quantos a constancia heróica dos Portuguezes havia tolerado na longa duraçaõ do sitio. Todos os Baluartes foraõ atacados ao mesmo tempo por gróssos destacamentos, que divertiaõ o pequeno número da guarniçaõ para deixar menos defensavel o Baluarte ameaçado.

Era vulg

Contra elle se moveo o mesmo Rumecaõ com o maior poder. E como havemos nós persuadir á credulidade, que naõ for fatua, que Antonio Moniz Barreto com dous unicos homens aos seus lados esperou a pé firme na face do Baluarte S. Thomé o repellaõ de tantos milhares de soldados das Naçóes mais aguerridas do Universo? Immoveis no seu posto éstes tres monstros de valor, dous delles que naõ tem nome, o sustentáraõ largo espaço com a corage do Leaõ faminto, quando devóra a preza. Os inimigos, naõ os podendo affastar com o ferro, quizeraõ consumillos com

o

Era vulg. o fogo. Antonio Moniz abrazado corria a refrefcar-fe nas tinas de agua. Hum dos dous Manlios, mais illuftre que o defenfor do Capitolio de Roma, lhe diffe: Ah! fenhor Antonio Moniz, vai-fe, e defampara o Baluarte d'El-Rei? Naõ me vou, replicou elle, chego a apagar naquellas tinas o fogo, que me queima, e já volto. Senhor Antonio Moniz, lhe tornou o foldado, em quanto as mãos fe naõ queimaõ, arda embora todo o corpo: deixe-fe eftar no feu lugar: naõ entrem os inimigos pelo que a fua falta deixa aberto. Affim o fez o magnanimo Fidalgo, que levou depois a El-Rei, e ao Infante D. Luís efte generofo camarada, e com ingenuidade confeffou na prefença dos Principes a fua corage, a falta propria, e que da advertencia a taõ bom tempo dependeo em muita parte a fegurança da Fortaleza naquelle dia temivel.

Já com as forças laffas, os efpiritos dos tres Herões fe queixavaõ da fraqueza da humanidade, que naõ lhes deixava impedir a entrada de muitos dos inimigos no Baluarte. Nefte aperto che-

gá-

gáraõ a soccorrellos alguns magotes dispersos, que acudiaõ ao estrondo da pendencia. Elles tiveraõ tempo de tomar o folego; e como se lhes houvessem infundido nos mesmos córpos novas almas, tornaõ á carga, e do Baluarte abaixo deitaõ enrolados os inimigos, como estopa abrazada na face da sua ira. Rumecaõ menos sensivel á perda, que affrontado do pejo, se retira confuso; assentando que multiplicar contra os Portuguezes os combates, era fornecer-lhe materia para engrossarem a arrogancia, que os fazia intoleraveis nas victorias. Nós perdemos o gosto a esta pelo successo infeliz de Antonio Correa, que o Governador mandou com vinte soldados tomar lingua ao campo dos inimigos. Estes homens, que na continuaçaõ do sitio tinhaõ feito façanhas memoraveis, e as obráraõ depois; agora se occupáraõ de hum susto panico taõ covarde, que naõ quizeraõ com tal Capitaõ investir quatorze Barbaros.

Era vulg.

Elle só os acometteo com huma espada, e rodela, mais facil a perder-se com honra, que a retirar-se sem ella.

De-

Era vulg. drefaval, aonde descobrio huma grande náo de Cambaya, que com carga de muita importancia vinha de Ormuz. Feita esta preza, appareceo na barra de Dio a desejada Fróta de mais de 40 navios empavezados, e guerreiros, que deraõ de si huma vista aos nossos agradavel, aos Barbaros temivel. Na entrada do porto deo huma salva real á Fortaleza, a que ella respondeo com outra naõ menos horrorosa para o campo, e Cidade, sobre os quaes, de ambas as descargas, choveo huma innundaçaõ de ballas com estrago de casas, e de vidas. D. Joaõ Mascarenhas desceo á pórta do mar para receber a D. Alvaro de Castro, a D. Francisco de Menezes, aos mais Fidalgos, e Officiaes, que levou nos braços como auxilios opportunos, que lhe traziaõ a salvaçaõ na ultima extremidade dos perigos.

O Governador aposentou a D. Alvaro no Baluarte S. Joaõ para vingar o sangue de seu irmaõ D. Fernando no lugar, aonde elle acabára a vida. D. Francisco de Menezes escolheo o Baluarte S. Thomé, que era o mais ar-

rui-

minado para exercitar o ſeu valor no Era vulg.
poſto do maior riſco. Os 400 homens
do ſoccorro foraõ diſtribuidos ſegun-
do a neceſſidade, e a ordem, já taõ
mudado o ſemblante da guerra, que D.
Joaõ Maſcarenhas eſtimava completos
os triunfos da honra, os ſoldados olha-
vaõ com deſprezo para os inimigos,
animados com a eſperança dos deſpojos.
Como o Governador ſe vio taõ refor-
çado, entrou no projecto de tirar de-
baixo das ruinas do Baluarte S. Thomé
hum groſſo canhaõ, que alli ficára en-
terrado, naõ tanto para elle o aprovei-
tar, quanto para impedir, que delle ſe
ſerviſſem os inimigos. Depois de mui-
to trabalho inutil, tomou o expediente
de o firmar com cabreſtantes, que o
ſuſpendêraõ no ar. Rumecaõ quiz fazer-
nos a injúria de cortar os cabreſtantes,
e levar o canhaõ á viſta da noſſa face:
manobra, que nos empenhou em com-
bates viſtoſos, ſuſtentados pela corage
de D. Franciſco de Menezes, e que foi
cauſa do deſacordo comettido pelos ſol-
dados de D. Alvaro, como eu paſſo a
referir no Capitulo ſeguinte.

CAP.

CAPITULO III.

Os soldados de D. Alvaro de Castro pedem amotinados a D. João Mascarenhas os leve a atacar os inimigos no campo, com os mais successos do sitio até a chegada do Governador da India.

ra vulg.

OS successos acontecidos em Dio depois da chegada de D. Alvaro de Castro enchêraõ os seus soldados de huma confiança rodeada de presumpçaõ, que os pôz no risco de se perderem. Ella por huma parte, por outra os espiritos chamados de honra, ultimamente os sentimentos de hum temor imaginado os arrojáraõ a excessos indignos de homens, que faziaõ profissaõ das armas: huma profissaõ, que estriba as suas vantagens na obediencia devida aos Chéfes, que devem ser respeitados por alma das operações militares. Em muitas cousas juntas se empregáraõ as vistas daquelles soldados; discorrêraõ sobre todas, e enganados com as imagens

gens da propria fantesia, determináraõ naõ seguir outro impulso, que o da sua meditaçaõ errada. Elles observáraõ o empenho dos Mouros para levarem do Baluarte S. Thomé o canhaõ, em que acabei de fallar, e o tiveraõ por affronta do seu valor. Elles víraõ depois da sua vinda a facilidade, com que D. Joaõ Mascarenhas arrojára os inimigos dos terraplenos, trincheiras, e de parte dos bastiões, aonde se haviaõ postado, e se deixáraõ rodear da vaidade. Elles ouvíraõ contar os effeitos das minas; que ainda os contrarios trabalhavaõ nellas, e sobprendeo-os o espirito do temor.

Era vulg.

Dominados destes agentes internos, que lhes offuscavaõ os entendimentos, elles se armaõ, se juramentaõ, buscaõ ao Governador, e lhe fallaõ neste tom sedicioso: Que elles naõ tinhaõ soffrimento para tolerar aos Barbaros injurias intentadas, quanto mais a feita de presumirem levar na sua presença hum canhaõ do Baluarte: Que já tinhaõ provas da sua fraqueza, naõ só por elles os haverem lançado dos póstos, que occupavaõ dos muros a dentro, mas

pe-

Era vulg. pela neceſſidade, a que os reduzíraõ de fazer novas linhas com que ſe cobriſſem: Que já ſabiaõ os effeitos, que as minas cauſavaõ na Praça, e que naõ queriaõ morrer abrazados na cóva á maneira das féras, como elle conſentíra, que acabaſſem tantos homens illuſtres, com láſtima ſem fim: Que neſtes termos, logo, e ſem demora os levaſſe ao campo a atacar os inimigos, ou para os vencerem em huma batalha, ou para elles morrerem como homens: Que ſe naõ executava o que lhe requeriaõ, elles ao meſmo tempo o dariaõ a conhecer por hum covarde, e elegeriaõ Capitaõ valeroſo, que na ſua téſta marchaſſe a moſtrar-lhes a cára dos valentes de Cambaya.

Em vaõ D. Joaõ Maſcarenhas, D. Alvaro de Caſtro, D. Franciſco de Menezes, e o Padre Joaõ Coelho quizeraõ obrigar eſtes homens a entrarem em razaõ, a perſuadillos, a ſobmettellos ás Leis Militares da ſobordinaçaõ. O tumulto creſcia, e D. Joaõ Maſcarenhas naõ teve mais remedio, que dizer-lhes com muita brandura: Á manhã vos farei

rei o gosto bem contra minha vonta- Era vulg. de pelo ser contra o serviço do Rei: Eu vos levarei aos perigos, que quereis; Deos permitta naõ vos arrependais. Muito estimarei vêr na occasiaõ valor verdadeiro a que agora reconheço huma arrogancia mal fundada. Amanheceo o dia seguinte com os amotinados na praça da Fortaleza pedindo a vozes altas a batalha. Quando appareceo D. Joaõ Mascarenhas, já D. Alvaro, e D. Francisco trabalhavaõ para os fazer mudar de sentimentos. Como nada conseguiaõ, D. Joaõ lhes disse: Deixai-os, Senhores; façamos-lhes a vontade; mas nós encommendemo-nos a Deos. A estas extremidades se vê reduzido hum General prudente, quando huma sediçaõ aberta toca as ballizas da insolencia; quando rompe os termos necessarios do respeito. Entregues os póstos da Fortaleza a cem homens com os seus Capitães, sahem a campo 500 soldados, a maior parte loucos, a pagar com o sangue dos sisudos, e com as vidas proprias o crime da desobediencia.

Marchava esta gente em tres bata-

Era vulg. lhões: os primeiros mandados por D. Alvaro de Castro, e por D. Francisco de Menezes; o terceiro por D. João Mascarenhas, que cobria o corpo de batalha. Os imaginados intrépidos entrárão a sentir as difficuldades, ou a sopportar a pena de temerarios, logo que chegárão ás paredes, que elles tinhão de escalar. Então os que havião mostrado mais arrogancia, forão os primeiros, que perdêrão a corage. A herva tinha crescido com as aguas do Inverno; estava mui alta; ella lhes servio, senão para defensa, para escondrijo, para hum disfarce do medo, aonde sem os novos sustos da vergonha, o sangue lhes podesse circular nas veias. D. Alvaro, e D. Francisco com alguns bravos, que os seguírão, montárão aquelles muros, quando chegava D João Mascarenhas, que tendo mostrado em tão longo sitio, que os seus olhos erão de lince, os escondidos na herva não lhe escapárão á vista.

Como hum raio se lançou a elles o Chefe magnanimo, e lhes diz: Ó lá, senhores valentes, he isto o que vós

me

me prometteſtes, quando me pediſtes, que vos trouxeſſe a eſte combate? Ahi tendes de traz deſſe muro o inimigo, que buſcais. Ide á elle, naõ o procureis entre a herva, que ainda para Barbaros he azilo vergonhoſo, ſó proprio para brutos. Mas ah! que longa diſtancia vai das voſſas mãos á voſſa lingua! Com eſta rompeſtes a obediencia na Praça; ſem aquellas vieſtes perder a honra ao campo. Fallando aſſim o magnanimo D. João, os foi levando de tropel diante de ſi, os fez ſubir o muro, e os poz na frente dos inimigos, que já ſe batiaõ com D. Alvaro, e D. Franciſco. O ſeu numero monſtruoſo coberto pelos Generaes Rumecaõ, Judarcaõ, Mojatecaõ fez bem de preſſa perder terreno aos mais avançados, ſem lhes valer o extremo de valor heroico, que obravaõ infelizmente aquelles dous Fidalgos, Antonio Moniz Barreto, Garcia Rodrigues de Tavora, D. Jorge, e D. Duarte de Menezes, D. Franciſco, e D. Pedro de Almeida, com outros Fidalgos, e Officiaes bem dignos dos noſſos Faſtos, ſe eſtivaſſem

Era vulg.

 en-

Era vulg. entretidos em huma acçaõ regulada com juizo.

Quando o terror ſe tinha apoderado de quaſi todos os corações, D. Joaõ Maſcarenhas fazia quanto ſe podia eſperar de hum dos maiores homens. Baſtava eſte dia para elle encher com os ſeus ſimulacros o Templo da Honra. Elle peleija, ſoccorre, anima: elle ordena a ſua gente o melhor que póde, leva-a ao fogo, e a retrocede: elle acode aos mais apertados, ajuda-os, e os ſalva: elle mette em uſo quantas induſtrias inventou a arte para ao menos fazer huma airoza retirada. D. Franciſco de Menezes rodeado de cadaveres, a que com as ſuas mãos arrançára as almas, de huma balla pelos peitos cahio em terra morto: nós perdemos nelle hum Heróe. D. Alvaro de Caſtro, que peleijava com conſtancia, e gentileza, huma pedra na cabeça o derruba: Jorge de Mendoça, e ſeu irmaõ Luis de Mello o ſalváraõ além do muro. O ſegundo deſtes Fidalgos recebeo entaõ hum tiro de eſpingarda, de que pouco depois foi morrer a Chaul: falta laſtimo-

mosa de hum coraçaõ superior ao medo.

Era vulg.

Noticias taõ infaustas acompanhadas da voz, de que no campo tudo estava perdido, e que acudisse á Fortaleza, antes que os Guzarates a levassem; ellas foraõ trazidas a D. Joaõ Mascarenhas, que ainda se sustentava como hum Baluarte na face do inimigo. Elle as ouve com paciencia, e corre a salvar as reliquias derramadas pelo campo. A dôr se lhe dóbra, quando vê cahir entre os mórtos a D. Francisco de Almeida, a Lopo de Sousa, a Ruy Freire, a Francisco Guilherme, mal ferido a Nuno Pereira, que foi acabar no caminho de Goa, sem lhes poderem valer os prodigios de corage inimitavel, que obravaõ Antonio Moniz Barreto, Garcia Rodrigues de Tavora, D. Duarte, e D. Jorge de Menezes, que encarniçado na refrega naõ sentia dezasete feridas, só sensivel á honra, da dôr naõ lembrado. Estes Fidalgos com as cóstas no muro sustentavaõ o pezo dos inimigos para darem lugar aos camaradas a saltallo.

Com

Era vulg.

Com espectaculo semelhante se encontrou D. Joaõ Mascarenhas, que chamando os impulsos da alma para a lingua, gritava aos desmandados: Que esquecimento he este da reputaçaõ Portugueza? Qual dos nossos passados na India fugio com affronta pelo temor da morte? Retirai-vos, sim; mas seja com honra: se o haveis fazer sem ella, morrei todos, e eu seja o primeiro. Dizendo isto, com a espada na maõ se botou aos inimigos como o Leaõ feróz no meio do aprisco, aonde ha de aterrar para sobprender. Homem vistoso appareceo D. Joaõ ainda aos olhos do medo: rodeado de Barbaros, o pó pegado ao suor do rosto, as armas em partes rotas, cobertas de sangue, a espada já sem fios dando golpes mais verdadeiros, e mais féros, que os da clava na maõ de Hercules; em fim, á sombra do seu valor retirando-se os Portuguezes com outra ordem.

Porque o avisaõ que Rumecaõ para ganhar duas victorias no mesmo dia, mandára a Mojatecaõ com cinco mil homens investir a Fortaleza, que esta-

va

va em grande perigo; D. Joaõ Mascarenhas, sem alterar a marcha no ultimo lugar da reta-guarda, em hum contínuo volta caras, vai pela parte da praia a metter a gente na Fortaleza, levando setenta mal feridos, e deixando no campo trinta mórtos: perda diminuta em tanto destroço, mais lastimosa na qualidade, que no número; mais sensivel outra vez pelo perigo imaginado de D. Alvaro, que ainda estava sem falla no lugar, em que seu irmaõ ficou sem vida. Mojatecaõ, que andava ás mãos no Baluarte S. Thomé com o Capitaõ Luís de Sousa, este bastou sem mais soccorros para o metter em derrota com perda de mórtos, e feridos.

Era vulg.

Rumecaõ soberbo com a victoria, além das festas, que celebrou, das novas honras, que recebeo de Sultaõ Mamud; elle entrou a mostrar hum alto desprezo da vinda do Governador da India, que dizia esperar para lhe arrancar da maõ as bandeiras, com que havia varrer as Mesquitas do seu Mafamede; a mandar continuar com dobrado vigor o sitio, logrando a vantagem de

le-

levar o canhaõ do Baluarte S. Thomé;
a fabricar com grande deſpeza huma
ponte de barcas ſobre o rio, que paſ-
ſava da Alfandega á Villa dos Rumes;
a deſenhar o plano de huma nova Cida-
de no lugar, aonde tinha abarracado
o Exercito, á qual regulou os quarteis,
talhou as ruas, marcou as praças, e fez
abrir os fundamentos de hum Palacio
para a ſua peſſoa: tudo idéas da vai-
dade para perſuadir aos Portuguezes,
que elle os deſpreſava; que já eſtimava
a Ilha de Dio como propria; e que a
deſtinava para lugar da ſua aſſiſtencia
effectiva, que ſeria reſpeitavel por bem
defendida depois de entrar na poſſe da
Fortaleza, como eſperava.

A voz eſpalhada pelos inimigos, de
que elles a tinhaõ ganhado, chegou aos
Reinos de Balagate, paſſou a Goa, e
ferio os ouvidos de D. Joaõ de Caſtro,
que ſoffria, e diſſimulava a dôr. Sim paſ-
ſára o Inverno; os mares eſtavaõ tra-
ctaveis, e quando elle ſuſpirava por no-
vas de Dio, chegáraõ á barra de Goa
ſeis náos do Reino, de que era Com-
mandante Lourenço Pires de Tavora,

que

que trazia ás ſuas ordens os Capitães D. Joaõ Lobo, Joaõ Rodrigues Peçanha, Fernando Alvares da Cunha, Alvaro Barradas, e o memoravel D. Manoel de Lima outra vez mandado á India com o deſpacho de Ormúz, por inſtancias do Conde da Caſtanheira, para evitar o deſafio, que elle eſperava ter diſſimulado com ſeu primo Martim Affonſo de Souſa, quando chegaſſe da India a Lisboa. Era vulg.

A eſte goſto ſe ajuntou o da vinda da náo, que levára D. Alvaro de Caſtro a Dio, e nella vinhaõ tambem as cartas de D. Joaõ Maſcarenhas, que davaõ miuda conta de todos os ſucceſſos do ſitio com a da mórte de D. Fernando de Caſtro. Seu Pai ſopportou eſte golpe como Heróe Chriſtaõ; em público imperturbavel, ſó attento aos negocios do Eſtado; em particular deixando á natureza fazer os ſeus officios, todo ſenſivel á ſaudade.

No meſmo dia chegou á Goa o cadaver de Nuno Pereira, que morrêra no mar das feridas recebidas no infeliz choque de Dio. Concluidas as honras

ſe-

ra vulg. sepulchraes de Fidalgo taõ benemerito, D. Joaõ de Castro mandou fazer huma Procissaõ solemne de acçaõ de graças, a que assistio vestido de escarlate para mostrar ao Povo, que a conservaçaõ de Dio lhe era mais estimavel, que sensivel a perda do filho. Immediatamente fez partir a Vasco da Cunha com ordem de ajuntar por aquellas côstas os navios desgarrados da Armada de seu filho D. Alvaro, e os conduzir á Fortaleza. Na sua reta-guarda expedio a Luiz de Almeida com seis caravellas carregadas de munições, e mantimentos: reforços importantes, que pozéraõ a Praça em estado de naõ temer as tentativas arrogantes de Rumeçaõ soberbo.

D. Alvaro de Castro com tantas embarcações no porto, usando dos poderes, que tinha na Armada, mandou ao mesmo Luiz de Almeida, que com os Capitães Payo Rodrigues de Araujo, e Pedro Affonso fosse á barra de Surrate tomar ás náos de Meca, que se esperavaõ. Cumprio elle as ordens com fortuna, e nas prezas, que fez, captivou

vou hum Genisaro, parente de Rumecaõ, que o Almeida estimou como hum thesouro. A sua entrada em Dio teve alguma cousa de horrorosa para os inimigos pelo espectaculo, que elle lhes apresentou de muitos cadaveres dos seus nacionaes pendurados nas antenas dos navios. Rumecaõ offereceo grossas sommas pelo resgate do Genisaro, seu parente; mas D. Alvaro de Castro recusando-as com altivez, lhe mandou de graça a sua cabeça em hum prato. O Barbaro estimulado da injúria, e da deshumanidade, desaffogou a cólera em minar vários Baluartes até o dia primeiro de Novembro, em que os successos o desenganáraõ; em que já queria ceder á porfia; em que atonito das nossas providencias, o juizo lhe faltava; e em que o temor da vinda de D. Joaõ de Castro, por mal disfarçado, naõ podia estar encoberto.

Em vulg.

Este Chéfe supremo, sempre vigilante nos soccorros de Dio, já a 15 de Outubro tinha prompta a Armada de Goa, e ajuntando nella os soccorros de Cochim, e Cananor, a 17 se fez á vé-

la,

1 vulg. la, encarregando o Governo ao Bispo D. Joaõ de Albuquerque, e a D. Diogo de Almeida Freire, Governador de Goa. A Armada era composta de doze náos de alto bórdo, e de outras oitenta embarcaçōes de differentes lotes, em que embarcáraõ quatro mil homens com toda a Nobreza, entre ella Garcia de Sá, Jorge Cabral, D. Manoel da Silveira, Manoel de Sousa de Sepulveda, Jorge de Sousa, Joaõ Falcaõ, D. Joaõ Manoel, Luís Alvares de Sousa, D. Antonio de Noronha, D. Diogo de Soto-Maior, D. Manoel Deça, outros muitos Fidalgos, e Officiaes carregados de serviços, huns montes de valor, especialmente o famoso D. Manoel de Lima, que nós vamos a vêr antes de chegar a Dio hum raio devorante por toda a cósta de Cambaya.

CA-

CAPITULO IV.

O Governador D. João de Castro despede de Baçaim a D. Manoel de Lima para infestar a cósta de Cambaya: elle chega a Dio, e resolve dar batalha campal ao Exercito de Sultaõ Mamud.

CHEGADO o Governador da India á Cidade de Baçaim, aonde tinha de esperar alguns navios, que vinhaõ de differentes pórtos para lhe engrossarem a Armada; elle destacou com seis a D. Manoel de Lima para aprezar na Enseada de Cambaya as embarcações, que transportavaõ viveres ao Exercito de Dio. Este Fidalgo, por lhe embaraçarem baterse em Portugal com Martim Affonso de Sousa em desaggravo da injúria, que lhe fizéra na India; morria de ambiçaõ por se assignalar em feitos de tanto estrondo, que caracterisassem a sua corage superior á do seu Rival. Por outra parte picado do cerco de Dio, abrazado em odio contra os Gu-

Era vulg.

Za-

Era vulg. zarates, determinou executar de sórte as ordens, que esquecida a humanidade, naõ deixasse vêr senaõ effeitos do rancor. Elle foi correndo a cósta de Damaõ até Gandar, aonde tomou trinta cotías com bom número de inimigos. Destes reservou sessenta: aos mais mandou fazer em quartos, que lançou com a enchente da maré nas embocaduras dos rios para irem mostrar ás povoações o horroroso espectaculo, naõ da guerra, mas da vingança.

Depois desta expediçaõ, que foi hum pequeno ensaio das representações, que se haviaõ seguir, D. Manoel de Lima entrou pela barra de Baçaim com os sessenta Guzarates tremolando nos mastos dos seus navios como flamulas, e galhardetes, espantosos á vista, ao furor gratos. O Governador satisfeito da empreza o tornou a mandar com trinta vélas, em que embarcáraõ todos os Fidalgos vindos do Reino, para que fosse executar nas terras de Cambaya o mesmo, que acabava de fazer nos seus mares. Entrou D. Manoel pela barra de Surrate, e com confiança, como sua,

foi

foi pelo rio a cima, até dar na povoa- Era vulg.
çaõ chamada dos Abexins, que fiada
na sua grandeza, e nas trópas numero-
sas, que a guarneciaõ, fez huma bi-
sarra defensa. Ella estimulou mais o fu-
ror para a povoaçaõ ser entrada, espa-
da em maõ, toda mettida a fogo, e
sangue, sem se perdoar á sexo, ou ida-
de para derramar o terror em toda a
cósta. Arderaõ edificios brilhantes, for-
mosos navios, innumeraveis provimen-
tos, riquezas immensas: incendio, que
a mulher, e filhos de Rumecaõ estive-
raõ vendo da sua Fortaleza de Surrate:
cólera, que só deixou vivo a hum Gu-
sarate com as mãos cortadas para nesta
figura triste ir levar aos seus paisanos as
novas do successo.

Ao longo da cósta appareceo a infe-
liz Cidade de Ansote, a que D. Manoel
de Lima mandou pôr as prôas. A resis-
tencia, que os nossos encontráraõ em
terra, excedeo á da Villa dos Abexins;
mas o successo foi o mesmo. Rios de
sangue corriaõ pelas ruas, naõ sem las-
tima da mesma cólera, o de muitas da-
mas especiosas, que atrahindo com a
bel-

Era vulg. belleza as ternuras, nos combates de affectos encontrados, naõ tirou á inclinaçaõ o lugar á ira. Todas morrêraõ, e os homens todos acabáraõ; tudo consumio o fogo, e em tantas deshumanidades pareciaõ mais que féras os Portuguezes, e humas impiedades as licenças da guerra. O mesmo destino experimentáraõ outros muitos lugares daquella cósta, que leváraõ os eccos dos seus gemidos á Corte de Amadabá, para animar em toda a India o que ella levantou bem alto, para imprimir em D. Manoel de Lima a nota de barbaro, nos Portuguezes a mancha de cruéis. Elle se foi incorporar com D. Joaõ de Castro na Ilha dos Mórtos, ou de Beth, donde se fizéraõ á véla a seis de Novembro, e no mesmo dia avistáraõ as postradas ruinas da Cidade de Dio.

Os Portuguezes havia tantos mezes engolfados no centro dos trabalhos, em fim avistáraõ a grande Armada da India, que cobria os mares, vistosa, e guerreira, formidavel, e brilhante: huma vista, que fez levantar a cabeça aos consternados, porque lhes chegava a re-

Era vulg

redempçaõ. Coroáraõ-ſe de bandeiras os entulhos dos Baluartes arrazados; reſpondeo huma reſpeitavel ſalva á horroroſa, que acabava de dar a Armada; ſubíraõ aos muros veſtidos de feſta os homens, e mulheres, que tantos tempos lutavaõ com as agonias da mórte; adiantou-ſe Lourenço Pires de Tavora a ir vêr no mar o Governador; ſeguio-o D. Joaõ Maſcarenhas, que lhe hia dar conta de tantos dias formoſos, e offerecer-ſe para o ultimo, que eſperava mais que todos luminoſo. D. Joaõ de Caſtro, que unia ao valor a agilidade de Ceſar, no meſmo inſtante mandou vir a bórdo Garcia de Sá, Jorge Cabral, Manoel de Souſa de Sepulvedá, outros Fidalgos, e Officiaes velhos de capacidade, e experiencias.

Tendo-os a todos preſentes, e feito a D. Joaõ Maſcarenhas os obſequios, e elogios, que merecia por huma defenſa taõ bella; o Governador lhes pedio o ſeu parecer ſobre o que devia fazer a reſpeito dos inimigos, que nos movimentos obrados depois da ſua chegada, no fogo extraordinario com que

Era vulg. batiaõ a Fortaleza, ou queriaõ testemunhar o prazer de terem huma nova materia para o seu triunfo, ou determinavaõ cobrir o medo de baixo das apparencias de confiança: Que lhe parecia injurioso vir o Governador da India em pessoa com as forças do Estado fazer a Rumecaõ a guerra defensiva: Que por outra parte considerava, que expunha as mesmas forças ás contingencias de huma batalha com tanta desproporçaõ: dúvidas ponderosas, sobre que devia decidir o Conselho, e deliberar se se havia, ou naõ ir direito aos inimigos, e forçallos nos seus mesmos intrincheiramentos. Largo tempo foi a materia disputada; mas seguio-se a affirmativa, depois que a energia, e authoridade de Garcia de Sá fez inclinar a balança a este partido, ao qual o Governador estava já resoluto.

Na mesma noite se concertou o projecto, e como melhor se abraçou o que D. Joaõ Mascarenhas tinha concebido. Ficou assentado, que nas tres noites successivas a gente desembarcasse sem ser sentida, e por escadas de corda sobisse

á

á Fortaleza: que a Armada ficasse naquelle lugar até ao dia destinado para a batalha, em que entraria no porto ao signal de tres foguetes, que se deitariaõ da Fortaleza: que ella representaria trazer a bórdo todo o Exercito, mostrando aos Barbaros muitos murrões accesos, mettendo pelas perchas das fustas muitas lanças para os enganar: que viria fingindo o desembarque pela parte da Alfandega, aonde forçosamente acudiria o grosso dos inimigos: que entaõ sahiria o Governador da Fortaleza com todo o Exercito a escalar o muro, forçar as trincheiras, e dar a batalha a Rumecaõ em campo aberto. Com felicidade se executou a primeira parte do projecto nas tres noites seguintes. Em todas ellas, para melhor cobrir o designio, os Capitães Luís de Almeida, Antonio Leme, Francisco Fernandes Moricale em tres fustas, e o Commandante do Baluarte do mar estiveraõ a servir o campo contrario com hum fogo sem intervallos, que o metteo em confusaõ.

Era vulg.

Entre tanto Rumècaõ naõ andava

Era vulg. menos viligante. Elle guarneceo com 15000 homens, em que entravaõ os Rumes, Turcos, e Estrangeiros renegados, o muro de pedra, que fora feito no principio do sitio para cobrir o Exército; pondo sobre elle innumeraveis artificios de fogo, e outros instrumentos de defensa para serem arrojados sobre os Portuguezes, se intentassem escallalo para lhe darem batalha. Lembrado de que o poderiaõ atacar pela parte do Baluarte arrazado de Diogo Lopes de Siqueira, que ficava para o mar, aonde acabava o muro, o mandou renovar, plantar artilharia, e guarnecer com 700 homens escolhidos. O mesmo fez nas cabeças da ponte, que atravessava o rio, aonde postou 700 soldados. Destribuio a ordem do resto do Exercito, que era o grosso delle, numeroso de mais de 40000 homens, agora reforçado pelos Generaes Accedecaõ, e Alucaõ com mais 50000 de refresco, para esperar os Portuguezes a pé firme além do muro nas linhas, e trincheiras, que na sua fantasia lhe seguravaõ a victoria.

O

O Governador D. Joaõ de Castro, logo que teve a gente recolhida na Fortaleza, dispoz da sua parte a ordem da batalha. Para cobrir a vá-guarda, que se havia compôr de 500 Portuguezes, 600 Canarins com o seu Capitaõ Vasco Fernandes, e 500 Nayres do Rei de Cochim, foi nomeado o grande D. Joaõ Mascarenhas, que merecia este lugar do maior perigo no ultimo dia da guerra, em premio dos muitos, que em todo o discurso della deixava derrotados. Para seus camaradas, que foraõ inseparaveis, se lhe offereceraõ Antonio Moniz Barreto, Garcia Rodrigues de Tavora, D. Joaõ Manoel, Joaõ Falcaõ, D. Manoel da Silveira, Antonio da Cunha, Francisco de Azevedo Coutinho, Jorge de Sousa, e outros Fidalgos, que elle tinha gerado no sitio filhos da sua disciplina. D. Alvaro de Castro havia mandar a segunda columna de 500 homens, em que entravaõ todos os Fidalgos, e Officiaes da sua Armada. D. Manoel de Lima tinha de cobrir a terceira de igual número de gente, e com ella a Nobreza, que o acompanhou

Era vulg.

nas

nas expedições referidas da enseada de Cambaya. O Governador se reservou o corpo da batalha composto de mil Portuguezes, alguns Canarins, e Malabares: toda a trópa hum Exercito de quatro mil homens resolutos a atacar sessenta mil dentro das suas trincheiras. Os Fidalgos velhos nos annos, corifeos robustos, e intrépidos na corage, se haviaõ pôr aos lados do Governador, para o Conselho com cabeça de Nestores, para o combate com mãos de Achilles.

Amanheceo o fausto dia onze de Novembro, ultimo do prolongado sitio de cinco mezes, e dous dias. Nelle appareceo o grande D. Joaõ de Castro no terreiro da Fortaleza, representando o cargo na pessoa. A magnificencia della, e a alegria do semblante foraõ para a sua gente os primeiros prosagios da victoria. A sua primeira acçaõ foi mandar levantar nelle hum Altar, em que Fr. Antonio do Casal, Custodio dos Franciscanos, celebrou o sacrificio tremendo, e deo a Communhaõ aos soldados. Na sua presença pre-

pa-

pirou Deos a meza em Dio contra aquelles, que tanto os haviaõ attribulado. A piedade do Governador, e dos Fidalgos fez edificante este acto religioso. Depois delle, dizem, que mandára tirar as portas da Fortaleza, raxallas, e guizar com ellas hum almoço para os soldados. Muito faria elle em as mandar arrancar dos couces para com esta apparencia de falta de refugio lhes dar a entender, que os levava ao campo, ou a vencer, ou a morrer. Dados estes confortos aos corpos, e aos espiritos, o Governador posto em parte, aonde todos o podessem ouvir, lhes fallou neste sentido:

Era vulg.

Nós vamos a emprehender a acçaõ mais gloriosa de quantas se tem obrado na India, depois que nella entrou D. Vasco da Gama até agora. Eu naõ necessitava fazer-vos outra lembrança para estimular o vosso valor. Sei que sois Portuguezes; que amais a honra sublime; que estais mettidos na occasiaõ de ganhar esta gloria singular: o que mais tenho, que dizer-vos? Que ha mais, que possa lembrar-vos? Ah! bravos Ro-

ra vulg. decaõ para impedir o imaginado desembarque. A este tempo sahia da Fortaleza com a sua columna D. Joaõ Mascarenhas, que foi cingindo o fosso para atacar a extremidade do muro pelo lado do Baluarte de Diogo Lopes de Siqueira. Mas antes que entremos no detalhe da memoravel batalha de Dio; eu devo referir dous casos famosos, que lhe precedêraõ. Tres soldados da Villa do Torraõ, chegados do Reino, buscáraõ no campo a Antonio Monte Barreto, que era natural da mesma Villa, para lhe darem huma carta de sua Mãi, em que lhe mandava os favorecesse na India. Elle levava na sua frente huma escada para montar o muro, quando o encontráraõ. Déraõ-lhe a carta, e lhes prometteo o seu favor, se da batalha sahisse com vida.

Hum dos tres alentados homens, fallando por todos, lhe disse: Que do seu favor só naquelle dia elles o necessitavaõ; que lhes fizesse o de fiar ao seu valor a escada, que iriaõ arvorar aonde os mandasse, e a defenderiaõ com a vida; que deste mesmo dia em diante

os

os seus merecimentos lhes fariaõ passagem. Antonio Moniz admirado de pensamentos taõ altos em gente taõ humilde, lhes differio como requeriaõ, respondendo: Que fiava delles a honra, e a escada. Illustremente desgraçado foi o poder destes homens, que acabando de a levantar briosos, hum tiro cégo lhes levou as cabeças.

Em vulg.

O segundo caso succedeo a D. Joaõ Manoel, e a Joaõ Falcaõ, dous Fidalgos malavindos, que naõ podendo baterse em duélo pela pressa, com que embarcáraõ em Goa, agora no campo, com presumpçaõ vã, concertáraõ entre si mudar o objecto dos seus cartéis, disputando-se a preferencia da gloria áquelle, que primeiro montasse o muro do inimigo. Os padrinhos de ambos lhes levavaõ na sua frente as escadas, que encostáraõ ao muro. Subio D. Joaõ Manoel, e ferrando-o com a maõ direita, lha cortáraõ de hum golpe: acudio com a esquerda, e ficou sem ella: foi a firmar-se teimoso nos cotos dos braços, e leváraõ-lhe a cabeça. Ao mesmo tempo montou a parede Joaõ

Fal-

Falcaõ, que se sustentou largo tempo em bravo homem; mas aberto em feridas, e roto a lançadas, todou por ella morto. Ha quem diga destes dous Fidalgos, que nada ficou devendo á honra quem deo tudo por ella. Outros poderiaõ sustentar, que de alguma era digna esta acçaõ louca em tal conjunctura, sem razaõ, nem virtude; que faltando nos actos de valor, os arrojos saõ temeridades, que da honra recebem os accidentes, e nada da substancia.

CAPITULO V.

Escreve-se a gloriosa batalha de Dio, em que D. Joaõ de Castro venceo o Exercito de Sultaõ Mamud, Rei de Cambaya.

EM quanto o grosso dos inimigos enganados esperava impedir o desembarque no campo da ponte, como fica dito, D. Joaõ Mascarenhas, que marchava com a vã-guarda, e tinha presenciado os dous casos referidos, que ensanguentáraõ a batalha; elle fez continuar

o

o avanço do muro, que lhe precedeo, e que fórma a primeira parte da sua narraçaõ. Intrépidos os espiritos pela glória da preferencia, que naõ foi facil arbitrar-se, muitos de tropel montáraõ a escalada pelo grande número de escadas, de que o muro estava bordado. Naõ obstante a confusaõ, se se naõ soube affirmar quem fora o primeiro em subir, disse-se, que dos primeiros haviaõ sido Miguel Rodrigues Coutinho, chamado Fios seccos, Cosme de Payva, Antonio Moniz Barreto, Vasco Fernandes, Tanadar Mór de Goa, que inclinando-se para acabar de matar hum Mouro, outro o abrio pelas cóstas, ficando na mórte unidos os córpos, que o odio separára vivos. Cosme de Payva depois de lhe jarretarem huma perna, com o outro joelho em terra vendeo cára a vida a troco de muitas mórtes.

Era vulg.

Poucos homens sobre o muro sustentáraõ o pezo dos Bárbaros para darem aos seus camaradas lugar de o montarem, assim a gente de D. Joaõ Mascarenhas, como a de D. Alváro de Castro,

Era vulg. tro, e a de D. Manoel de Lima, já occupados todos no mesmo empenho. O primeiro destes tres Chéfes, coroando com as façanhas deste dia a gloria adquirida nos passados, a troco da vida de dez homens, em que entrou Francisco de Azevedo depois de outras maravilhas; elle atropellou a resistencia do muro, e do Baluarte de Diogo Lopes, passou ao campo, formou o seu Esquadraõ em batalha, apresentou-a aos inimigos, que a aceitáraõ valerosos; disputou-a largo tempo, e declarada pela sua parte a victoria, marchando por cima dos mórtos, foi levando os Barbaros cortados do temor, e do ferro, até os metter na Cidade.

D. Alvaro de Castro, e D. Manoel de Lima, feitos em hum corpo, tiveraõ o mesmo successo em partes differentes. Já vencido o muro, estes geraes Fidalgos, como innundaçaõ rápida na terra cortada, cahem sobre hum corpo de seis mil Rumes, Turcos, e Renegados, que Jusarcaõ tinha postado entre o mesmo muro, e o Exercito. Aqui foi vistosa a contenda, empenhado

do o valor, e a emulaçaõ em longa dis- Era vulg.
puta sem se declarar a vantagem. A es-
te tempo chegou o Governador com o
corpo da batalha, que achando o passo
franco, subio sem embaraço, seguin-
do a Bandeira Real; elle rodeado de
Lourenço Pires de Tavora, de Garcia
de Sá, de Jorge Cabral, de Manoel de
Sousa de Sepulveda, da Nobreza anti-
ga da India, para quem naõ eraõ estra-
nhas as fadigas gloriosas da guerra. Já
formado em campo o grande D. Joaõ
de Castro, fez aviso a seu filho D. Al-
varo, e a D. Manoel de Lima, ainda
empenhados com Jusarcaõ, para se ajun-
tarem com elle, e principiarem unidos
a batalha.

Ella se deixou logo vêr hum theatro
de horrores; o risco igual; a cólera in-
distincta; o fogo formidavel; os golpes
espantosos; os inimigos com maior
damno; mas elles por duas vezes dei-
táraõ a terra a Duarte Barbudo, que
levava a Bandeira Real; fizéraõ parar
o Governador na frente do outro muro,
que todos affirmáraõ ser elle o primei-
ro, que o ferrára, sem ter contra si mais

vo-

Era vulg. voto, que a si mesmo, que ingenuamente confessou, como na sua vã-guarda o montára o seu isseparavel companheiro Lourenço Pires de Tavora. Vencido este passo com grande perigo, o Governador para ganhar as trincheiras se avançou ao da ponte da Villla dos Rumes, aonde se assegura, que chegando os inimigos muitas vezes a mecha a canhões carregados de metralha, que fariaõ em pedaços aos nossos Esquadrões, nenhum delles tomára fogo. Este prodigio, que devia assombrar os Barbaros, elle os metteo em cólera para fazerem huma resistencia, mais que do valor, da desesperaçaõ.

Aqui perdêraõ os Portuguezes algum terreno; sentíraõ-se affrontados: o que sendo visto por D. Joaõ de Castro, pegando da espada, embraçando huma adaga, de que logo pendêraõ duas flechas, que lhe craváraõ, com impeto mais que humano se pôz na testa de todos, clamando: Aqui tendes, bravos Cavalleiros, o vosso Governador arrostando os maiores perigos: seguí-me valentes: Victoria, que os ini-

mi-

migos dobraõ. Como se esta voz fora de trovaõ; cada Fidalgo, que buscava o seu Chéfe, hum raio; os soldados huns tigres, emulo o valor de si mesmo, como naõ soffrendo igualdade na differença; elles fazem huma maõ baixa com tal fúria, que se vio como vaticinio cumprido a voz, que em D. Joaõ de Castro naõ foi mais, que hum grito de coragem. Dobraõ os inimigos, e os Portuguezes, até chegar ás trincheiras, levaõ a victoria. Elles as montaõ com valor intrépido, repetindo muitas vezes esta palavra doce, que anima na guerra.

Era vulg.

Entaõ rebentáraõ do campo muitos Esquadrões, que á imagem do triunfo principiavaõ a desfigurar as côres. Rumecaõ avisado, de que os Portuguezes depois de vencido o muro, tinhaõ ganhado as trincheiras, vinha com o grosso do Exercito em marcha forçada do lugar do fingido desembarque a pôr-nos outro tropeço á primeira face invencivel. Entaõ foi cruel o combate, tudo furor, ira, destroços da mórte, reliquias despedaçadas da humanidade; os

Era vulg. Portuguezes empenhados em sustentar as trincheiras, os Barbaros em restitui-las. Acções se obráraõ espantosas neste lance, em que o grande D. Joaõ de Castro reanimando o seu mundo com o gésto, com a voz, com as façanhas, levou Rumecaõ atropelado ao campo, ficou senhor das trincheiras, outra vez clamou victoria.

Aquelle Chéfe vendo que a sórte do dia toda estava dependente de huma batalha em campanha raza; elle marcha a unir-se com Juzarcaõ, que derrotado por D. Joaõ Mascarenhas, tambem buscava o campo com as trópas do seu partido. D. Joaõ tinha seguido este General na sua retirada das trincheiras até a Cidade, aonde entrou de envolta com elle, atropelando montes de cadaveres inimigos, que degolava a sua espada invencivel. Daqui despedio hum Ajudante a avisar D. Joaõ de Castro, como elle ficava postado no meio da Praça da Cidade de Dio, já vencidos por aquella parte os Barbaros. Elle recebeo esta noticia com alvoroço, quando fazia retroceder a Rumecaõ, e ordenou a D

Joaõ

Joaõ Mascarenhas se sustentasse no lugar, em que estava, até que elle se lhe unisse. Rumecaõ superior á sua fortuna contraria, naõ só pela noticia, de que D. Joaõ Mascarenhas sobre Juzarcaõ se tinha neste dia excedido a si mesmo; mas para evitar o desbarato de Mojetacaõ, e de Alucaõ, que já naõ podiaõ sustentar-se na face de D. Alvaro de Castro, e de D. Manoel de Lima; elle marcha para mais longe; reune todos os seus Generaes; chama as trópas dispersas por tantos lugares; fórma-as em hemicyclo, de sorte que as suas alas occupavaõ hum grande terreno para tomarem os Portuguezes no meio, e com esta figura marcha intrépido a sustentar braço a braço geral a batalha, que logo se mostrou horrorosa.

Era vulg

O Governador á vista da resoluçaõ dos inimigos, dá nova fórma ao Exercito. Encarrega a vã-guarda a seu filho D. Alvaro; e para lhes mostrar, que naõ os temia, move-se das trincheiras a arrostallos no campo, se com inferioridade no número, com superioridade de valor em igualdade de terreno. D.

Alvaro ſe lançou com impetuoſidade ſobre os Barbaros. Deo-lhes huma carga ſerrada de fuzilaria, que deitou muitos a terra. Entraõ os Portuguezes a ſervir-ſe das lanças, e das eſpadas. O eſtrondo dos golpes fazia retumbar os éccos nas cavidades do terreno; mas correndo a eſte lugar o groſſo de tantos mil inimigos, D. Alvaro eſteve nos termos de perder-ſe, naõ lhe valendo a gentileza, e conſtancia, com que peleijava para poder ſer ſoccorrido. Na meſma figura ſe conſiderava o ſeu fiel camarada D. Manoel de Lima: ponto critico, em que a Providencia trouxe ao centro das trópas deſordenadas o Cuſtodio dos Franciſcanos com o Santo Crucifixo rodeado dos ſeus pios, e impávidos Religioſos, como ſoldados do Senhor dos Exercitos.

Ás vozes deſte grande Varaõ acudíraõ todos a levantar os olhos ao monte, donde lhes havia vir o ſeu auxilio; e mudados de repente em outros homens, os dous Fidalgos na téſta das trópas reanimadas entraõ a fazer tal carnage nos inimigos, que os arrancáraõ do campo,

po, começando-ſe a declarar a victoria. Era vulg.
Quando ambos os perſeguiaõ com mais de ardor, que de ordem, Rumecaõ cahe ſobre elles com hum corpo de reſerva, e toma huma tal ſuperioridade, que a meſma victoria já parecia favorecer a ſua corage. Em taõ grande aperto de nada ſervio a vinda de D. Joaõ de Caſtro com os Fidalgos da ſua companhia, que obravaõ proezas ſuperiores á imaginaçaõ. Os Portuguezes viaõ tudo perdido por todas as partes. Já naõ os combatiaõ ſó os ſoldados. Toda a chuſma da peonagem, dos criados, dos vivandeiros, dos eſcravos lhes faziaõ crua guerra com páos, pedras, e infinitos tiros de arremeço. Entaõ ſuccedeo acertar huma das pedras perdidas no braço do Santo Chriſto, que lhe ficou pendente, como ſe neſta acçaõ quizeſſe moſtrar-ſe aos filhos inclinado, aos Infiéis cahido.

Deſte ſucceſſo ſe ſervio o Cuſtodio dos Franciſcanos para aquecer as corages pelas ſuas exortações patheticas. Ah! religioſos Portuguezes, Cavalleiros de Jeſus Chriſto, lhes diz elle, aqui ten-

des

a vulg. des na vossa face outra vez affrontado, novamente ferido o vosso Deos ás mãos dos impios. Como reina elle entre vós neste madeiro, se vós o deixais despedaçar no seu mesmo throno? Ah! Portuguezes, vinguemos a Deos aggravado; derramemos por elle o nosso sangue; porque elle por nós primeiro derramou o seu: vamos todos a vencer, ou a morrer: segui-me, filhos; mostremos a estes Barbaros, que com Deos naõ se zomba; que os Portuguezes naõ saõ capazes de consentir, que se zombe de Deos. Assim fallando, e movendo o Estandarte da Cruz, o piedoso Padre se lançou aos inimigos transportado daquelle zelo da Casa do Senhor, que come os espiritos, muitas vezes sem elles sentirem, que se deixaõ comer. Todos os soldados o seguem extacticos nos transportes marciaes, clamando a altas vozes *Misericordia*, *Valor*, dando com valor golpes sem misericordia.

Hum só impulso mais que humano em vingança do Deos dos Portuguezes, elles cortando cabeças para todos os lados, mettem os inimigos em desordem:

dem: no ſeu campo ſoa a retirada. Já desarmados, e fugidos os Barbaros, buſcaõ o azilo da Cidade, até onde D. Alvaro, e D. Manoel os perſeguem; aonde D. Joaõ Maſcarenhas, ſempre victorioſo, acaba de decidir da ſua parte a ſórte de taõ formoſo dia. Eſtes tres Chéfes, fartos na Cidade de ſangue, e de carnage, marchaõ em hum corpo em demanda de D. Joaõ de Caſtro, que ſe ſuſtentava no campo ignorante de tantos vantajoſos ſucceſſos. Entaõ ſe poz na ſua preſença Sebaſtiaõ de Sá, que deſembarcava em Baçaim curado das feridas, que recebêra em Dio; e quando ſe congratulava com elle da victoria, teve de ſe ſervir das mãos para nova batalha. Taõ grande era o poder de Cambaya, que com as reliquias dos ſeus eſtragos intentou Rumecaõ fazer-nos huma nova guerra.

Era vulg.

Quando os noſſos Capitães no campo ſe felicitavaõ com o Governador do triunfo; elle rebentou como mina com hum corpo de oito mil homens, acompanhado dos bravos Juzarcaõ, Mojatecaõ, Alucaõ, e Accedecaõ, que neſ-

to

ra vulg. te dia nada ficáraõ devendo á honra. Para o novo Exercito ser tomado pela frente, e pelo flancos, D. Joaõ de Castro separou do seu corpo os de D. Joaõ Mascarenhas, de D. Alvaro de Castro, e de D. Manoel de Lima, que se arrojáraõ aos Barbaros com hum furor extremo picado da confiança. Gabriel Teixeira remetteo com o Alferes de Rumecaõ, e lhe arrancou das mãos a Bandeira, que logo arrastou pela terra. Este General sustentou o choque em homem desesperado. A Juzarcaõ ferido, e deitado a terra, por ser quem era se lhe concedeo a vida, e foi feito prisioneiro. Outros setecentos tiveraõ a mesma sórte, porque encontrráraõ aos Portuguezes já cançados de matar. Mojatecaõ déveo a liberdade, e a vida á ligeireza de hum cavallo. Alucaõ, Accedecaõ, e outros Officiaes distinctos acabáraõ no leito da honra.

Rumecaõ vendo tudo perdido, com o intento de salvar a pessoa nos disfárces do cargo, vestindo a farda de hum simples soldado, se deitou entre os mórtos. Elle entrou logo no seu número, in-

indo huma pedra despedida por maõ occulta esmagar-lhe a cabeça. Jorge Nunes, que pelo tratar vivo, o conheceo cadaver, lha cortou, e com este despojo ao hombro, para o matisar o seu sangue, o foi pôr aos pés de D. Joaõ de Castro: ultimo revez da fortuna, que tanto abateo o cerebro, aonde a soberba concebeo altos os pensamentos da vaidade. Entregou-se a Cidade ao saque: a preza igualou a victoria. Ella nos custou trinta e cinco mórtos, e 200 feridos. As despezas da Armada ficáraõ bem resarcidas com a quantidade de artilharia das estancias, com os thesouros, cópa, e tapiçarias de Rumecaõ, que se acháraõ no Palacio do Rei. Com esta victoria taõ completa se acabou o segundo sitio de Dio, que fez em todo o Mundo muito maior estrondo, que o primeiro. A D. Joaõ Mascarenhas se deveo tudo. Grande glória adquirio; mas o seu premio foi a glória.

Era vulg.

CA-

CAPITULO VI.

Do que obrou o Governador D. João de Castro depois de vencida a famosa batalha de Dio, e outros successos deste anno.

[...]ra vulg. VENCIDA a batalha de Dio, que podemos chamar milagrosa, se houvermos de accreditar o depoimento dos mesmos inimigos, que affirmáraõ, como na duraçaõ della víraõ sobre as ruínas da Igreja huma Mulher brilhante, que com os seus raios luminosos os cegava: D. Joaõ de Castro, ainda que vencedor, olhando para o campo, aonde a gentileza da victoria estava misturada com a fealdade dos destroços na imagem horrorosa da mórte, derramada nelle por muitos modos, naõ póde escusar-se ás sensações da humanidade sobre os mesmos contrarios vencidos. Naõ sendo já inimigos os homens, que ficáraõ na Ilha; a maior parte fugidos; ao furor dos Portuguezes immolados mais de cinco mil; depois delle cho-

chorar nos mórtos a desgraça, nos vivos a miseria, mandou desfazer o muro da contenda, romper as pontes, que communicavaó a Ilha com o continente, e voltou as attenções para a Fortaleza, que era hum monte confuso de ruinas: ellas a sua segunda lástima, que lhe cobriaó o objecto da primeira; causas da perda de hum filho, se por digno de grandes esperanças, muito para chorado; pelo amor terno da paternidade, sempre para sentido.

Era vulg.

Reparar esta importante Praça, e castigar Cambaya com a continuaçaó da guerra foraó empenhos, que D. Joaó de Castro entendeo indispensaveis á sua reputaçaó. Para os executar ao mesmo tempo, sobre hum ouvio o voto dos Engenheiros; para o outro despedio a D. Manoel de Lima com trinta navios, e ordem de metter á fogo, e sangue toda a cósta de Cambaya, sem tocar na Cidade de Goga, por lhe constar, que nella se haviaó refugiado as trópas, que escapáraó da batalha de Dio. Em quanto este Fidalgo se levava, os Engenheiros entendendo que gastaria mais

tem-

tempo, e maior despeza reparar as ruinas da Praça, que fazer outra Cidadela de novo; elles apresentáraõ ao Governador outro plano mais regular, e mais amplo, em que se entrou a trabalhar sem perda de tempo. Mas porque a continuaçaõ destes dous projectos pertence ao anno seguinte de 1547, nós devemos concluir os acontecimentos respectivos ao presente de 1546.

Em Portugal corria a aura benigna da paz sem perturbaçaõ, para respirar bem ao largo o excesso do luxo, que alimpava todos os suores da Africa, Asia, e America. Na segunda destas tres partes do mundo vimos nós o quanto foraõ illustres os de Francisco Pereira Pestana; em tudo bem semelhantes ao [illegible] derramou antes na primeira das [illegible] partes da terra. Pela sua gran[illegible] unida a tantos serviços bri[illegible] [illegible] ceo elle em Lisboa, que [illegible] iz o visitasse na sua pe[illegible] [illegible] de. Fez este Princip[illegible] [illegible] o muito, que sempr[illegible] [illegible] is seu Pai, e Irmaõ [illegible] das mercês de ambos,

bos, lhe rogava, quizesse dizer-lhe a que elle agora pretendia para a pedir em seu nome. O generoso Fidalgo de coraçaõ grande, que só lho podia encher a gloria, que naõ era do mundo, respondeo ao Infante: Vossa Alteza peça a El-Rei, que me augmente esta febre para me acabar mais depressa. Quasi todos os Heróes Lusitanos daquellas épocas espiráraõ entoando como cisnes letras semelhantes. Fatalidade entaõ de Portugal, naõ conhecer o merecimento dos maiores homens, ou conhecendo-o naõ o recompensar.

Era vulg.

O Imperador Carlos V. instava com El-Rei, seu cunhado, acceitasse da sua maõ a insignia da Ordem Militar do Toesaõ, que elle repugnava com o pretexto das difficuldades de satisfazer as obrigações da mesma Ordem. A verdadeira era escusar-se, de que o Imperador se persuadisse, que ella accrescentava alguma cousa de mais luminoso ao caracter da Sua Magestade. Porém rendido ás persuasões, ordenou a Lopo Furtado de Mendoça, Embaixador em Castella, dissesse da sua parte ao Impe-

rae

Era vulg. rador, que eſtava prompto para receber a inſignia. Elle lha mandou logo a Almeirim por hum dos Heraldos da Ordem, e o Rei a recebeo na ſua Capella com pompa moderada. Annos depois deo elle os ſeus poderes ao Duque de Saboya, ſeu ſobrinho, para aſſiſtir em ſeu nome na Aſſembléa do Concilio, que Filippe II. celebrou em Anvers.

Nos negocios de Africa, ainda que menos conſideraveis, naõ deixavaõ de haver movimentos. Francisco Botelho, Governador de Tangere, ſoube que os Alcaides Muleï Mafamede, e Hazem com engodos de cubiça intentavaõ ſobprendello em huma emboſcada, e cuidou de ſe prevenir. Pela indúſtria de tres Cavalleiros eſcolhidos pode elle trazer os Mouros a campo, batellos com partido deſigual, e pôllos em fugida com perda de mórtos, e feridos. Neſte choque ſe acháraõ trinta Fidalgos, que entaõ ſerviaõ em Tangere, e nas feridas, que recebêraõ nelle, moſtráraõ o valor com que ſe conduzíraõ. Os Portuguezes perdêraõ quatro homens,

mens, entre elles o Adail, em cujo lugar foi nomeado no mesmo campo Diogo Lopes da França, Fidalgo de excellentes qualidades, que depois governou a Cidade, como muitos dos seus descendentes, até que ella passou da nossa Coroa para a de Inglaterra, dada em dote á Rainha da Graõ-Bretanha D. Catharina, filha d'El-Rei D. Joaõ IV.; e aquella Familia para Tavira.

Em vulg.

Em outras expediçoẽs de maior crédito se occupava Luís de Loureiro, largos annos Governador de Mazagaõ, até encontrar a mórte no exercicio das armas, em que empregára a maior parte da vida. O Xerife de Marrocos, ainda que soberbo com as victorias, agora amigo da tranquillidade, determinou remover do seu Reino as occasiões da guerra, e despovoar a Cidade de Azamor, que pela visinhança de Mazagaõ dava causa a rompimentos contínuos. Deste projecto o divertíraõ tres Cacizes veneraveis entre os Mouros pelos seus prestigios, que elles adoravaõ santidade respeitavel. Estes homens com mais confiança nas suas virtudes, que

no

Em vulg. no esforço das armas, se offerecêraõ ao Xerife para irem em pessoa conservar Azamor a coberto das tentativas Portuguezas. Luís de Loureiro informado da presumpçaõ dos Santões, huma madrugada ataca a Praça, põe a gente em fugida, e captiva os Cacizes, que se deixáraõ ficar confiados de conseguirem sós huma victoria com a invocaçaõ dos seus auxiliares nos exercicios da Theurgia, em que os acháraõ occupados.

Para desaggravar esta affronta, o Xerife mandou correr os campos de Mazagaõ, por quatro mil cavallos. O Loureiro com cento e cincoenta faz muitos em póstas, e persegue os fugitivos oito legoas até aos poços de Ailhon, que largo tempo déraõ o seu nome, e conserváraõ entre os Barbaros a memoria deste choque. A injúria renovada pedia maior despique. Ordenou o Xerife ao Alcaide Amubendaud, que com seis mil cavallos voltasse a Mazagaõ; que com dexteridade armasse emboscadas, em que cahisse o Loureiro, e que ou vivo, ou morto lho trouxesse a Marrocos. Conduzio-se o Alcaide

com

com a dissimulaçaõ, que lhe fora encarregada: soube esconder bem duas partes da sua trópa, e com a terceira se deixou vêr da Praça para Luís de Loureiro sahir, e o atacar no campo. Elle o fez com 120 cavallos, e 300 infantes; mas andado pouco terreno se vio rodeado dos Barbaros. Os seus o aconselháraõ que se retirasse, para que hum Chéfe da sua reputaçaõ naõ cahisse na nota de temerario. Como o farei, replicou o Loureiro, deixando a infantaria exposta? Percamo-nos todos, aonde ella se arrisca.

Era vulg.

Transportado deste impulso do animo, elle se bota aos Mouros como raio. Sustenta o campo largo tempo; mas atropelado da multidaõ, perde a fórma. Geral a desordem, pode ajuntar vinte cavallos para no centro delles salvar hum filho seu de quatorze annos, Moço de grandes esperanças. A cautéla naõ pode impedir que elle fosse degollado com outros companheiros, nem o Loureiro escusar-se á acçaõ nova de fugir; mas abrindo caminho com a lança enristada pelo centro dos Esquadrões ini-

Era vulg. migos. Hum Mouro, que o ſeguia, lhe derrubou o cavallo, que cahio atraveſſado na vã-guarda dos Barbaros. O bravo Lazaro Martins ſe apeia, faz frente aos inimigos, dá lugar a que o Loureiro monte no ſeu cavallo; eſte ſe ſalva em Mazagaõ, o Lazaro fica captivo. Quatrocentos homens perdemos neſta deſgraça. Cortadas as ſuas cabeças, e a do filho do General, o Alcaide as mandou a Marrocos por teſtemunho da ſua incrivel victoria. Certa Moura recolheo huma dellas para fazer a Mafoma o obſequio de a injuriar. Convida as viſinhas para aſſiſtentes da ceremonia; e reparando com attençaõ, conhece que a cabeça era de ſeu marido. Diminuio eſte ſucceſſo a reputaçaõ do triunfo, crendo Marrocos, que o Alcaide para o fazer mais ſolemne mandára tantas cabeças de Portuguezes, como de Mouros.

Como entre ellas naõ hia a de Luís de Loureiro, o Xerife naõ ſe moſtrou ſatisfeito do preſente, e quiz approveitar-ſe do intereſſe dos reſgates, que entaõ negociavaõ em Marrocos o Andaluz

Fer-

Fernaõ Gomes de Almodovar, e Diogo de Torrés, tambem Castelhano. O Loureiro, grato ao seu bemfeitor Lazaro Martins, se servio delles para lhe conseguir a liberdade: empenho difficultoso, por ser o Lazaro hum homem muito estimado em Marrocos, visto com admiraçaõ, como primeiro valente, que por salvar o Capitaõ expoz a vida, e se deixou fazer escravo. Elle poupou a Luís de Loureiro as diligencias; porque com o seu natural desembaraço, animou sete companheiros, rompeo as prizões, e como práctico na terra, entrou com elles saõ, e salvo em Mazagaõ.

Era vulg.

Quando os Christãos sentiaõ esta quebra, o Xerife foi testemunha de huma injúria do Alcoraõ. Em huma Mesquita, acompanhado dos seus Cacízes, expiava elle com as suas superstições barbaras a indignaçaõ de Mafoma, quando entra pela porta hum homem de figura horrivel, huma imagem da penitencia, hum retrato dos antigos Anacoretas, sóbe ao lugar mais alto da Mesquita, e em voz Araba clama atroando

Era vulg. as abobedas: Christo vive, Christo vence, Christo reina, e ha de vir julgar os vivos, e os mortos: tudo o mais he patranha. O Xerife irritado ordena que o matem. Os Cacizes com a piedade inspirada pelos actos de Religiaõ, que estavaõ exercitando, rogaõ compassivos se contente com o mandar sahir da Mesquita; porque o transporte daquelle homem era huma innocencia. Assim se executou; e Diogo de Torres perguntou a este homem quem era, e qual o seu designio nesta acçaõ. Elle lhe responde, que era hum Hespanhol de Truxillo duas vezes desgraçado; huma por se haver feito Mouro, outra porque arrependido do seu peccado, vindo dar a vida por Deos na confissaõ da Fé, o Xerife o deixára com ella.

Poucos tempos se passáraõ sem acçaõ em Africa, até o anno seguinte, em que Tristaõ de Ataide foi governar Mazagaõ, e Luís de Loureiro passou para Tangere, aonde tinha de pôr termo com a vida ás suas gentilezas. Elle se empenhou ardente em huma batalha com os Mouros, desiguaes os partidos

na

na fórma do seu costume, intrépido como sempre; mas cançada a fortuna de lhe soffrer a confiança, morreo nella com alentos de luz, obrando quando espirava mais brilhantes as façanhas. Pelo mesmo tempo mandou o Xerife martyrisar em Marrocos hum Mouro Catecumeno, que nos servia em Mazagaõ. Elle soffreo os tormentos com constancia catholica; e tomando nas mãos o seu sangue, que lançou sobre a cabeça, acabou dizendo: Pois fiz quanto pude para obter o Baptismo, e naõ o alcancei, neste do meu sangue derramado por Jesus Christo espero alcançar a sua misericordia. Quiz Deos provar com milagres a gloria, que foi gosar este seu confessor invicto.

Era vulg.

CAPITULO VII.

Do que obrou D. João de Castro em Dio até se recolher a Goa, e das expedições de D. Manoel de Lima, e de D. Jorge de Menezes Baroche na costa de Cambaya.

Era vulg. 1547

O GOVERNADOR D. Joaõ de Castro, que nós deixamos occupado na renovaçaõ da Fortaleza de Dio, elle se affligia na consideraçaõ da falta de meios para huma obra de tanta importancia. Necessitavaõ-se 20$000 pardaos: os cofres Reaes estavaõ vazios: para os pedir prestados naõ tinha, que empenhar; e como lhe faltavaõ joias, fez penhor das barbas. Elle despedio para Goa a Diogo Rodrigues de Azevedo com a noticia da victoria, e por elle escreveo ao Senado da Camara, representando-lhe: Que a Fortaleza d'El-Rei, que era a segurança do Estado, estava por terra: Que se precisavaõ 20$000 pardaos para o seu reparo, e naõ os havia: Que ao Governador pobre da India lhe fal-

ta-

tava, com que abonar ainda a mais tenue quantia: Que para a pedir áquelle Senado, lhe quiz mandar os ossos de seu filho D. Fernando, o que naõ fazia por se acharem cobertos de carne: Que em extremidade taõ pressante arrancára os cabellos da barba, que lhe remettia, para sobre elles lhes prestarem a quantia declarada; bem certo o Senado, que quem empenhava as barbas honradas, as desempenharia com honra no primeiro dinheiro, que se cobrasse.

Era vulg.

Naõ he disivel a impressaõ, que esta carta acompanhada das faustas noticias da victoria fez em Goa. Os homens em competencia, e com exemplo inimitavel as Damas, desguarnecendo-se dos seus mais ricos adereços, ajuntáraõ, naõ só a quantia pedida, mas muito mais avultada, que juntamente com os penhores, e com huma carta concebida em termos graciosos, e attentos remettêraõ ao Governador. Elle recebeo sensivel esta marca da fidelidade Portugueza, e restituio em ser o mesmo dinheiro, e joias já desnecessarios, por haver fornecido as despezas da obra a

im-

Era vulg. importante carga de huma náo, que Antonio Moniz Barreto tomára nos mares de Cambaya. Esta preza, á derrota do Exercito em Dio, os estragos, que D. Manoel de Lima fazia por toda a cósta mettêraõ em tanta desesperaçaõ a Sultaõ Mamud, que mandando vir á sua presença a Simaõ Feio, a Athanasio Freire, e a alguns trinta Portuguezes captivos, teve o recreio de os vêr fazer em mĩudas póstas, menos tomado do assombro da sua constancia passmosa, que frenetico nos transportes de huma ira brutal, em qualquer homem barbara, em hum Rei infame.

Em quanto o Governador se entretinha na obra de Dio, D. Manoel de Lima devastava sem piedade a cósta de Cambaya. Levado por hum tempo rijo á embocadura do porto da Cidade de Goga, vio que os moradores, e soldados com o temor da sua chegada fugiaõ em bandos para o campo. Em tal conjunctura interprete das ordens, que lhe vedavaõ assaltar esta Cidade; elle se postou em terra, e derramando o furor, deixou a infeliz Goga hum especta-

ctaculo de horrores: apenas ficou alli signal, de que houve Goga no mundo. Informado por tres homens, que dei-xou com vida, em quanto serviaõ para lhe dar noticias, de que em certa Vil-la huma legoa distante estava quanti-dade da gente, que escapára da batalha de Dio, levando-os por guias, lhe foi fazer huma visita. Antes que amanhe-cesse, os miseraveis, que naõ a espe-ravaõ, e no interior da terra se tinhaõ por seguros, huns morrêraõ sem acor-dar, outros acordáraõ para morrer. Es-te massacro foi espantoso; o incendio lamentavel; os Pagodes pollutos sem expiaçaõ por salpicados com o sangue das vaccas; os tres captivos já inuteis enforcados em outro Pagode; segunda mancha indelevel entre aquelle Gentilis-mo, que teve de buscar para as adora-çõe novos lugares.

Em vulg.

Estragos semelhantes experimentou o resto da cósta, e D. Manoel bem vin-gado se recolheo a Dio, de que estava nomeado Governador sem effeito, com a Armada carregada de despojos pre-ciosos. Mas D. Joaõ de Castro ao par-

tir

Era vulg. tir para Goa lhe deixou naquelles mares hum bello substituto em D. Jorge de Menezes, que nós vamos vêr conhecido pela alcunha de Baroche em memoria do destroço desta Cidade magnifica. Elle chegou á sua vista com seis navios, e sabendo que Madre Maluco seu Donatario tinha idò para a Corte de Amadaba, deixando-a pouco guarnecida, D. Jorge determinou atacalla. A grandeza de Baroche, e a sua grande reputaçaõ tinha cheios de confiança os moradores para viverem em descuido. D. Jorge se aproveitou delle no quarto d'Alva, entrando-a a fogo, e sangue, sem distinçaõ de sexo, ou idade. As vidas, e casas foraõ objectos do furor, as riquezas da cubiça. Este feito naõ imaginado causou na India tal estrondo, que D. Jorge se honrou com elle tomando o apellido de Baroche. Em fim, elle, e D. Manoel de Lima corrêraõ no espaço de cinco mezes toda a cósta, e fizéraõ por toda a parte hostilidades taõ cruéis, e taõ frequentes, que naõ se viaõ mais que destroços do ferro, do fogo, da cólera.

D.

D. Joaõ de Castro fazia trabalhar com pressa nas obras da Fortaleza para se recolher a Goa, aonde o chamavaõ negocios importantes; mas teve de entrar em novos cuidados sobre pessoa habil, que tinha de eleger para o governo de Dio. D. Joaõ Mascarenhas determinava ir plantar no Reino as palmas do seu triunfo: os Fidalgos, como elle as colhêra todas, naõ queriaõ ficar no campo inculto sujeitos á fadiga de o trabalharem de novo: o Governador se affligia da geral repugnancia, e teve de tentar o zelo de D. Manoel de Lima, que naõ obstante estar despachado com o governo de Ormuz, e vèr o de Dio por tantos rejeitado, elle o acceitou, e se dispunha a servillo. Mas chegando de Luiz Falcaõ o aviso, de que Ormuz ficava ameaçada de huma invasaõ dos Turcos; de Baçaim a noticia de ser morto o benemerito Fidalgo D. Manoel da Silveira, a quem o Governador queria encarregar aquella Praça: D. Manoel de Lima naõ quiz perder aquella occasiaõ de honra, partio para Ormuz, e o grande D. Joaõ Mas-

Em vulg.

Mafcarenhas fe offereceo generofo para continuar com os trabalhos de Dio, até haver occafiaõ opportuna de fe lhe dar fucceffor.

Bem provida a Fortaleza de artilharia, viveres, munições, e gente; embarcado o grande canhaõ, chamado de Dio, que veio para o Forte de S. Giaõ de Lisboa; deitado hum pregaõ, para que os moradores da Cidade vieffem com fegurança para os feus antigos domicilios; o Governador D. Joaõ de Caftro fe embarcou para Goa, aonde chegou aos 11 de Abril. Nefta Capital era elle efperado com huma impaciencia extrema; e porque o queria receber com applaufo foberbo, o fez demorar tres dias em Pagim para fe acabar de preparar o triunfo, que teve muito de imitaçaõ com os antigos dos Romanos. No dia determinado entrou a Armada no porto empavezada, e brilhante. Saltou em terra o Governador magnificamente veftido: depois o Exercito, que fe formou na mefma figura, em que deo a batalha. Elle hia debaixo de hum rico Pallio coroado de pal-

ma, com outra na maõ: junto a elle seu filho D. Alvaro: pouco adiante Fr. Antonio do Casal com o mesmo Santo Christo arvorado, como no dia da acçaõ.

Era vulg.

Seguia-se a Bandeira Real: logo o General prisioneiro Juzarcaõ: depois as nossas Bandeiras arvoradas, as de Cambaya arrastando, entre humas, e outras todos os captivos, que passavaõ de seiscentos, mettidos em ferros, na mesma figura do seu General com os olhos baixos, e as mãos cruzadas. Formava outro corpo parte da artilharia, que se tomára, com muitas carretas de outras armas, e despojos: caminhou o apparato brilhante pelas ruas principaes da Cidade, que estavaõ armadas das ricas tapiçarias da India. Quando Juzarcaõ, e os mais captivos melancolicos representavaõ o espectaculo triste da adversa fortuna; nos ares resoavaõ em louvor do triunfante feliz os elogios, as acclamações do Povo, os éccos das poesias, das cantigas, dos jógos, de quanto podia concorrer para fazerem magnifico o triunfo. As Da-

mas

tra vulg. mas mageſtoſamente veſtidas, ellas o melhor ornato das janellas, lançavaõ ſobre o Vencedor cópia de flores, aguas odoriferas, ardiaõ perfumes cheiroſos, que embalſamavaõ o ar. As figuras da Fortaleza poſta em ſitio, da Eſquadra navegando, do Exercito combatendo, da Batalha ganhada, elevavaõ a pompa a hum aparelho ſoberbo. Pompa, que ouvindo-ſe a ſua relaçaõ na Europa, peſſoa alguma formou della juizo mais ſólido, que a Rainha D. Catharina, quando diſſe: Que D. Joaõ de Caſtro tinha vencido em Heróe Chriſtaõ, e triunfado como Conſul Gentio.

Coberto de glória na India o Governador D. Joaõ de Caſtro, que pouco depois foi remunerado pelo Rei, e Infante D. Luiz com grandes honras por eſcrito, e condecorado com o caracter de Viſo-Rei por outros tres annos; elle ſe encheo de complacencia com as noticias dos progreſſos da Religiaõ Chriſtã na Ilha de Ceilaõ. Mandára El-Rei cultivar eſta Miſſaõ pelos Religioſos Franciſcanos debaixo da obediencia do ſeu Cuſtodio Fr. Antonio do Padraõ.

El-

Elles recolhêraõ copiosos fructos da Divina palavra, naõ só no Reino de Cota, e lugares maritimos, mas no coraçaõ da Ilha, aonde fizéraõ adorar o Nome do Deos vivo. No Reino de Candea o seu Soberano se deixou tocar dos mesmos sentimentos do Povo, e para naõ temer na mudança dos Dogmas a opposiçaõ gentilica, escreveo por hum dos Padres ao Governador da India, para que o soccorresse, até levar avante os seus designios santos. O Governador com o alvoroço, que nascia da sua piedade, despachou logo a Antonio Moniz Barreto com huma Fróta, em que levava 150 homens para promover os intentos daquelle Rei.

Era vulg.

Este Fidalgo, que achou mudado, e resoluto a matallo com toda a sua gente, o Rei de Candea suggerido pelo Madune; elle cometteo huma retirada atravessando toda a Ilha de Ceilaõ sem largar as armas de dia, e de noite, que fez esquecer a de Decio, quando cercado no monte Gauro atravessou o Exercito dos Samnites; a dos famosos Catalães na expediçaõ da Grecia; a do me-

Era vulg. memoravel Meſtre de Campo Luiz Barbalho na guerra do Brazil, cortando com mil homens 400 legoas dos ſeus deſertos enormes, já combatendo com as féras, já com os Hollandezes, até os pôr em ſalvo na Bahia, ſendo ellas as mais decantadas, que celebra a fama. Neſta longa derrota, em que foraõ tantos os choques bem batidos, quantos os dias penoſos da marcha; Antonio Moniz teve a felicidade de chegar com a pequena trópa inteira a Triquinimalle, de paſſar a Ceilavaca, de receber do Rei de Candea recados de arrependimento, déz mil pardáos para os ſoldados, rogativas para tornar á ſua Corte com os Religioſos Franciſcanos; mas Antonio Moniz duvidoſo da ſinceridade, ſe embarcou para Goa.

Perturbado achou elle na ſua chegada o ſocego deſta Cidade. O Hidalcaõ guardava no fundo do eſpirito a lembrança da pouca fé na obſervancia do Tratado, que os Portuguezes haviaõ celebrado com elle a reſpeito de Meale, ſeu rival ao Throno. Pretendia o Hidalcaõ que elles apartaſſem a

Meale de Goa, ou lhe restituissem as terras firmes de Bardez, e Salcete. No fim do governo de Martim Affonso de Sousa negociou elle tambem pelos seus Embaixadores, que conseguio mediante huma grossa somma se entregasse Meale á sua discriçaõ. Chegou por estes tempos á India D. Joaõ de Castro, que naõ tinha espirito para se conformar com semelhante infidelidade contra hum Principe, que os Portuguezes trouxéraõ á sua casa para encontrar á sombra da Coroa de Portugal hum asylo sagrado. Meale ficou em Goa com liberdade, e respeito; D. Joaõ de Castro naõ se embaraçou com a entrega de Bardez, e Salsete.

Era vulg

O Hidalcaõ, com o desengano da primeira pretençaõ, esforçava os Officios para alcançar a segunda. O Governador respondeo cathegorico, que as terras firmes muito antes da vinda de Meale tinhaõ sido doadas ao Estado: que os seus rendimentos ao presente serviaõ para a sustentaçaõ do mesmo Principe, a que estavaõ applicados. O Hidalcaõ picado desta resposta, ainda

Era vulg. antes do sitio de Dio, recorreo ao direito das armas: depois delle renovou a guerra, talvez soprado por Cambaya. D. Joaõ de Castro lha fez com tanto vigor, que elle a pezar da apparencia da sua justiça, teve de experimentar destroços semelhantes aos da côsta de Guzarate, e ser causa da ruina de Dabul, e de Pondá. Elle os sentiria muito maiores por effeito da alliança dos Portuguezes com os Principes visinhos, se a esse tempo naõ recebesse o Governador Expressos de Dio, em que D. Joaõ Mascarenhas o avisava como Sultaõ Mamud com hum Exercito de 150000 homens se fazia prestes para tornar a sitiar a Fortaleza, aonde lhe parecia fosse em pessoa abortar-lhe os intentos.

Quando o Governador preparava huma grossa Armada para passar ao Norte, ajudado dos donativos voluntarios, e gostosos dos moradores de Goa, e da officiosidade das Damas, que segunda vez se desguarnecêraõ para lhe enviarem as joias, sentidas de que na primeira naõ se aproveitasse do seu valor; quando a Goa chegavaõ as náos do Reino, de

Era vulg.

de que eraõ Capitães D. Francisco de Lima despachado Governador daquella Capital; Balthasar Lobo de Sousa; D. Pedro da Silva da Gama, filho do Conde Almirante, e provido no governo de Malaca, que dando-lhe a náo á cósta, trazia a gente repartida pelas outras; Francisco de Gouvea; Francisco da Cunha, e Bernardo Nacer: quando recebia ordens d'El-Rei, para á custa da sua fazenda construir em Moçambique huma Fortaleza inexpugnavel, capaz de resistir ás invasões dos Turcos, e de segurar o Commercio das minas de Çofala, e de Cuama: em Malaca succediaõ casos admiraveis pelos rogos de S. Francisco Xavier, a quem o Ceo revelou ás nossas armas vantagens superiores ás esperanças humanas. Ellas por singulares vaõ a ser a materia do Capitulo seguinte, em que nos entreteremos, até seguirmos a D. Joaõ de Castro na viagem de Dio, para que se prepara.

CAPITULO VIII.

Da milagrosa victoria, que os Portuguezes de Malaca alcançáraõ dos Achens pela oraçaõ de S. Francisco Xavier.

Era vulg.

PELO mesmo tempo, em que as armas Portuguezas na India conseguiaõ as vantagens, que eu tenho acabado de referir; Malaca gosava de huma paz perniciosa nascida da divisaõ dos Reis seus visinhos, que mutuamente trabalhavaõ por se destruirem: paz nesta divisaõ indigna, por se naõ approveitar nella de avançar os seus interesses, antes abandonando os Alliados, naõ cuidava em sustentar na balança o equilibrio, quando aquelle Principe, que tomasse a superioridade sobre os outros, seria o instrumento da sua ruina: paz, que esquecia todos os interesses do commum, unicamente applicados os homens aos individuaes por huns meios, que os submergia no abysmo dos vicios mais enormes, sem se approveitarem da divisaõ dos Mo-

nar-

narcas: huma paz origem de taes diffo- luções entre os Portuguezes, que querendo remediallas o zelo fervoroſo do grande Apoſtolo do Oriente S. Franciſco Xavier, elle teve com menos fructo mais trabalho, do que lhe cauſava a converſaõ dos Idolatras, e Mahometanos.

Era vulg

Entre outros daquelles deſcuidos reprehenſiveis, dous delles ſaõ bem memoraveis, e do ultimo reſultou o aperto, em que nós temos de vêr a Malaca, ſe nella naõ houveſſe entaõ outro Profeta, que a libertou com orações, á maneira do que reſgatou a diſſoluta Samaria. A primeira das occaſiões para as ſuas conveniencias, que deixou perder Malaca, foi a da liga de varios Reis contra o de Patane, bom amigo dos Portuguezes, que temia ſer invadido por huma Armada de 300 vélas. Entaõ eſcreveo Simaõ de Mello, Governador de Malaca, a Diogo Soares de Mello, que eſtava por Capitaõ no porto de Patane, ordenando-lhe ſe recolheſſe ſem perda de tempo áquella Cidade para ſe naõ embaraçar com algum dos Reis belligerantes. Elle, que entaõ tinha forças para alen-

tar

Ira vulg. tadas, que pode haver á maõ. Toda Malaca sentio o despreso; mas ella estava falta de meios para traçar o despique. Neste aperto chegou Diogo Soares de Mello com duas galeotas: appareceraõ duas caravellas de Mercadores: soccorro debil, se Malaca naõ tivera em si o auxilio do Ceo em hum amigo de Deos o Padre Francisco Xavier.

Elle determina resoluto, que o ultraje feito pelo Achem antes a Jesus Christo, que aos seus Fiéis, devia ser vingado. Como todos respeitavaõ de Oraculo as suas vozes, todos com elle correm ao Arsenal a vêr a imagem triste do modo, porque os Reis saõ servidos nos paizes distantes, que mandaõ pelos longos caminhos até as Cortes ir tomando estaturas apparentes aos informes falsos. Acháraõ-se no Arsenal sete cascos de fustas podres, boas para servirem ao fogo, sem haver para as remendar calafates, estopa, breo, vélas, ancoras, amarras, em fim, nem hum prégo, e maõ de official, que o pregasse. Entaõ o Santo, quando irritado mais alegre, para que a futura victoria

na

Era vulg.

ne falta dos meios humanos toda se attribuisse aos esforços divinos; elle encarrega aquelles vasos aos Capitães da expediçaõ D. Francisco Deça, cunhado do Governador, que havia ser o General, Diogo Pereira, Affonso Gentil, André Toscano, Joaõ Soares, Belchior de Siqueira, e D. Manoel Deça, para que tomassem á sua conta reparallos, e sahissem sem demora aos inimigos, com mais firmeza na Fé, que no valor.

A grande authoridade do Santo desterrou todas as dúvidas: fez-se o que elle mandava. Sahíraõ ao mar as sete fustas, as duas galeotas, as duas caravellas com 180 homens, mantimentos para déz dias, e ordem de Simaõ de Mello para naõ se exceder este termo na demanda do Achem: apparato com mais de ridiculo, que de guerreiro para affrontar, já victorioso, o respeitavel poder daquelle Principe. Até 28 de Outubro se passáraõ sete dias de navegaçaõ, e o lugar marcado pelo Governador, sem os Portuguezes terem novas dos inimigos, que buscavaõ. Passáraõ mais

Era vulg. mais dias, e houve quem dissesse, que elles estavaõ em Quedá. D. Francisco Deça queria buscallos; mas a trópa obediente ás ordens do Governador, já falta de viveres, acabado o regimento, cuidava em retroceder. O tempo contrario de 23 dias a fez mudar o intento, e procurar pórtos, em que fornecer-se. Passavaõ as semanas, e tanta tardança causava em Malaca huma consternaçaõ extrema. Hia-se perdendo a fé ás palavras do Santo: elle cada vez as dizia mais fórtes, e a mostrava mais viva.

Cresceo a afflicçaõ com a indústria de Alodin, Rei de Viantana, que veio com as suas forças para o rio do Muar pôr-se em observaçaõ sobre o successo da Fróta para se lançar sobre Malaca, sua amada Patria, a que naõ podia perder a saudade. Elle enviou hum Emissario bem ensaiado representar a Simaõ de Mello: Que sabendo como o Achem, igualmente inimigo seu, e de Malaca, havia destruido a Armada Portugueza, elle viera para taõ perto com o seu Exercito, que lhe offerecia para o soccorrer contra o inimigo commum. Simaõ

de

de Mello disfarçando no semblante os apertos da alma, disse ao Emissario, que agradecesse a seu Amo a honra, com que o tratava: que elle tinha a sua Praça taõ bastecida de gente, munições, e viveres, que sobrando-lhe para a defensa propria, desejaria empregar o resto no seu serviço contra o Achem, que tambem era seu adversario: que em quanto ao destroço da Fróta o haviaõ informado mal; porque elle acabava de receber noticias, de que os Portuguezes haviaõ feito aos Achens em póstas, sem que hum só escapasse com vida, e que lhe dava os parabens desta victoria, que lhe podia ser interessante.

Era vulg.

Em quanto o Rei de Viantana com tal reposta se sobprende, Malaca com o seu recado muito mais se consterna. Chegou a manhã do fausto Domingo seis de Dezembro, em que a Fróta Portugueza entrou no rio de Parles, Corte deste Rei, depois de padecidos muitos trabalhos, para atacar a Armada dos Achens, que nelle estava sobre ferro. Quando o combate, que logo escreveremos, se aquecia, S. Francisco Xavier

pré-

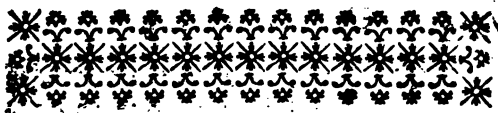
...gava ao Povo em Malaca. No meio do Sermaõ elle pára de repente; elle vai sahindo para fóra de si mesmo; elle entra em hum extasi; elle aperta os punhos com movimentos já de temor, já de alegria; elle suspira; elle chora; elle mudo falla energico; suspenso o auditorio, parecia taõ extactico como elle. Restituidos no Varaõ Apostolico os officios da humanidade, rompe o silencio, e diz: Demos graças a Deos; que neste ponto acaba a nossa Armada de vencer a do Achem: sexta feira recebereis a primeira noticia da victoria, e poucos dias depois vereis chegar a Fróta triunfante. Immediatamente entra com toda a candura a fazer hum miudo detalhe da batalha, como se a estivera vendo, na fórma seguinte:

Que o Rei de Pedir, General da Armada inimiga, para voltar á primeira expediçaõ mais arrogante com outra victoria, fora apoderar-se das terras do Rei de Parles, aonde comettêra crueldades inauditas, obrigando este Principe a refugiar-se nos Estados de Patane: Que elle se fizéra senhor de hum pos-

to, aonde actualmente construia hum Forte para cortar os viveres a Malaca, e impedir que embarcaçaõ alguma chegasse áquelle porto: Que sabendo os dous partidos da sua visinhança, em ambas as Armadas houvera hum prazer extremo, dispostos os animos para hum combate de opiniaõ: Que o Rei General fora o primeiro em mover-se com quatro fustas na vã-guarda, que elle cobria; as mais em huma bella ordem de batalha: Que á sua vista D. Francisco Deça fizera o mesmo; mas postando as fustas a coberto na Enseada, que formava huma ponta de terra para naõ ser rodeado pela multidaõ dos vasos inimigos: Que estes deraõ a sua primeira descarga de artilharia sem effeito, e que immediatamente cobríraõ o ar de huma espessa nuvem de séttas com igual successo.

Era vulg.

Pelo contrario, que os Portuguezes naõ perdêraõ tiro, taõ felices, que na primeira banda da galeota de Diogo Soares de Mello fora huma balla passar de hum a outro bórdo a Capitanea, e a mettêra no fundo com perda de cerca bre

Erá vulg. tas prisioneiras, além das queimadas por falta de marinheiros, que as conduzissem. Para complemento do júbilo de huma victoria estimavel entre as mais célebres, se soube pouco depois, que o Rei de Viantana, tomado da desesperaçaõ por vêr abortado o seu designio, depois de matar o correio, que lhe levou a nova da nossa vantagem pelas proprias mãos, se retirára de Muar para Jor, aonde D. Estevaõ da Gama o acantonára, e aonde até entaõ os Portuguezes o deixavaõ viver pacifico.

LIVRO I.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

O Governador da India D. Joaõ de Castro parte para Cambaya com huma grossa Armada; a que lhe succede; e aquelle Rei em pessoa com 150000 homens, apresenta batalha com 3000 Portuguezes.

Era vulg. 1547

HERÓICAS as acçoẽs de D. Joaõ de Castro, sublimáraõ de sórte o seu crédito entre os Principes do Indostaõ, que entre outros o Rei de Canará ajustou com elle huma Liga offensiva, e defensiva, com outras condiçoẽs vantajosas ao Estado. Este mesmo crédito, a reputaçaõ deste Tratado com hum Rei taõ poderoso, foraõ os estimulos mais fórtes, que o forçavaõ para naõ dissimular callado os movimentos do Rei

ra vulg. de Cambaya, que chamava as attenções dos Reinos do Nórte, provocava o susto das nossas Praças; eraõ as suas desmarcadas forças a materia do pavor geral dos amigos, e contrarios. Para oppôr fastosa huma a outra ostentaçaõ bellica, D. Joaõ de Castro partio de Goa a vêr o grande Exercito de Sultaõ Mamud, e a mostrar-lhe huma respeitavel Armada de 160 vélas, que foi surgir a Baçaim. O Sultaõ com a noticia de que a vã-guarda da Fróta commandada por D. Alvaro de Castro apparecêra sobre a barra de Surrate, aonde era Commandante Caracen, genro de Coge Çofar, receoso de que o Governador com todas as forças invadisse taõ importante Cidade, moveo para os seus contornos o grande Exercito, que elle mandava em pessoa.

Chegou o Governador á barra de Surrate para se incorporar com seu filho, ainda ignorante da visinhança do Rei de Cambaya, que naõ só cobria aquella Praça, mas tambem a de Baroche pouco antes saqueada por D. Jorge de Menezes. Como se receou o succes-

Era vulg.

cesso sobre a fórte Surrate, o Governador quiz fazer a Baroche outra visita, e entrou no seu porto. Mandando explorar o rio, e a terra por Francisco de Siqueira, Capitaõ dos Nayres de Cochim, elle voltou com a noticia de que descobríra o Exercito de Cambaya occupando huma vasta extensaõ de terreno: que soubera de huns pescadores se contavaõ nelle 150000 homens de armas: que o Rei vinha cingindo todo o campo com elle formado em hemicyclo, de sorte, que de huma ponta do crescente da Lua até a outra ponta havia de distancia huma grande legoa: que ambas as pontas do crescente vinhaõ pelos seus lados abraçar o rio para fecharem no centro o campo do desembarque: que avançadas do mesmo centro marchavaõ oitenta peças de campanha cobertas para naõ serem vistas por hum destacamento de seis mil homens, que traziaõ ordem de se pôr em retirada lenta ao primeiro repellaõ para levarem os Portuguezes ao fogo da artilharia, em que o Sultaõ trazia posta a maior confiança.

Era vulg. D. Joaõ de Castro, que para animar as trópas em Baçaim, ideou a puerilidade fofa de mandar fazer em público huns grandes espetos, que dizia lhe haviaõ servir para nelles vêr assar vivo o potentissimo Sultaõ Mamud, Rei de Cambaya; agora, para mostrar humas apparencias, de que a bizarria militar havia ser executada, elle determina com tres mil homens ir em demanda de Sultaõ Mamud no centro de cento e cincoenta mil para o haver ás mãos, e o mandar assar. He embandeirada toda a Fróta; galharda, e guerreira enche o rio, e córta as aguas; soaõ com écco terrivel as caixas, clarins, e trompas; pelos bórdos a gente armada faz ostentaçaõ, ou huma vista bizarra; á véla, e remo põe as embarcaçőes prôas em terra, e se fórma nella hum Esquadraõ capaz de fazer vêr no desembaraço, que se por algum incidente succeder faltarlhe o conflicto, que para elle lhe sóbra o valor.

Já á vista de hum mundo de homens hum punhado de Portuguezes, impavido D. Joaõ de Castro, que para ga-

nhar

nhar gloria ſublime lhe baſtava o arrojo de fazer ſemelhante deſembarque na face de tal Rei., elle falla aos ſeus ſoldados, e lhes diz em hum tom féro: Deixar de dar batalha a eſſe mundo de Guzarates, que tendes diante de vós, naõ convém á reputaçaõ dos Portuguezes da India: iſſo naõ ſaõ homens, he huma gente mercenaria, amiga da paga, inimiga da guerra: ſaõ as meſmas figuras, que vimos em Dio, e que ainda vem cortadas buſcar mais feridas: vamos a elles renovar-lhes humas, abrir-lhes outras de novo: vós naõ lhes podeis temer, nem o número, nem o valor: o número naõ, porque os Portuguezes na India nunca o contáraõ; o valor menos, porque o voſſo lhe leva huma vantagem infinita. Pois que receais? Que o pezo deſſa mole monſtruoſa de carne vos opprima? A voſſa he muito mais dura. Além diſſo a noſſa Armada nos ſegura a retirada de baixo do ſeu fogo, que varrerá o campo, quando nos ſeja neceſſario tello largo para aliviar-nos do pezo. Era vulg.

Aſſim fallando, o Heróe intrépido man-

Era vulg. manda romper a marcha, que avança dous tiros de mosquete do lugar do desembarque. Entaõ o rodeaõ, o fazem párar os seus Officiaes, e lhe representaõ naõ queira ser responsavel aos homens, ao Rei, e a Deos no sacrificio de tantas victimas immoladas a huma temeridade: que se contentasse com a honra que tinha ganhado em tantos heróicos feitos, e ainda ganharia em outros nas suas devidas proporções, sem se expôr a arruinar de hum golpe o Estado da India. Naõ resistio o Varaõ prudente ás reflexões maduras: suspendeo a marcha, cedeo de ser o agressor; mas esperou com a firmeza de hum rochedo tres horas no campo a resoluçaõ do Rei de Cambaya. Como este se naõ movia, D. Jorge de Menezes Baroche pedio ao Governador 500 espingardas para dar huma descarga no corpo immovel. Respondendo que naõ se contentava com golpe taõ pequeno, acabadas as tres horas se embarcou com tanto socego, como se o fizera em Goa. Diga Roma se vio destas gentilezas nos seus Fabios, Scipiões, e Marcellos.

Sa-

Sahio o Governador do porto de Baroche, e foi desaffogando o seu resentimento pelos lugares da cósta até Dio. Proveo o governo da Fortaleza em Luís Falcaõ, que chegava do de Ormuz. O grande D. Joaõ Mascarenhas foi a Cochim embarcar-se para o Reino. Na volta para Baçaim as Cidades de Pate, e Patane foraõ assoladas pelo Governador. O mesmo fez á de Dabul na viagem para Goa; e ainda que as suas vantagens sobre o Hidalcaõ nas terras de Bardes, e Salcete foraõ assás ligeiras, elle lhes engrossou a estatura com as honras de hum novo triunfo semelhante ao da victoria de Dio. Elle seria bem justamente merecido, se D. Joaõ de Castro mettesse no número das nossas conquistas a Cidade de Adem, que foi o padrasto das façanhas de Affonso de Albuquerque, aonde choçou a sua gloria: conquista, para que agora se offereceo a occasiaõ mais opportuna.

Era vulg.

O Baxá Solimaõ derrotado por Antonio da Silveira em Dio, na volta para o Estreito se metteo de posse desta Cidade soberba. Atégora a tyrannisáraõ

1548

os

Era vulg. 1548

os Turcos com tantas crueldades, que os consternados moradores de Adem pedíraõ a protecçaõ do Rei de Camphar, que os lançou fóra, e a ficou dominando. Como se receou da volta daquella Naçaõ arrogante, o Principe despedio Embaixadores a D. Manoel de Lima, Governador de Ormuz, para lhe offerecerem a Cidade, se elle quizesse ajudar a defendella. D. Manoel conveio na proposta; despachou para esta expediçaõ a D. Payo de Noronha, que com ardor a desejava; mas elle foi tisnar em Adem a gloria illustre dos Noronhas. O Rei de Camphar lhe entregou a Cidade, e elle foi sitiar o Baxá Marzaõ, que com 500 Turcos se fazia fórte em hum Castello da campanha. Quando D. Payo acabava de dar parte ao Governador da India de negocio taõ grave para o soccorrer com forças, que sustentassem a sua importancia taõ vantajosa ao Estado; elle se occupa do terror panico de trahições imaginadas, que o privaõ de outra acçaõ, que naõ seja a de abandonar Adem, e recolher-se aos navios para estar prompto

a

a fugir, quando a necessidade o pe- Era vulg.
disse.

Succedeo ao Rei de Camphar ser morto pelos Turcos na escalada do Fórte, e voltarem elles sobre Adem, que o Principe de Camphar, já novo Rei, defendeo com gentileza. Na idéa de que se sustentavaõ em huma Cidade de Portugal, para glória da Coroa obráraõ maravilhas, ao lado do Principe, Pedro Fernandes de Carvalho, Antonio de Figueiredo, Pantaleaõ da Maya, e poucos Portuguezes, que o ocioso Noronha consentia estarem em terra. Nem o valor destes bravos, nem a corage do Principe impedíraõ crescer o aperto em Adem, e o medo tanto em D. Payo, que avisou aos Portuguezes se embarcassem aquella noite com segredo, porque elle se levava. Todos obedecêraõ á ordem do seu Chéfe, excepto Manoel Pereira, e Francisco Vieira, dous homens dignos da memoria dos bronzes, impellidos por impulso superior para repararem com acções façanhosas a glória da Naçaõ offuscada pela covardia de D. Payo. Elles lhe respondêraõ: Que

co-

a vulg. controu dous informantes da ſua deſgraça em D. Paulo de Noronha, e em D. Joaõ de Ataide. O primeiro, para deſculpar a enormidade da ſua falta, engroſſou os objectos do medo: o ſegundo, para naõ faltar á eſſencia da verdade, referio ingenuo os ſucceſſos, que ſe para a honra de D. Paulo eraõ aſſás groſſeiros, para a reputaçaõ Portugueza tinhaõ muito de delicados. Dos Ilheos de Canecanim mandou elle a D. Joaõ de Ataide, que foſſe conduzir os Portuguezes dos ſeus dous navios naufragados em Camphar. Entaõ ſoube do novo Rei, como depois da retirada de D. Paulo, animado por Manoel Pereira, e por Franciſco Vieira, ſe ſuſtentára em Adem vinte e hum dias, e que ſó aquelle Fidalgo era o culpado de cahir da Coroa de Portugal huma pedra taõ precioſa.

D. Alvaro de Caſtro poz o negocio em conſelho, que reſolveo, ſuppoſta a perda de Adem, ſe voltaſſem as armas a favor do Rei de Caxem, noſſo amigo, que eſtava deſpojado de parte dos ſeus dominios. Parou eſta expediçaõ

çaõ na conquiſta do Fórte de Xael, em Era vulg.
que ſe deixáraõ matar os poucos Far-
taques, que a defendiaõ: ventura li-
geira, a que em Goa ſe deo taõ alto
tom de heróica, quanto de abatida á
retirada de D. Paulo de Noronha, que
o Governador naõ quiz vêr na India,
nem El-Rei attender no Reino. Entaõ
ſe perguntavaõ os Portuguezes quaes
eraõ as tres couſas ſuccedidas; huma,
que de amargoſa ſe fez doce; outra,
que de grande ſe fazia pequena; a ter-
ceira, que de pequena a fizeraõ gran-
de? Elles ſe reſpondiaõ, que as bom-
bardas atacadas de maçapões no triunfo
de D. Joaõ de Caſtro convertêraõ o
amargo em doce; que a conquiſta de
Baroche ſe mudára de grande em pe-
quena pela haver feito D. Jorge de Me-
nezes; que a tomada de Xael, ſendo
couſa taõ pequena, lhe deraõ eſtatura
bem grande, por haver ſido acçaõ do
filho do Governador. D. Alvaro rece-
beo em Goa as honras do triunfo por
ordem de ſeu Pai, que entendeo de-
via uſar deſta politica apparente, quan-
do vivamente ſentia a pouca vanta-

gem

Era vulg. gem do filho, e a grande quebra do D. Paulo.

CAPITULO II.

El-Rei noméa a D. Joaõ de Castro Viso-Rei da India: sua mórte, e qualidades com os successos de Garcia de Sá.

LOURENÇO Pires de Tavora, como testemunha de vista, trouxe a Portugal a relaçaõ miuda do sitio, defensa, e batalha de Dio, que déraõ assumpto á conversaçaõ das gentes, e ao assombro geral da Europa. El-Rei communicou a todos os Principes a victoria, que as suas armas acabavaõ de ganhar sobre o Monarca mais poderoso do Indostaõ; e o nome do instrumento della, o grande D. Joaõ de Castro, entrou a ser ouvido com respeito, e reverencia, elle estimado por hum homem igual em ambas as fortunas. No primeiro de Novembro partíraõ logo tres náos a levar-lhe soccorros para a guerra, e despachos para a pessoa. No seguinte Dezembro

bro ſe expedíraõ outras tres com o primeiro deſignio: aquellas commandadas por Martim Correa da Silva, que hia provído no governo de Dio, e levava a D. Joaõ de Caſtro, além das honradas Cartas d'El-Rei, e do Infante D. Luís, a prorogaçaõ de mais tres annos no governo da India com o titulo de Viſo-Rei, dez mil cruzados de donativo, e a patente de General do mar para ſeu filho D. Alvaro: eſtas ás ordens de Franciſco Barreto, que hia deſpachado no governo de Baçaim, e teve de invernar em Moçambique.

Era vulg.

Recebeo o Viſo-Rei D. Joaõ de Caſtro o deſpacho das honras caducas, quando a natureza proſtrada deixava, que o eſpirito ſe foſſe deſatando para ſahir do ergaſtulo do corpo, e ir gozar na Eternidade as permanentes. Sentindo que a debilidade das forças occaſionada de febres agudas o embaraçava para cuidar dos negocios, todos poz de parte, unicamente entregue aos da conſciencia, que he o negocio de todo o homem. Elle encarregou o governo ao Biſpo D. Joaõ de Albuquer-

que,

Era vulg. que, a D. Diogo de Almeida Freire, Governador de Goa, ao Chanceller Mór, ao Ouvidor Geral, e ao Vedor da Fazenda. Depois chamou os homens bons, os Deputados, os Prelados das Religiões, os Officiaes das rendas d'El-Rei, os dous Pilotos déstros, que elegêra para o levarem a salvamento na sua arriscada viagem, a saber, o Padre Francisco Xavier, e Fr. Antonio do Casal, Custodio dos Franciscanos. Tendo-os a todos presentes lhes fez o discurso seguinte: discurso capaz de arrancar lágrimas dos olhos dos mais insensiveis, digno da lembrança da posteridade, coroa da heroicidade de *D.* João de Castro, hum discurso só seu, verdadeiro, das pessoas do seu caracter, pouco imitado, jurando sobre o Livro dos Evangelhos as verdades, que hia a proferir, elle diz:

Mandei-vos chamar, senhores, para vos representar o estado miseravel a que está reduzido hum Viso-Rei da India. Quanto tive, e recebi d'El-Rei, despendí no seu serviço. Nem a elle, nem a pessoa alguma particular sou de-

vedor de nada. Nem hum só presente, de que eu me utilisasse, entrou em minha casa. Estou taõ pobre, que hoje naõ houve nella com que se comprar huma gallinha para este enfermo, como o Medico mandava. Mais lastimosa he a minha condiçaõ, que a do simples soldado. Este acha em hum Hospital quanto lhe he preciso para se curar. O donativo, que eu recebi da Real Grandeza, servio-me para satisfazer as dívidas contrahidas nas expedições, de que todos sois testemunhas. Fiquei sem hum real. Algum dia sobre o penhor das minhas barbas achei entre vós dinheiro de emprestimo para as necessidades do Estado. Hoje para as minhas naõ tenho valor de vo-lo pedir por meio do empenho das barbas de hum homem, que está para morrer. Naõ me fica mais refugio, em quanto naõ chegaõ as náos do Reino, que pedir aos Veadores, e Officiaes da Fazenda soccorraõ com o dinheiro d'El-Rei a minha necessidade extrema da casa, e da pessoa. Assisti-me, Senhores, com huma congrua decente na duraçaõ desta

Era vulg.

Era vulg. doença. Se virdes, que eu gaſto de mais, cortai, ſuſpendei, tende maõ no que fôr ſuperfluo. Quero o neceſſario para a vida. Em deſpender o dinheiro Real haja grande cautéla. Se houverem inconvenientes para me fazerdes eſta graça, eu a peço por eſmóla, e caridade á Caſa da Miſericordia, que me contará no número dos ſeus pobres.

De tudo quanto o Viſo-Rei acabava de dizer, e de jurar, mandou fazer hum Auto público, que todos aſſignáraõ: Auto, que nós deviamos gravar nos porticos dos noſſos Templos, nas pyramides, e columnas para confundirmos em todas as idades os Faſtos Gregos, e Romanos, as memorias dos Themiſtocles, e Fabricios, dos Diógenes, e Crateros. Os Veadores da Fazenda arbitráraõ ao Viſo-Rei o neceſſario para o gaſto da ſua caſa, que naõ fez muita deſpeza; porque paſſados poucos dias, ſempre recolhido com S. Franciſco Xavier na ſua ante-camara, entregou o eſpirito ao Creador aos ſeis de Junho deſte anno, e aos 48 da ſua idade. Buſcou-ſe o teſtam nto, que eſtava no ſeu

Co-

Cofre de resguardo, em que se achárão humas disciplinas com signaes de bom uso, e os cabellos da barba, que mandára de Dio empenhar a Goa. Morreo D. Joaõ de Castro como viveo, e mereceo ter por primeiro Panegyrista o grande S. Francisco Xavier nesta carta escrita ao Padre Ignacio Martins aos 28 de Outubro do mesmo anno: Era vulg.

A impensada mórte do Viso-Rei D. Joaõ de Castro deixou sem espiritos a todos estes Póvos, e certamente perdeo S. A. nelle o melhor vassallo, que se podia desejar; e ainda se naõ sente a sua mórte, que eu imaginei foi sonho. Se na sua vida foi espelho da virtude, e do valor; na mórte foi pejo aos Ecclesiasticos, e assombro aos seculares: aos Ecclesiasticos, porque a sua mórte naõ parecia senaõ de hum Anjo, se dizer se póde; e aos seculares, porque lançou a baliza da cubiça além da raya, deixando no desprezo dos bens profanos huma memoria, de que se póde levantar estatua; estimando em tanto a pobreza, que ainda para a comida da sua doença pedio prestado, e com taõ lim-

ra vulg. pas mãos da Fazenda Real, que ao ponto de morrer deo teſtemunho jurado, que pela conta que tinha que dar ao ſeu Creador, nada, nem valor de hum xerafim devia. Deo o eſpirito ao Senhor com tantas moſtras de Juſto, que na minha eſtimaçaõ voou ao Ceo, e ſenaõ, naõ ſei o que eu ſerei.

Eſte he o mais illuſtre de todos os teſtemunhos, que canoniſa a probidade de D. Joaõ de Caſtro, filho ſegundo de D. Alvaro de Caſtro, Governador da Caſa do Civel, e de ſua mulher D. Leonor de Noronha, filha de D. Joaõ de Almeida, ſegundo Conde de Abrantes. Taõ illuſtre como pobre, caſou com D. Leonor Coutinho, filha de D. Leonel Coutinho, que morreo com o Marechal em Calecut, da qual teve a D. Miguel de Caſtro, que falleceo Governador de Malaca; a D. Fernando de Caſtro, que morreo na mina de Dio; a D. Alvaro de Caſtro, que pelos ſeus altos merecimentos foi Embaixador a Caſtella, França, Roma, e Saboya, Conſelheiro de Eſtado, e Vedor da Fazenda d'El-Rei D. Sebaſtiaõ. Jacto-

cintho Freire de Andrade com a ſua inimitavel penna refere os ſucceſſos illuſtres de toda a ſua vida, e lhe deſcreve o caracter com eſta elegancia: D. Joaõ de Caſtro foi viſto com igual ſemblante entre as incommodidades da Patria, e as proſperidades do Oriente, parecendo ſempre o meſmo homem em diverſas fortunas. Fez brio de merecer tudo, e de naõ pedir nada. Fazia razaõ, e juſtiça a todos igualmente, ſendo nos caſtigos inteiro, mas taõ juſtificado, que mais ſe podiaõ queixar da Lei, que do Miniſtro. Era com os ſoldados liberal, e com os filhos parco, moſtrando mais humanidade no officio, que na natureza. Tratava com grande reſpeito as acções dos ſeus Anteceſſores, honrando até aquellas, de que ſe apartava. Sem eſtragar a cortezia conſervou o reſpeito, ſempre zelou a cauſa de Deos primeiro, que a do Eſtado; nenhuma virtude deixou ſem premio; alguns vicios deixava ſem caſtigo, melhorando aſſim a muitos, huns com o beneficio, outros com a clemencia. Os donativo que recebia dos Principes da Aſia, m

Era vulg.

Em vulg. dava carregar na Fazenda Real, virtude, que louvárão todos, imitárão poucos. Os soldados enfermos achavão nelle lastima, e remedio; a todos obrigava, e parecia devedor de todos. Nenhuma facção emprehendeo, que não conseguisse, sendo nas execuções promptissimo, maduro nos conselhos. Entre occupações de soldado conservou virtudes de Religioso; era frequente em visitar os Templos, grande honrador dos Ministros da Igreja, compassivo, e liberal com os pobres; devotissimo da Cruz, cujo signal adorava com inclinação profunda sem differença de lugar, ou tempo, &c.

Abertas as vias se achárão nomeados D. João Mascarenhas, e D. Jorge Telo, que havião partido para o Reino. Abrio-se a terceira, e cahio a sórte no veneravel velho Garcia de Sá, que estava presente; Fidalgo, que contava mais merecimentos, do que dias; que se conduzia segundo a simplicidade dos primeiros tempos, e que havendo passado na India a maior parte da vida, era [illegible]nario de experiencias acompa-

nha-

nhadas de probidade. O prazer dos homens na sua eleição foi á proporção da estimação geral, em que todos o tinhaõ, fossem Portuguezes, ou Indios, testemunhas contestes da candura dos seus costumes. Tudo brilhou nos primeiros dias do seu governo, fosse na renovação dos Tratados feitos entre o Çamorim, o Nizamaluco, o Cotamaluco, e outros Principes, ou fosse no ajuste na nova paz com o Hidalcaõ, que acabou por huma vez com o negocio mais critico, que durava do tempo do Governador Martim Affonso de Sousa atégora, a respeito do refugiado Meale.

O Hidalcaõ logo que soube que Garcia de Sá succedêra a D. João de Castro, lhe mandou propôr a falta de observancia dos Tratados, de que os seus predecessores abusáraõ, retendo em Goa a Meale, quando elle lhes havia cedido as terras de Bardes, e Salcete com a condição de mandarem este Principe para as Molucas, ou para Portugal: que o Estado possuia as terras, e Meale estava em Goa: que a sua equidade naõ podia consentir esta contravenção, e

Era vulg. que elle lhe pedia fizesse justiça. Garcia de Sá conduzio este negocio com tanta dexteridade, servio-se de termos taõ insinuantes, usou com o Hidalcaõ de tal candura, que elle muito á sua satisfaçaõ conveio na residencia de Meale em Goa, protestou de naõ fallar mais palavra nas pretençoes de Bardes, e Salcete, e lavrou hum Tratado de paz de mutuos interesses com satisfaçaõ completa de ambas as partes contratantes.

Sem embainhar as armas o Rei de Cambaya, punha attentos os cuidados da India, e de Portugal. A mórte de Luís Falcaõ, Governador de Dio, que estando de noite no seu quarto, huma balla lhe entrou pela janela, e sem saber-se donde veio, lhe tirou a vida; o deo grande a Garcia de Sá. Elle mandou logo a D. Jeronymo de Menezes encarregar-se da Fortaleza, em quanto Martim Correa da Silva naõ hia tomar posse; e elle preparou a Armada para fazer em pessoa a jornada do Nórte. Do 1549 Reino, depois das seis náos em que fallamos, sahíraõ mais onze em duas Esquadras para reforçarem a guerra de Cambaya,

baya, que animada por hum Rei poderoso, e estimulado, fazia que em Lisboa se lhe temessem as consequencias. A primeira daquellas Esquadras era composta de cinco náos ás ordens de Manoel de Mendoça, que levava o despacho das Fortalezas de Çofala, e de Moçambique; a segunda de seis commandadas por D. Joaõ Henriques, que hia provido no governo de Malaca. Nestas náos passáraõ á India os primeiros Religiosos de S. Domingos, que fundáraõ em Goa o Convento da sua Ordem em toda a parte luminosa.

Era vulg. 1549

Naõ foraõ necessarios estes soccorros para a guerra de Cambaya, que soube prevenir a prudencia de Garcia de Sá. O Rei Sultaõ Mamud sim estava com as armas na maõ, quando este Governador chegou ao Nórte acompanhado de huma Armada numerosa, muito mais da sua reputaçaõ, que fazia maior vulto. Soube o Sultaõ, que elle chegára a Baçaim, e despedio Embaixadores a cumprimentallo, a escusar-se dos successos passados, a queixar-se do Viso-Rei, que naõ quizera cumprir os Arti-

ti-

ra vulg. tigos da paz antes ajustada com D. Garcia de Noronha: huns Officios, que Garcia de Sá atalhou com as demonstrações sensiveis, de que o perfido Coge Çofar tinha sido a causa da rotura da concordia, que o Sultaõ podia consolidar, se quizesse obrar justo. Como as nossas escusas se conformavaõ com as instrucções daquelles Ministros; a paz foi ajustada quasi com as condições dos tratados precedentes, menos o muro de divisaõ, e nos rendimentos da Alfandega, que se haviaõ repartir entre os dous Monarcas. Por este Tratado se restabeleceo na India tranquillidade perfeita com grande vantagem do Estado, e consummada gloria de Garcia de Sá, que em poucos mezes de governo obrou mais, que os seus predecessores em annos.

Nelle se avançáraõ felizmente os progressos da Religiaõ, a conquista das almas, por effeito do zelo abrazado de S. Francisco Xavier, dos Veneraveis Padres Miguel Vaz, Diogo de Borba, e Joaõ Soares, que regenerou pelas aguas saudaveis do Baptismo o Rei de Tanor.

Es-

Este Principe convertido de coraçaõ, e confessor de bocca quiz ter a complacencia de vir vêr a Goa a magestade, com que a Igreja celebra os Officios Santos. Elle foi tratado como o mesmo Rei de Portugal, se elle viesse a esta Capital do seu Estado da India; e confirmado na Fé, voltou a ser o Apostolo dos seus Dominios: conversaõ, que communicada por El-Rei ao Papa Julio III. elle a festejou com acçoẽs de graças, procissoẽs, Pontifical, e todas as outras evidencias de prazer, com que a Igreja Militante se conforma no jubilo com a Triunfante, quando hum peccador faz na terra penitencia: jubilo maior, que o que lhe causa a perseverança de noventa e nove Justos, que de penitencia naõ necessitaõ.

Era vulg.

Para pôr termo com gosto aos seus annos avançados, Garcia de Sá vio no fim da vida outros successos felices. Elle vio casadas duas filhas especiosas, que foraõ D Leonor de Albuquerque com Manoel de Sousa de Sepulveda, huma Heroina, como mostrou na desgraça do seu naufragio; a outra D. Joanna

Era vulg. na de Albuquerque com D. Garcia de Noronha, filho do Viso-Rei do mesmo nome, ambas sem deixarem no mundo successaõ, que chegasse a netos. Elle vio socegar a guerra ameaçada de Ormuz movida pelo rebelde Bisialá, que passando á terra firme, inquietava ao seu Rei, e a D. Manoel de Lima na tranquillidade do governo. Naõ o podendo sujeitar por meio das armas, o Rei, e o Lima fiáraõ de hum gallego alentado o negocio de lhe dar a mórte, que elle executou no meio das suas trópas, avançando a habilidade em as reduzir á obediencia do seu Rei natural, mudada de repente em obediencia a rebeliaõ.

CAPITULO III.

Dos acontecimentos da America, Africa, e Europa neste anno de 1549.

EM quanto na India acaba a vida com mórte plácida Garcia de Sá, filho de Joaõ Rodrigues de Sá, Alcaide

Mór

Mór do Porto, vejamos os successos de Portugal pelas outras partes do Mundo. Até agora nada tenho eu tratado da America des do anno de 1500, em que esta grande Regiaõ foi descoberta por Pedro Alvares Cabral, como disse antecedentemente. Do meu silencio foi causa a menos importancia dos descobrimentos do Brasil, por levarem os da India todas as attenções dos Reis de Portugal, que deste anno de 1549 em diante se applicáraõ a povoar com mais desvélo aquelle grande Continente. He verdade, que antes do dito anno já se haviaõ feito viagens ao Brasil, nelle descobrimentos, e povoações, de que eu darei aqui huma breve noticia, até chegar ao ponto do tempo, em que fallamos.

Era vulg.

Depois que Pedro Alvares Cabral descobrio o Brasil, a primeira das suas terras, que os Portuguezes povoáraõ foi a Capitania de S. Vicente, que tomou o nome da Villa, sua Capital. El-Rei D. Joaõ a deo a Martim Affonso de Sousa, Governador da India, sendo já senhor da de Tamaracá seu irmaõ, Pe-

Era vulg. dro Lopes de Sousa. Do Pará foi conquistador, e povoador Francisco Caldeira de Castello-Branco, ao qual El-Rei D. Manoel fez mercê desta Capitania pelos annos de 1516. A do Maranhaõ, que se estende por 400 legoas de cósta, foi descoberta por Luiz de Mello da Silva, em 1535, e povoada por Jeronymo de Albuquerque de ordem do Governador Gaspar de Sousa. O Seará, huma vasta extensaõ de Paiz inculto situado em tres gráos e meio Austraes entre o Maranhaõ, e o Rio Grande, que nunca teve donatario, tambem foi descoberto, e mal povoado pelos mesmos tempos. Nicoláo de Resende descobrio o Rio Grande, e a sua Capitania habitada dos Gentios mais ferozes, andou sempre na Coroa. Em 1535 deo El-Rei a Paraiba ao memoravel Joaõ de Barros, que a mandou povoar por seus filhos acompanhados de 900 homens; mas elles se perdêraõ junto ao Rio Maranhaõ, e depois de passarem muitos trabalhos em huma Ilha, voltáraõ ao Reino sem nada conseguirem. Muitos annos depois a man-

dou

dou povoar o Cardeal Rei á custa da Era vulg.
Coroa por Fructuoso Barbosa.

Pedro Lopes de Sousa conquistou, e povoou a Capitania de Tamaracá, de que El-Rei lhe fez mercê, como fica dito; e depois foi de D. Antonio de Ataide, primeiro Conde da Castanheira, donde passou, por casamento, á Casa dos Marquezes de Cascaes. Duarte Coelho, que chegára a Portugal rico da India, com soldados á sua custa povoou a Capitania de Pernambuco, que obteve em premio dos seus serviços, e houve de sustentar com constancia huma dura guerra com os Gentios Caites ajudados dos Francezes, que nos perturbavaõ naquellas Colonias. Sergipe, que tem por Capital a Cidade de S. Chrystovaõ, he Capitania pobre, e que nunca foi de Donatario. Depois se segue a dos Ilheos, que tem por sua Capital a Villa do seu nome; El-Rei fez graça della em 1546 a Jorge de Figueiredo Correa, que despendeo na sua povoaçaõ muitos cabedaes; mas seu filho Jeronymo de Alarcaõ a vendeo á Lucas Giraldes, e teve depois outros des-

Era vulg. destinos. A de Porto Seguro, que tem o mesmo nome posto por Pedro Alvares Cabral na occasiaõ do seu descobrimento, foi dada pelo mesmo Rei a Pedro de Campos Tourinho, que a cultivou, e povoou; mas sua filha, Leonor de Campos a vendeo a D. Joaõ de Lancastro, Duque de Aveiro.

A Capitania do Espirito Santo, e a sua Capital da mesma invocaçaõ, foi fundada por Vasco Fernandes Coutinho, que a obteve d'El-Rei em 1525. Na do Rio de Janeiro pretendeo estabelecer-se o Francez Nicoláo Villagailhon antes dos Portuguezes a habitarem. Pellos annos de 1566 Mendo de Sá, que governava na Bahia, veio em pessoa espalhar os Francezes volantes confederados com os Tamoyos da terra. Elle deixou encarregada a continuaçaõ da conquista a seu sobrinho Estacio de Sá, que foi soccorrido pela Rainha D. Catharina, e perdeo a vida nesta guerra. Seu Tio lhe vingou a mórte, abateo os Francezes, domou os Tamoyos, sem que a estes valesse o número, aos outros a indústria. Entaõ

se

se começou a fazer célebre a Capitania do Rio de Janeiro pela fundaçaõ de novas povoações, especialmente a Cidade Capital de S. Sebastiaõ: nome, a que os Portuguezes uníraõ o obsequio ao Rei com a devoçaõ do Santo, como diremos em seu lugar. Ultimamente da Bahia de todos os Santos dizemos, que foi descoberta por Chrystovaõ Jacques, e que o primeiro Portuguez, que por caminho desgraçado a povoou, veio a ser Digo Alvares, que perdendo-se na cósta, pelo seu modo agradavel escapou com os companheiros de encontrar sepulchro horrendo no ventre dos Barbaros. Entre estes se soube Diogo Alvares fazer arbitro, e merecer grande estimaçaõ por matar á espingarda hum passaro, depois na guerra alguns Tapuyas. Este homem veio a París, donde voltou para a America; mas no tempo que esteve em França instruio a Pedro Fernandes Sardinha, que estudava em huma das suas Universidades, nas singularidades da Bahia. Na volta para Portugal o Sardinha deo parte a El-Rei do que passára com Diogo

Era vulg.

Era vulg. Alvares, a tempo que chegava da India cheio de serviços Francisco Pereira Coutinho. Em premio delles lhe fez El-Rei mercê da Provincia da Bahia com condiçaõ de a povoar á sua custa.

Francisco Pereira levou os primeiros annos em paz, que se mudou em oito da mais dura guerra. Naõ podendo já sustentar-se, se retirou para a Capitania dos Ilheos, donde ajustou a paz com os Gentios; mas voltando para a Bahia, perdido no mar, encontrou maior naufragio na terra, aonde elle, e os seus acháraõ nas mãos dos Tupinambás a mórte, nos seus estomagos sepultura. Assim tinhaõ corrido os negocios da Bahia até este anno de 1549. Como El-Rei por mórte do Coutinho havia tomado posse da Provincia, mandou nelle em cinco náos a Thomé de Sousa, Fidalgo muito honrado, com as qualidades necessarias para a importante expediçaõ, a que o seu Soberano o destinava. Elle levava as pessoas necessarias para o governo Ecclesiastico, Politico, e Militar, muitos casaes de moradores, 320 soldados, outros tan-

tos

tos degradados, e muitos artifices para fundar a Cidade de S. Salvador, que veio a ser a Capital do Brasil, Metropoli do Viso-Rei, Arcebispado, com Relação, e Arsenal, huma povoação das mais brilhantes da America.

Com viagem feliz chegou Thomé de Sousa á Bahia, e achou a Gramatão Teles em huma pequena Aldêa com 30 homens da companhia de Francisco Pereira Coutinho, que vivião em paz com os Gentios, sempre assustados da volubilidade da sua condição bruta. Elle se postou em terra com todo o apparato marcial, que os attemorisasse; com as exterioridades pias da Religião, que os attrahisse. Precedia a todos hum Jesuita carregado com o pezo de huma grande Cruz ao hombro, como representando ao Original, que com outra Cruz ás costas venceo o Sceptro do Exactor, como no dia de Madian, quando para a sua Sociedade elle tomava posse da grande Região de Santa Cruz, aonde tanto floreceo a piedade dos Jesuitas. Immediatamente se entrou á obra com tanta actividade, que em pouco tempo

Era vulg. ficou a Fortaleza acabada, e bem guarnecida de artilharia; a Cidade cercada em roda, e provida dos Officiaes necessarios para o seu governo. El-Rei se empenhou nos annos seguintes em engrandecella, e no de 1550 nomeou para seu primeiro Bispo ao mesmo Pedro Fernandes Sardinha, que em Pariz estivera com Diogo Alvares; mas perdendo-se a náo, que o levava com muita gente, elle, e os mais foraõ pasto da voracidade dos salvagens Americanos.

Por este tempo estava a Corte em Almeirim, aonde chegou Monsieur de Biron com o caracter de Embaixador Extraordinario de França para convidar da parte de Henrique II. seu Amo a El-Rei de Portugal para Padrinho de hum Principe seu filho, que lhe nascêra. El-Rei acceitou esta marca da amizade do Rei de França, e com o mesmo caracter enviou a Pariz a seu sobrinho D. Constantino de Bragança, irmaõ do Duque deste titulo, com os plenos poderes para ceremonia taõ augusta. D. Constantino assistio com a pompa, que ella requeria, e que á sua pessoa era devida,

muito mais á do Soberano, que elle re- presentava. Mas quando succeſſos taõ felices enchiaõ de ſatisfaçaõ a noſſa Corte; as vantagèns do Xerife em Africa perturbáraõ o prazer com o ſuſto das conſequencias.

Em vulg.

Eſte Barbaro, que como eu tenho moſtrado, principiou de homem particular a levantar a máquina da ſua grandeza ſobre as idéas do fanatiſmo; fazendo-ſe na Africa Miſſionario do Alcoraõ; já Rei de Sus, depois de Marrocos pela derrota de ſeu irmaõ o Xerife Mayor, agora metteo o Reino de Féz no número das ſuas conquiſtas. Elle poderoſo com o dominio de quatro Reinos taõ conſideraveis como o de Sus, Féz, Morrocos, e Velles, huma tal uniaõ de Sceptros metteo em agitaçaõ a Corte de Portugal, e a fez lembrar da neceſſidade, que tinha de guarnecer as Praças de Africa, como barreira para impedir em Heſpanha as invasões do Monarca formidavel. Levou as primeiras attenções Alcacer Ceguer, aonde ſe determinou fundar hum Caſtello *na ponta do* monte de Seynal;

que

Em vulg. que era hum padrasto com aptidaõ para poder a Praça ser batida. Foi encarregado desta obra D. Affonso de Noronha, Governador de Ceuta, juntamente com Alvaro de Carvalho, que o era de Alcacere. O bravo Luiz de Loureiro foi enviado a Andaluzia reclutar 500 homens para Tangere, 400 para Arzila, e o número, que podesse, para o Seynal. D. Affonso de Portugal, filho do Conde do Vimioso, teve a incumbencia de expedir as trópas, e de fornecer os viveres, e munições.

Avisou tambem El-Rei ao Imperador Carlos V., que se achava em Bruxellas, das novidades de Africa. O mesmo aviso fez a seu sobrinho o Archi-Duque Maximiliano, que governava por elle em Castella; representando a ambos os interesses communs, e que as galéz Castelhanas cruzassem os mares dentro, e fóra do Estreito. Condescendendo ambos os Principes com esta demanda do Rei de Portugal, D. Affonso de Noronha passa de Ceuta a Alcacere, aonde vaõ com trópas Castelhanas o Duque de Arcos, e o Conde de

Cas-

Castellar. Todos reconhecem a importancia do Forte do Seynal, em que se trabalhava com ardor sem opposiçaõ dos Mouros. Quando todos se dispunhaõ para levantarem na Mauritania novas peças de fortificaçaõ, máquinas para huma defensa vigorosa, Luiz de Loureiro chegava de Lisboa com ordem para Arzila, que era governada pelo Conde do Redondo, ser demolida, e abandonada aos Mouros: resoluçaõ, que huns sentíraõ, outros approváraõ; que se a alguns pareceo providencia, muitos na conjunctura a attribuíraõ a medo, taõ vários os sentimentos dos homens, como differentes as inclinações dos espiritos, ou os affectos dos corações.

Era vulg.

Temia-se sobre nós a marcha do Xerife, quando fizemos minar as fortificações de Arzila, que leváraõ pelos ares hum dos tres magnificos troféos, que déraõ ao Rei D. Affonso V. a Devisa gloriosa de Africano. Já se temia o mesmo destino a Alcacer Ceguer, que lhe naõ tardou, nem já havia quem reconhecesse a importancia do Seynal, pouco-

Era vulg. co antes canonisada importantissima.

Como a lisonja era o primeiro agente para se tomarem resoluçóes effectivas, entendeo-se justo que os dous grandes homens D. Pedro Mascarenhas, e seu Sobrinho D. Joaõ Mascarenhas, pouco antes chegado da India com o titulo de Heróe pela memoraval defensa de Dio, passassem ambos a Africa, e fossem elles os Juizes arbitros do que se devia fazer da Praça de Alcacer, e do Forte do Seynal. Assentáraõ estes Varões illuminados, que naõ obstante a despeza de tantas sommas até entaõ applicadas, o Seynal, e Alcacere deviaõ voar, como effectivamente foi executado.

Naõ impedio o mesmo destino sobre Arzila a negociaçaõ do Rei deposto de los Velles refugiado na Praça de Melilha. Luiz de Loureiro trabalhava na execuçaõ das ordens, de que fora encarregado, quando El-Rei pelo seu Embaixador Lourenço Pires de Tavora representava ao Imperador Carlos a necessidade da uniaõ dos dous Principes para desmembrarem os Estados do Xe-

rife

rife com a protecçaõ, que elles deviaõ dar a Muley Buhafon, Rei dos Velles. A mefma negociaçaõ fe tratava com Maximiliano em Caftella, e além defta Liga, pretendia aquelle Rei dethronado, que havendo os Portuguezes de abandonar Arzila, lha entregaffem a elle para a oppôr como hum freio aos progreffos rápidos do Xerife. Para lograr ambos os defignios Muley foi em peffoa a Caftella, e a Anvers, aonde nada confeguio de proveito. Voltou a Lifboa com a efperança de fe ir firmar em Arzila, que já eftava em poder dos Barbaros, o Xerife, mais arrogante com eftes defpojos, que deveo antes a huma frouxidaõ languida, que ao feu valor ardente.

Era vulg.

El-Rei, que quando queria diminuir-lhe os Eftados, lhe engroffava o poder, naõ duvidou dar a Muley os foccorros, que lhe pedia para o levarem á fua Cidade de Velles com o deftino de renovar a guerra, para que o convidavaõ arrependidos os feus vaffallos, que lhe haviaõ negado a obediencia. Foi encarregada efta empreza a

Ig-

Era vulg. Ignacio Nunes Gato, que tinha a recommendaçaõ de ser bom interprete da Lingua Araba, e partio para ella com cinco navios, em que levava o Rei Muley, e 500 homens de soccorro. Elle entrou na Cidade de los Velles fazendo ostentaçaõ do seu poder com huma salva estrondosa de artilharia; mas desparada a taõ máo tempo, que foi ouvida por Zala Raez, Governador de Argel, que da outra parte dà terra acabava de espalmar huma Esquadra de vinte, e quatro galés, com que andava infestando os mares de Hespanha. Naõ mediou tempo em elle ouvir o estrondo dos canhões, mandar tomar os remos em punho, e entrar com semblante de guerreiro pelo porto de los Velles.

Defendeo-se Ignacio Nunes com corage em partido taõ desigual, que até lhe faltou o vento para fugir, sendo a calmaria taõ vantajosa ás galés para combater. Ficáraõ os cinco navios, e as suas tripulações prisioneiros do Raez, que entrou com elles triunfante em Argel. Perda, que se entaõ foi sensivel

ao Rei Muley, depois tirou della consequencias felices pela alliança, que fez com Zala Raez, como veremos a seu tempo, e que servio a El-Rei para exercitar os officios da caridade com os seus vassallos captivos, que promptamente resgatou do poder dos Barbaros por meio da despeza de grossas sommas.

Era vulg.

CAPITULO IV.

Continúa a materia do Capitulo precedente, quanto aos negocios da Europa, até ao principio do governo de Jorge Cabral na India.

PREPARADO em Africa o theatro para as representações funestas, que depois se seguíraõ, El-Rei se applicava com actividade em fazer felis o seu Povo, seja pelos novos regulamentos dados aos Desembargadores para contarem as demoras das causas, que envelheciaõ os pretendentes na Corte; seja por abater os preços dos generos

Era vulg. que os monopolistas sobiaõ a huma altura intoleravel; ou seja pelo desvélo, com que cuidou nos avances da agricultura, e multiplicaçaõ das coudelarias, de que no Reino havia necessidade. Quando elle se entretinha nestas acções dignas da Magestade, hum negocio em Roma, outro em França lhe desafiáraõ a attençaõ. Morreo na Curia o Papa Paulo III., e por arbitrio proprio Balthasar de Faria, que estava nella Enviado, lembrou aos Cardeaes, e aos Embaixadores do Imperio, e de França a pessoa do Cardeal D. Henrique para succeder no Pontificado. Como em todos achou acolhimento, fosse sincero, ou apparente, deo parte do que passava a Lourenço Pires de Tavora, Embaixador junto á pessoa de Carlos V., e a Braz de Alvide, Residente em París, que encontráraõ nestes Soberanos as mesmas civilidades, que Balthasar de Faria achára nos seus Embaixadores em Roma.

Os dous Ministros illuminados Tavora, e Alvide, naõ querendo avançar os officios em hum negocio desta na-

tureza sem ordem expressa de seu Amo, Era vulg. deraõ parte á Corte de Lisboa, a tempo que o Faria tambem praticava este justo dever. El-Rei, que se desejava para seu irmaõ esta alta Dignidade, naõ queria sollicitalla como pretendente com detrimento da honra da Soberania, nem por meios humanos; mas recebella como hum dom, que pende do alto; elle escreveo ao Imperador, ao Rei de França, aos seus tres Ministros por hum tom, que fazia sobresahir a independencia da Magestade ao empenho, que se lhe podia considerar de vêr Pontifice a hum Cardeal Principe, que era irmaõ de hum Rei. Porém quando as instrucções chegáraõ a Roma, os Cardeaes haviaõ dado tanta pressa á eleiçaõ, que já Julio III. estava criado Papa. El-Rei mostrou tanta satisfaçaõ da sua eleiçaõ, que logo lhe mandou render obediencia, e dar os parabens da exaltaçaõ ao Solio por huma pessoa de taõ alto caracter, como era seu Sobrinho D. Affonso de Lancastro, Commendador Mór da Ordem de Christo. . . . .

No

Era vulg. No negocio de França podia ElRei tomar as medidas estipuladas nos Tratados precedentes para cortar os excessos dos pyratas Francezes, que naõ cessavaõ de insultar os nossos navios, que voltavaõ das conquistas. Naõ quiz elle valer-se da força sem esgotar os meios da prudencia; ordenando a Braz de Alvide propozesse ao Rei Henrique, e ao Condestavel de França as contravençóes dos Francezes aos mesmos Tratados, que rompiaõ a cada passo: que elle esperava da sua equidade fizessem parar os insultos; e que quando assim naõ succedesse, elle se havia por justificado para repellir a força com a força. Resultou destes officios prorogar-se mais tempo para Juizes arbitros decidirem a questaõ, que era bem capaz de transtornar a harmonia dos dous Estados contratantes.

Quando em Portugal, e Africa aconteciaõ os sucessos referidos, na India acabava a vida com reputaçaõ entre os homens o Governador Garcia de Sá, e aberta a quarta successaõ, Jorge Cabral foi declarado seu successor. Elle se

acha-

achava governando Baçaim, aonde se lhe mandáraõ as novas da nomeaçaõ, que só deixou de ser agradavel ao espirito do nomeado. Longe de acceitar o cargo, a nenhuma ambiçaõ de Jorge Cabral quizera antes acabar o emprego, que occupava para se servir dos soldos na viagem do Reino, que voltar a elle como mendigo depois de governar a India. Foi capaz de derrotar esta consideraçaõ bem prevista a jactancia de sua mulher, que sendo bella, moça, e ambiciosa, preferio as fumaças da honra vã, ou os desejos de se vêr a primeira senhora da India aos interesses reaes, e verdadeiros, que melhor ponderava a circunspecçaõ do seu prudente marido.

Era vulg.

Ajuntou-se ao prazer, com que Goa o recebia nos corações, o da chegada de cinco náos, que este anno sahíraõ de Lisboa commandadas por D. Alvaro de Noronha, filho do Viso-Rei D. Garcia, provido no governo de Ormuz, e que trazia ás suas ordens os Capitães Diogo de Mendoça, Jocome Tristaõ, Joaõ Figueira, e Diogo Botelho Pereira, o que fora na pequena Fusta levar da In-

dia

Era vulg. dia a Portugal a noticia da fundaçaõ da Fortaleza de Dio. Este homem memoravel, depois de andar annos na Corte desattendido em premio da sua façanha, como dissemos, perdida a saude no governo da Ilha de S. Thomé, agora despachado no de Cananor, embarcou taõ hydropico, que sobre parecer hum monstro, se assegura bebia dous almudes de agua em cada dia: molestia, com que chegou á India para ter a consolaçaõ de morrer lembrado.

Naõ se enganou o público na idéa, que formava do merecimento pessoal de Jorge Cabral, e o seu governo, ainda que breve, passou por hum dos mais estimaveis entre os melhores. Elle foi hum Fidalgo, que naõ conhecia o interesse; que amava a justiça; que zelava o bem commum; que abominava o fausto; que a toda a hora ouvia as partes; que ainda ás mais impertinentes se mostrava benigno; que sempre teve as trópas satisfeitas. A estas bellas qualidades ajustava elle a de huma condescencia facil aos dictames dos prudentes, de que resultava, que os homens nos

con-

conselhos votassem livres, ou lhe fizes- sem avisos por cartas anonymas, quando as urgencias do Estado o requeriaõ. Depois, no meio dos negocios mais serios, entretinha o povo com hum espirito de jucundidade, multiplicando festejos públicos para o ter sempre contente, quando os trabalhos eraõ mais fortes: Idéa imitavel, de que só se aparta a austeridade dura, que se firma no temor dos outros, como se ella podesse ter aquella virtude superior, que faz bemaventurado o homem, que sempre anda medroso.

Era vulg.

Grandes negocios occupáraõ em pouco tempo toda a dexteridade de Jorge Cabral. Elle teve de prover os das Molucas, que corriaõ de mal em peior, especialmente depois de saber, que passavaõ a ellas os Castelhanos em cinco náos commandadas pelo mesmo Fernaõ de la-Torre, que annos antes trouxera Fernaõ de Sousa de Tavora daquellas Ilhas para a India, donde se recolheo a Hespanha. Elle naõ pode escusar-se de tomar partido na guerra contra o Rei de Bardelá, que os Portuguezes chama-

Era vulg. vaõ o Rei da Pimenta. Elle teve de soccorrer em Ceilaõ ao Rei de Cota contra seu irmaõ rebelde. Elle deo o mesmo auxilio ao de Candea, que representando-lhe o desejo de ser Christaõ, pedia tropas para se oppôr aos vassallos, que o quereriaõ divertir dos seus santos intentos. Em fim, elle se vio na necessidade de fazer hum armamento respeitavel por conta da voz, que corria, de que os Turcos com huma grossa Armada, que tinhaõ de verga d'alto no porto de Suez, marchavaõ a atacar alguma das Praças mais importantes da India.

Em quanto á guerra do Rei da Pimenta, este Principe, que segundo o costume Oriental, era hum dos perfilhados do Rei de Cochim, abandonou esta relaçaõ para a contrahir com o Çamorim de Calecut, sempre inimigo daquelle Rei, e por consequencia dos Portuguezes. O de Cochim sentio a sua injúria, e o perigo do seu Reino com esta alliança; nós a falta da pimenta, que bardelá nos fornecia, e agora passaria a Calecut. Antes que este negocio hou-

ves-

vesse chegado a termos de rotura, Jorge Cabral, que viera de Tanor a Cochim, se desgostou com o seu Rei por condescender nas idéas de Francisco da Silva, Governador da Fortalaza, Fidalgo impetuoso, imprudente, avarento, que conseguio delle a permissaõ de roubar o Pagode de Palurte, aonde imaginava hum grande thesouro. Desta empreza taõ temeraria, como injusta, naõ resultou mais proveito, que mórtes, e feridas de Portuguezes, sentimentos do Rei de Cochim pelo insulto sacrilego, e o Governador nada conseguir nos negocios, que o trouxeraõ á Corte do Rei amigo, agora aggravado.

Era vulg.

Com a ausencia do Governador tomou corage o Principe da Pimenta para obrar com força descoberta contra Cochim: resoluçaõ, que poz o seu Rei na necessidade de se reconciliar com Francisco da Silva, que inutilmente tentou todos os meios para divertir o Principe da alliança com Calecut. Concluida ella, o Principe fortificado com os soccorros, que recebêra do Çamorim, veio ajudado de mil Nayres lançar-se na

1536

 Ilha

Era vulg. Ilha de Bardelá, que era o objecto da divisaõ, e se fez senhor della. Esta expediçaõ fez pronunciar no juizo do Rei de Cochim, e de Francisco da Silva a sentença decisiva da prizaõ, e ruina do Principe. Ambos os Colligados o buscaõ em Bardelá, o primeiro com as suas forças de terra no Reino da Pimenta, o segundo por mar na Ilha com 600 Portuguezes. Antes da rotura o Principe, que já desejava compôr-se, acceitou a proposta de huma conferencia com Francisco da Silva. Elle consentio em tudo, até se sobmetter a residir na nossa Fortaleza de Cochim, com tanto que o Silva fosse garante da sua segurança, em quanto se tratasse da paz.

Transportou-se o nosso Chéfe da sua arrogancia costumada, e se sustentou obstinado na proposiçaõ destemperada, de que elle se havia entregar á discriçaõ do Rei de Cochim. Como o de Bardelá recusou esta extravagancia, Francisco da Silva depois de o tratar como quiz, lhe voltou as cóstas, e se lançou ás armas. Duro foi o combate, e nelle victimas da sem-razaõ as vidas do

Prin-

Principe, e do Silva. Este Cabo valeroso, ainda que imprudente, teve a vantagem taõ completa, que morto o Principe, derrotadas as suas forças, chegou ao Palacio Real, e lhe deó fogo; injúria, que para os vassallos da cósta do Malabar era intoleravel. Os Indios do seu partido o avisáraõ, de que ella havia ser causa dos Nayres se fazerem Amoucos; virem lançar-se sobre os Portuguezes a morrer, e matar; que elle fosse embarcar-se, antes que os prazeres da victoria se convertessem em lutos. Elle despresou o conselho, e ao tempo, que os prudentes á vista de húma trópa de Nayres furiosos buscavaõ a praia; elle com 150 temerarios, que o seguíraõ, se avançou para a Cidade.

Era vulg.

Cresceo tanto o número dos conjurados, que o Silva teve de buscar o campo para correr ao embarque. Como elles se lançavaõ a corpo perdido sobre os nossos com fúria brutal, muitos entráraõ a cahir, entre elles alguns Fidalgos distinctos; os mais cuidáraõ em se *retirar* para buscarem nadando as em-

Em 1ulg. embarcações com desordem lamentavel. Francisco da Silva desamparado dos seus, mais furioso que os Amoucos, se lançou a elles, e depois de peleijar em desesperado, cahio morto aberto em feridas. O mesmo destino tiveraõ mais de cincoenta Portuguezes, que foraõ sacrificados pela precipitaçaõ do seu Chéfe, que teve por Successor no emprego a Henrique de Sousa Chichorro para restaurar a glória da reputaçaõ perdida sobre os Nayres arrogantes com a victoria. Ella os encheo de tanta soberba, que naõ contentes com devastarem a Ilha de Aru pertencente ao Rei de Cochim, viéraõ atacar os arrabaldes desta Cidade pelo quartel dos Judeos. Henrique de Sousa lhes sahio ao encontro com successo taõ differente ao do seu predecessor, que nem hum só dos Amoucos ficou com vida.

Pela certeza constante de que o Çamorim preparava hum Exercito de 140$000 homens para vir tomar posse da Ilha de Bardelá, e mais Estados do Rei defunto, em que havia perfilhar hum sobrinho, que lhe ficára, e que

pa-

para engrossar mais o poder convocava todos os Principes seus vassallos; os Governadores de Cochim, e Cananor determinárao oppôr-se a estes designios, e cortarem ao Çamorim a passagem para os Paizes ameaçados. Toda a diligencia destes Chéfes naõ impedio, que elle lançasse na Ilha 40000 Nayres commandados por desoito Principes seus alliados, e tributarios, entre elles alguns rebeldes de Cochim. Henrique de Sousa despachou por mar com este aviso ao Governador o valeroso Fernaõ Rodrigues de Mariz, que com viagem horrenda no rigor do Inverno chegou a Goa atropelando perigos. Ao mesmo tempo mandou a seu cunhado Antonio Correa, que com trinta navios de remo impedisse aos Principes acantonados em Bardelá a communicaçaõ com o Çamorim, que estava em Chor no Continente de Chembe.

Era vulg.

Nós naõ individuaremos os successos ligeiros desta guerra em todo o Inverno para referirmos os cuidados do Governador Jorge Cabral, que desejando empenhar nella as forças do Es-

ta-

Era vulg. tado pelos nossos interesses enlaçados com os de Cochim; elle se via embaraçado com as noticias concordes da grande Armada de Turcos, que vinha sahindo do Estreito a demandar a India: noticias, que chamavaõ todas as suas attenções, sem poder reservar alguma para o grande negocio de Bardelá. Ellas lhe impediaõ sahir de Goa, e o forçavaõ a preparar a Armada com toda a diligencia; mas ellas lhe servíraõ para dar novo relevo a sua consummada prudencia nos conselhos, que pedio a todos os homens de experiencias espalhados pela India; para conhecer a delicadeza de estimaçaõ, que todos faziaõ da sua pessoa nos importantes, e voluntarios donativos, que lhe apresentáraõ, tudo officioso, nada extorquido. Como dispoz a Providencia ao mesmo tempo pelo avançado da Estaçaõ, que as náos do Reino já naõ poderiaõ passar de Cochim, e que a Fróta Otomana por ordem do Sultaõ fosse desarmada em Suez; Jorge Cabral ficou desembaraçado para empregar as forças da India *na guerra* de Calecut.

CA-

CAPITULO V.

Da expediçaõ do Governador Jorge Cabral sobre Bardelá, e outros successos do seu tempo nas Molucas.

Era vulg.

DESTERRADO na India o temor da vinda dos Turcos, o Governador despedio de Goa a Manoel de Sousa de Sepulveda, para que ajuntando os seus navios aos de Cochim, bloqueasse aos Principes Malabares na Ilha de Bardelá. Elle os rodeou de fórma, impedidos os soccorros, e a communicaçaõ da terra firme, que avisou ao Governador lhe tinha segura a victima para elle a vir immolar: taõ officioso com o seu Chéfe para elle ter a gloria do triunfo, que naõ quiz acceitar a offerta da liberdade, que lhe vinha offerecer grande número de soldados communs reduzidos á ultima extremidade da fome. O Governador com este aviso sahio ao mar na vistosa Armada de mais de cem navios, em que embar-

cou

ra vulg.

cou toda a Nobreza; veio pela cósta do Malabar, já fazendo ostentaçaõ brilhante do poder, já descarregando golpes pezados com a espada. Elle reduzio a cinzas sobre a marcha as Cidades de Tiracol, Coulete, e Panane. Chegou á de Calecut, e quiz fazer-lhe o mesmo serviço; mas os Fidalgos, e Officiaes velhos lhe propozeraõ o risco deste empenho, que podia mallograr o principal projecto, o qual era a prizaõ dos Principes Malabares, que elle tinha em Bardelá como atados em hum laço. O homem flexivel tomou o conselho, e se fez na volta de Cochim, aonde achou o seu Rei, que com 40000 soldados o esperava para obrarem unidos. No dia seguinte foi a Ilha rodeada pelos navios da Fróta, a cuja vista os sitiados arvoráraõ huma bandeira branca em signal, de que queriaõ parlamentar. Elles foraõ ouvidos: as nossas condições lhes parecêraõ duras; especialmente quando ouvíraõ, que os dezoito Principes se haviaõ entregar nas nossas mãos salvas as vidas para depois se regularem as condições da paz.

O

O Rei de Tanor, que havia eſtado em Goa depois de convertido, como diſſemos, era o Medianeiro neſtes ajuſtes, que leváraõ tres dias. Como as propoſtas naõ foraõ, nem eraõ acceitaveis, ficou determinado o aſſalto da Ilha para a madrugada ſeguinte. Porém no meio da noite chegou á Armada com cartas hum Fidalgo mandado pelo Viſo-Rei D. Affonſo de Noronha, que fazia ſaber ao Governador Jorge Cabral a ſua chegada a Coulaõ, e lhe ordenava naõ fizeſſe algum movimento, em quanto elle naõ chegava a Cochim, que ſeria brevemente. Subprendeo-ſe Jorge Cabral com a ordem, que lhe arrancava das mãos a gloria da acçaõ mais bella. Naõ obſtante a perſuaſaõ dos Officiaes para elle a interpretar ſegundo a configuraçaõ do tempo, no Varaõ ſabio a prudencia toma preferencias ſobre as inſtancias, cede a meſma gloria em obſequio á obediencia. Eu ſou ſenſivel ao empenho que moſtrais da minha reputaçaõ, diz Cabral aos ſeus ſubalternos: mas que goſto me póde dar a victoria, que ha de ter por conſequencia deixar-

Era vulg.

vos

ira vulg. vos a todos no desagrado do Viso-Rei? Acabe Jorge Cabral o seu governo sem complacencia, com tanto que vós fiqueis em paz com o novo Chéfe.

Deixando o mais que pertence á expediçaõ de Bardelá para o seu tempo proprio, concluiremos em huma recapitulaçaõ breve outras acçőes no do governo de Jorge Cabral. Os progressos da Religiaõ foraõ os mais consideraveis pela actividade dos muitos Operarios das Ordens Franciscana, Dominica, e Jesuítica em differentes Regiőes da India. O Padre Gaspar Barzeo mudou a face do Reino de Ormuz. Antonio Criminal derramou o sangue pela Fé no Cabo Comorim ás mãos dos Bagadás. Os Franciscanos em Ceilaõ recolhiaõ fructos abundantes na dilatada vinha do Senhor. Nesta Ilha o Principe de Candea, inclinado ao Christianismo, era perseguido pelo Rei, seu Pai: pela mesma inclinaçaõ o Madune perseguia a seu irmaõ o Rei de Cota. Em favor de ambos mandou o Governador Jorge Cabral seiscentos homens a Ceilaõ commandados por seu Tio D. Jorge de Castro, que des-

em-

embarcou em Columbo. O Rei de Candea foi o primeiro em usar dos seus costumados artificios por meio de Embaixadores bem instruidos no fundo das suas intenções, que representáraõ a D. Jorge, como seu Amo nada desejava tanto como servir a Portugal, reconciliar-se com seu filho, fazer-se Christaõ, para o que pedia lhe mandasse por catequistas a dous Padres Franciscanos.

Era vulg.

D. Jorge concedendo facil quanto lhe foi pedido, marchou a soccorrer a Praça de Cota, que o Madune tinha em apertado sitio, para se applicar depois aos negocios de Candea, como levava em regimento. O Madune levantou o campo com precipitaçaõ, sempre seguido por D. Jorge na tésta das trópas Portuguezas, que hiaõ reforçadas pelas do Rei de Cota. Arrojando-o de tres desfiladeiros até o levar a huma campina raza no caminho de Ceitavaca, para onde o Madune se retirava; D. Jorge o ataca, vence huma batalha completa, obriga-o a buscar destroçado o refugio dos bosques, apresenta-se sobre Ceitavaca, que abre as

por-

Era vulg. portas ao vencedor, offerecendo-se á pilhagem. Madune naõ teve outro recurso, que o da ordinaria piedade do irmaõ sempre clemente com este rebelde.

Mais animado com victoria taõ assignalada, D. Jorge determina passar ao Reino de Candea, para onde mandára os dous Padres Franciscanos com hum Official Francez, que nos servia, commandando a escolta de doze soldados. O Rei de Cota o diverte do intento com a lembrança da perfidia do Rei de Candea; com a memoria ainda fresca do succésso de Antonio Moniz Barreto; mas nada suspende a resoluçaõ tomada por D. Jorge. O Rei perjuro, em quanto elle se demorou na expediçaõ de Cota, havia ajuntado hum Exercito de 40ↀ000 homens, e fortificado Candea para esperar a visita. Marchou D. Jorge com tanta segurança, que se postou meia legoa da Cidade, aonde esperava entrar nos corações, e foi recebido nas pontas das lanças. Todas as trópas seriaõ victimas da perfidia do Barbaro, se o Official Francez naõ fugisse esta

nol-

noite da prisaõ, e viesse avisar D. Jorge do laço, em que estava cahido, se a toda a marcha elle se naõ pozesse em retirada. Era vulgo

Assim o fez o credulo Official, duro em acceitar as advertencias saudaveis do Rei de Cota para experimentar os effeitos tristes da inconsideraçaõ. O Rei de Candea avisado do seu retrocesso, sahio a cortar-lhe os caminhos, a esperallo nos desfiladeiros, aonde encontrou hum homem totalmente desigual a Antonio Moniz Barreto na cabeça, nas mãos, na agilidade, no conselho, até na fortuna; aquelle com tanto de glória, quanto este de abatimento. As trópas quasi sempre sem ordem, a cada passo batidas, foraõ semiando o campo com 800 cadaveres, de que a ametade eraõ Portuguezes, a outra Christãos do Reino de Cota, o resto perseguido até entrar nos Estados de Ceitavaca. O Madune, taõ pérfido como o de Candea, sabendo do destroço do seu vencedor o mandou hospedar por hum Modeliar com 500 homens, que levavaõ ordem para o acabar de destruir.

D.

Era vulg. D. Jorge, que penetrou a trahiçaõ, de noite levantou o campo, e por veredas incognitas se salvou em Cota; mas as suas bagagens foraõ despojos de Madune; as cabeças dos enfermos, e feridos as victimas do seu odio. O Rei de Cota cumprio os deveres de bom amigo, e despedido delle D. Jorge, foi para Columbo, aonde embarcou, e se fez na volta de Cochim.

Os negocios das Molucas, do ponto da Época, em que estamos; corrêraõ tanto á decadencia até encontrarem vinte annos depois a sua ultima ruina, que nós faremos delles huma recapitulaçaõ neste lugar para naõ fallarmos muito tempo nas Molucas. A origem das desordens continuadas nestas Ilhas infelices da época da entrada dos Portuguezes até ao da sua expulsaõ; o modo com que elles se conduzíraõ, taõ differente da sua conducta ordinaria nas outras partes do mundo, aonde se estabelecêraõ, e que fomentou as mesmas desordens; tem pouca dúvida, que ella proveio de huma falta de temor dos castigos, fundada na distancia dos Tribu-

bunaes Supremos, aonde as dissoluções chegariaõ com imagens taõ contrafeitas, que ainda os espiritos mais illuminados se embaraçariaõ com a incerteza dos informes para pronunciarem sólidos os juizos, ou definitivas as sentenças. Annos eraõ necessarios para chegarem as queixas a Portugal; annos para se tomarem informações; annos para se decidirem as causas, tudo annos para as liberdades de soltura, para os escandalos de liberdade.

Era vulg.

A tantos perigos, que se davaõ nas demoras, se notava a differença das parcialidades, que escreviaõ as noticias; as contradições, que se encontravaõ inexplicaveis; a quasi impossibilidade de formar juizo, ao menos semipleno, sobre relações oppostas. Por outra parte havia quem affogasse as queixas, quando ellas queriaõ nascer. Olhavaõ as partes offendidas para os Governadores das Molucas, e viaõ huns homens aprovados pelos Governadores da India, suas creaturas, seus parentes, o mais he que seus pensionarios: circunstancias todas, que faziaõ córar os crimes, diminuir

Era vulg. as extorsões, parecer a fraude bem público, virtude o vicio, e abafada a mentira, apparecer no rebuço com semblante de verdade. Nós vamos a correr brevemente este estadio de desconcertos deste anno de 1550 em diante até o de 1581, em que a gente de Ternate expulsou os Portuguezes da Fortaleza para terem até agora por substitutos os Hollandezes.

No anno de que fallamos em todas as Ilhas do Archipelago das Molucas tinha soado a Voz de Deos na bocca de S. Francisco Xavier, e de outros Orgãos do Evangelho, que fizeraõ progressos rápidos, illustres, miraculosos nos negocios da Religiaõ. Milagres eraõ necessarios para fazer crivel aos Barbaros huma Religiaõ professada pela escoria dos Portuguezes, que derramados pelas Ilhas, a deshonravaõ com a dissoluçaõ dos costumes, com injustiças enormes, com horrores intoleraveis á natureza, que os faziaõ parecer apostatas da mesma Religiaõ, ou os Dogmas della absolutamente estranhos ao seu conhecimento. Reis, Grandes, e Póvos

de

de muitos Estados das Ilhas foraõ rege-nerados pelas aguas saudaveis do Baptismo. Muitos fizéraõ tanta honra do Christianismo, que se expozéraõ voluntarios antes a perder os Dominios, e a mesma vida, que renunciallo depois de recebido. Outros foraõ faceis nesta renuncia, que deo occasiaõ a muitas guerras, em que sempre tomáraõ parte os Portuguezes. Entaõ lhes servio a Religiaõ de pretexto para promoverem os interesses, a cubiça, a ambiçaõ, a vingança. Entaõ o Santo se lançava aos cães, as margaritas aos animaes immundos.

Quanto entaõ se via eraõ expedições continuas de humas para outras Ilhas, intentadas por hum punhado de homens; mas com tal superioridade sobre Castelhanos, e Ilheos, que elles pareciaõ huns flagellos fataes da indignaçaõ divina; elles os authores das desolações; elles os instrumentos das catastrofes dos Reis de Tidore, de Geilolo, mesmo do nosso bom amigo o de Ternate. Era este o infeliz Cachil Aeyro, em que já temos fallado, e que em

Era vulg. 35 annos de se chamar Rei, com breves intervallos de venturoso, a serie do seu governo foi calamitosa, e o seu fim lamentavel. He verdade que Aeyro sem declarar Religiaõ, já parecia inclinado ao Christianismo, já ao Mahometismo, sempre aos Portuguezes officioso, sempre bom, e fiel amigo. No meio das suas vantagens, quando além do dominio de Ternate, de Machiaõ, de Timor, e de outras Ilhas dependentes das Molucas, elle se fez Senhor das de Moro, de grande parte da de Amboino, parecendo hum Monarca universal do Archipelago; elle se conservou sempre constante, fidelissimo até a mórte aos interesses de Portugal contra os particulares dos Governadores, e Officiaes de Ternate, que combatia, quando se oppunhaõ aos do público.

Tanta fidelidade, tanta constancia de zelo em Aeyro, ellas foraõ bem mal remuneradas pelos Portuguezes, que entendiaõ as suas vantagens isseparaveis dos desprezos dos miseraveis Soberanos de Ternate. Os seus Governadores o mandáraõ duas vezes carregado de ferros para

ra Goa, como o criminoso mais indigno, sendo hum Rei, só pela representação da Dignidade merecedor de respeito immenso. Outras tantas o recambiou o Viso-Rei D. João de Castro com as honras devidas para reentrar na posse dos seus Estados, não lhe valendo estas provas cathegoricas da sua justiça para o Governador Jordão de Freitas deixar de o perseguir até o ponto da Época, em que fallamos. Passárão sete annos de oppressões pelo pobre Principe, e chegou o de 1557, em que foi nomeado Governador das Molucas D. Duarte Deça, hum Fidalgo colerico, mesmo transportado, todo entregue a huma avareza extrema. Então rompeo a audacia todas as balizas da grosseria; tocou as raias mais apartadas a desgraça do lamentavel Principe, que foi visto de todos com tres cadêas nos pés, mãos, e pescoço estar prezo a hum dos canhões da Fortaleza, hum alvo para as impressões das inclemencias do tempo, hum espectaculo da irrisão da fortuna, seu irmão Cachil Guzarate, e os seus parentes tratados com pouca diffe-

Era vulg.

Ca-

...macaõ. Em fim, a Casa ... sustentava por caridade ... pobres, abatidos, ... sem haver para elles com...

CAPITULO VI.

Continuaõ os successos das Molucas.

A Magestade sacrilegamente ultrajada sempre encontrou propugnadores respeitosos, que trabalhassem effectivos por lhe sustentar no azilo o que nella ha de sagrado. As injúrias feitas á de Aeyro por D. Duarte Deça, a voz vaga de que elle intentára matallo com veneno, de que o livráraõ os defensivos, que o Principe tinha comsigo, foraõ huns assumptos criticos, que obrigáraõ todas as Ilhas a tomar as armas contra os Portuguezes. Na tésta dos escandalisados se postou Cachil Babu, filho de Aeyro, e em successos varios esta guerra durou tempo longo, sempre desvelado o Rei prezo em solicitar por meio dos seus ami-

amigos os esforços de Babu para obter a liberdade, que custou sem fructo a vida do Jesuita Affonso de Castro prisioneiro daquelle Principe. O fim, que este naõ pode conseguir, veio Aeyro a lograllo por meio dos mesmos Portuguezes, que por huma parte compadecidos de verem apodrecer este Principe nas prizões, por outra sendo-lhes intoleraveis as iniquidades de D. Duarte Deça, carregáraõ as suas culpas dos mesmos ferros, com que elle opprimia a innocencia.

Era vulg.

Restituio-se a paz com a liberdade de Aeyro; mas depois, sem lhe valer a céga paixaõ, com que elle promovia os nossos interesses, Manoel de Vasconcellos o tornou a inquietar, naõ lhe dando socego, em quanto naõ renunciou o direito de Soberania a favor do Rei de Portugal em virtude da cessaõ, que Tabarija lhe fizera de Ternate, quando morreo em Malaca. Contentou-se o Principe deposto com o simples titulo de nosso Tenente General, que lhe durou taõ pouco, como a vida no governo de Diogo Lopes de Mesquita: Saga

Era vulg. lo formidavel, que fez esquecer as atrocidades dos seus mais escandalosos predecessorès. Depois de huma ligeira rotura, que teve por consequencia o assassinio de hum sobrinho de Aeyro, sem que o Mesquita fizesse deste insulto o menor caso: depois da sua bondade livrar da mórte a todos os Portuguezes em huma conjuraçaõ bem armada por despique daquelle assassinio: depois da paz solemnemente jurada entre Aeyro, e o Mesquita, naõ passáraõ muitos dias que elle, revestido da sua sinceridade ordinaria para com os Portuguezes, naõ viesse á Fortaleza sem armas acompanhado de seu filho Musa, e de alguns cavalheiros para tratar com o Governador Mesquita negocios, que nos eraõ respectivos.

Este Chéfe depois de o ouvir grosseiro, lhe voltou as cóstas descortez. Seu sobrinho Martim Affonso Pimentel, que tinha o caracter do tio, naõ gastou qualidade alguma de cumprimentos para lhe dar tres punhaladas mortaes. Á vista desta resoluçaõ temeraria clama o Principe: Assim me tratais, Por-

tu-

tuguezes, em remuneraçaõ da fidelidade, Era vulg.
com que ha tantos annos vos ſirvo? El-
le corre a morrer abraçado com o Eſ-
cudo das Armas de Portugal, que eſta-
va gravado em hum dos canhões das
batarias, tomando-o por teſtemunha da
ſua ingenuidade, e da noſſa perfidia. Seu
filho, e os Fidalgos eſcapáraõ fugindo:
todos pedem depois o ſeu corpo para lhe
darem ſepultura decente; mas o Meſ-
quita avançando a barbaridade, o man-
dou fazer em póſtas, mettellas em hu-
ma caixa, e arrojalla ao mar, que foi o
monumento do deſgraçado Aeyro.

Cataſtrophe taõ laſtimoſo parece que
foi o ultimo delicto, que encheo a me-
dida dos crimes dos Portuguezes das Mo-
lucas; que em nada pareciaõ Portugue-
zes. Entaõ principiou a deſemparallos a
aſſiſtencia divina, que nas outras par-
tes da Terra quaſi viſivelmente promo-
via a ſua felicidade, como hum effeito
inſeparavel do exercicio da virtude. Tal
foi o horror cauſado por eſta morte no
Archipelago, que todo elle olhava para
cada Portuguez, como para hum monſ-
tro. Eſpecialmente em Ternate os mo-

ra-

radores abandonáraõ a Cidade visinha á Fortaleza, e se escondêraõ no centro da Ilha, aonde naõ podessem chegar as nossas armas: o mesmo fizeraõ os de outras muitas partes neste anno fatal de 1570, tratados os Portuguezes nas Molucas como homens proscriptos, todos armando-se para lhes fazerem cara nos lugares, em que elles apparecessem. Hum dos castigos da série das atrocidades foi o descuido, que os Governadores da India tiveraõ daqui em diante em soccorrer as Molucas: soccorros fracos, huns que chegavaõ tarde, outros mal, alguns nunca.

Augmentou-se o mal com as divisões intestinas, e domesticas, quasi contínuo o scisma politico, sem soldar a rotura entre os membros civís, e militares; que vieraõ a sentir o ultimo golpe da vingança. O Principe Babu mais com a força da nossa desuniaõ, que com a das suas armas, poz hum apertado bloqueio á Fortaleza, que com effeito se lhe entregou no anno de 1581. Elle mostrou entaõ, que ainda no fundo da sua alma se conservava hum bom resto de incli-

na-

naçaõ aos Portuguezes; porque ao entrar na Praça ganhada, disse: Que tomava posse della em nome do Rei de Portugal para a tornar a entregar, quando elle lhe fizesse justiça, e desse satisfaçaõ da morte de seu Pai. Finalmente, Diogo Lopes de Mesquita, Martim Affonso Pimentel, e Gonçalo Pereira Marramaque, authores do assassinio de Aeyro, passado breve tempo sobmergidos em calamidades, todos acabáraõ com fim tragico; e os Portuguezes, aborrecidos pelos escandalos de huns poucos de individuos abominaveis da sua Naçaõ illustre, foraõ expulsos das Molucas com affronta. Era vulg.

Concluida esta narraçaõ breve, tornaremos a atar o fio da nossa Historia sobre os successos de Bardelá, aonde deixamos o Governador Jorge Cabral com ordem do Viso-Rei D. Affonso de Noronha para naõ continuar as operações da guerra, em quanto elle naõ chegava de Coulaõ a Cochim. Nas cinco náos, em que elle embarcou no Reino, viéraõ muitos Fidalgos da qualidade mais distincta em obsequio a hum Che-

fe

fe, filho do ſegundo Marquez de Villa-Real, e por Capitães dellas D. Diogo de Noronha o Corcoz, Lopo de Souſa, Diogo de Caſtro do Rio, e D. Alvaro de Ataide da Gama, filho do Conde Almirante D. Vaſco, que vinha provido no governo de Malaca. Chegou elle a Cochim, aonde o foi viſitar o Governador Jorge Cabral, que naõ encontrou no recebimento as honras, de que era digno. Cabral ſe moſtrou inſenſivel, e ſe applicou á expediçaõ da ſua partida para o Reino, aonde foi recebido com eſtimaçaõ, ſem lha deſmerecer a pobreza.

Em quanto aos Principes do Malabar, que eſtavaõ bloqueados em Bardelá por Manoel de Souſa de Sepulveda; elles foraõ poſtos em liberdade por virtude da paz, que o Rei de Calecut ajuſtou logo com o Viſo-Rei. Eſte Principe deſiſtio nella da perfilhaçaõ do Rei de Bardelá, e conveio em que a Ilha ficaſſe no dominio do de Cochim. Aſſim conſummado eſte grande negocio, o Viſo-Rei mandou a Luís Figueira para o Eſtreito com cinco navios, e elle na-

ve-

vegou para Goa. Na ſua auſencia oito mil Nayres dos conjurados pela mórte do Rei de Pimenta, entrárao a fogo, e ſangue pelas terras de Cochim. Jorge Cabral, que eſtava neſta Cidade para ſe embarcar, e Manoel de Souſa de Sepulveda, que ficára nella para guardar os rios, lhes ſahírao ao encontro com dous Eſquadrões de Portuguezes, e em diſputada batalha os fizérao em póſtas com morte de mais de 2ↀooo. Acçao das glorioſas de Jorge Cabral, que ſahio da India vencendo, para levar della, em lugar dos theſouros, a reputaçao dos triunfos.

Era vulg.

Nao ſuccedeo aſſim a Luiz Figueira no Eſtreito, aonde fora obſervar o armamento dos Turcos. Elle o entrou, e correo até as Ilhas Aparcelladas: mas encontrando com cinco galeotas o Turco Cafar, que curſava aquelles mares, Luiz Figueira o abordou, e ſuſtentou hum combate, que pôz em admiraçao os meſmos Barbaros. No ardor delle, deſamparado dos Capitães dos quatro navios, o Figueira foi morto, o ſeu navio tomado, todos os bravos co

ra vulg. igual destino, os menos valerosos póstos em fugida: homens dos criados entre as delicias da India; já sem lembrança da corage dos Portuguezes primitivos, que apertavaõ os peitos para alargarem os corações. Depois da mórte do Chéfe, o Capitaõ Gaspar Nunes teve tal pejo de apparecer na India, que fói com a gente da sua tripulaçaõ para o Mosteiro de Baroa na Ethiopia, donde nunca mais voltou á Patria. Os outros viéraõ a Goa pagar nos carceres a sua fraqueza, e ainda que depois andáraõ soltos, sempre viveraõ desprezados dos Patricios com honra, que naõ podiaõ dar o lado a gente covarde.

Os Turcos debaixo do feliz governo do Imperador Solimaõ, arrogantes com as suas prosperidades, pelas partes do Estreito, depois que se fizeraõ senhores de Adem, e de Baçorá sobre a embocadura do Tigris, e do Eufrates, como nós deixamos dito; elles se propozéraõ a idéa de dominar todo o golfo Persico até as visinhanças de Ormuz, que se lhes fazia recommendavel pela grossura do seu Commercio. O Baxá

rá de Baçorá se dispoz para a sua execução, já com a conquista da Cidade de Catifa, já com o projecto da de Baharem, que eraõ para o Rei de Ormuz perdas irreparaveis; para os Portuguezes huma visinhança, que elles deviaõ allongar, naõ só para se escusarem aos sustos, mas para evitarem a ruina. D. Alvaro de Noronha, Governador de Ormuz, juntamente com o seu Rei, representou ao Viso-Rei D. Affonso as consequencias da perda de Catifa; quanto ellas seriaõ mais temiveis, se Baharem tivesse igual destino; que se devia suspender a fortuna dos Turcos por meio de huma guerra prompta sem demora.

Era vulg.

Representações semelhantes faziaõ em Goa pelos seus Embaixadores o Rei de Baçorá, e outros Principes inimigos dos Turcos, promettendo ao Viso-Rei a Fortaleza do porto daquella Cidade, e a metade do rendimento da sua Alfandega, se elle lhe mandasse hum soccorro de Portuguezes, que unidos ás suas trópas o fizessem reentrar na posse da Capital perdida do seu Reino.

Era

Era vulg. Era muito ponderoſo eſte negocio aos intereſſes de Portugal para o Viſo-Rei deixar de lhe differir, como o Rei de Baçorá, e os ſeus Alliados pretendiaõ. Sem perda de tempo mandou elle apromptar huma Armada de ſete náos de alto bordo, e de doze navios de remo, de que nomeou Commandante a ſeu Sobrinho D. Antaõ de Noronha; que levava ás ſuas ordens 1@200 homens, entre elles huma boa parte da Nobreza da India. Hora deixemos a D. Antaõ navegando para Ormuz, e demos huma volta a Africa, e logo a Malaca, donde marcharemos a encontrar-nos diligentes com eſte Fidalgo.

CAPITULO VII.

Do que aconteceo em Africa, e em Malaca neſte anno de 1550.

COMO D. Antaõ de Noronha, quando houve de partir para a India com o Viſo-Rei, ſeu Tio, governava a Praça de Ceuta, El-Rei proveo o governo vago em D. Pedro de Menezes, filho

lho quinto do Conde de Linhares. Outro Fidalgo do mesmo nome substituia em Tangere a seu irmaõ D. Joaõ, ambos filhos de D. Duarte de Menezes, e teve de sahir a campo com pouca gente contra hum corpo de tres mil cavallos do Xerife, que mandava o seu Alcaide Cadi Hamet, querendo subprender huma partida dos nossos forrageadores. D. Pedro os atacou com corage naõ vulgar em tanta desproporçaõ; obrigou-os a retirar-se com a perda de 24 mortos sem alguma da nossa parte; mas nós tivemos oito dias depois a mais sensivel na da sua pessoa, que acabou entre a resignaçaõ edificante de Catholico, e a glória de vencedor de duas grandes feridas, que recebêra no combate.

Era vulg.

Por este tempo o Xerife conquistador de tantos Reinos, já acabado de annos, á ambiçaõ nunca rendido, tinha a sua Corte na Cidade de Féz. Confinante com este Reino o de Tremecem, elle determina conquistallo, quando o possuiaõ Turcos de Argel, que o haviaõ roubado ao seu Principe legiti-

 mo.

Era vulg. mo. Ao intento se seguio a execuçaõ, taõ prompta, que bastou o estrondo da sua marcha para os Turcos se pôrem em fugida, deixando-lhe por despojo da victoria hum Reino. Narrani, filho primogenito do Xerife, foi o author desta conquista, taõ façanhoso nella, que seguio os Turcos até Mostagaõ, donde tornou a expulsallos, forçando-os a retirar para Argel. Pouco tempo lhe durou o gosto do triunfo pela môrte, que sobreveio ao bravo Principe, chorada de todos, a seu Pai pouco sensivel pela paixaõ extremosa de affecto, que tinha a Muley Abel, filho segundo, que elle desejava seu Successor. Mas dous annos depois recobrando os mesmos Turcos a Mostagaõ, e Tremecem, naõ havendo já Arrani, que lhes fizesse câra, elles tirâraõ a vida ao amado Muley com dôr mortal de seu Pai.

Na Corte de Féz merecia as attenções deste Principe, e de sua irmã a especiosa Infante, Diogo de Torres, que ensinando-a elle a lêr, e escrever em Hespanhol, tanto se insinuou na sua boa vontade, que quasi o teve arran-

çado do abyſmo dos erros de Mafoma; que ſervindo-a a ella reſpeitoſo, e reverente, era participante dos divertimentos do Paço, e do entretenimento dos jardins. Em huma occaſiaõ eſtando nelles lhe mandou tecer de flores huma coroa na figura da que uſavaõ os Principes Catholicos. Ella a recebeo goſtoſa, e pondo-a ſobre a cabeça, diſſe: Deos queira, que eu cinja aſſim a de Portugal ſendo Rei, e meu eſpoſo, o Infante D. Luiz. Deſejos nobres os deſta Senhora; mas mais ſublimes as virtudes do Infante, que ſó ouvidas movêraõ no eſpirito da Princeza de Marrocos taes deſejos. Com eſtas duas protecções tinha o Torres tanta confiança na Corte, que pela Semana Santa fazia expôr nella o Santiſſimo em Monumento público. O Xerife lhe perguntou com que licença praticava na ſua Capital eſta ceremonia dos Chriſtãos. Reſpondeo-lhe o Torres, que com a meſma com que elle nas dos Reis Catholicos faria o ſeu Zalá, que em qualquer parte lhe era permittido: reſpoſta para o Xerife taõ agradavel, que

Era vulg.

Era vulg. lhe concedeo ter huma Igreja pública com Imagens para a celebraçaõ dos Ritos Romanos.

Quando estas cousas succediaõ em Africa, as profecias formidaveis feitas pelo Santo Xavier sobre as dissoluções de Malaca se viaõ executadas. Alodin, Rei de Viantana, que pelo nosso descuido tinha engrossado o seu poder depois de vencido por Pedro Mascarenhas, e por D. Estevaõ da Gama, como eu disse nos seus lugares; agora vendo Malaca adormecida naquelle descuido, soporada no vicio, a mollura, a apathia dominantes, elle fórma o projecto de reentrar na posse do seu amado Patrimonio. Para lograr o designio, elle ajusta huma Liga com vários Principes, em que entrava a poderosa Rainha de Japará na cósta de Java, que engrossou a Armada colligada no seu porto com 25 juncos alterosos, bem artilhados, e fornecidos. Para que Malaca continuasse no lethargo, Alodin mandou hum filho do seu Almirante Laque Xemena por Embaixador a D. Pedro da Silva da Gama, que governava a Cidade, pro-

pondo-lhe se naõ assustasse com a fama do seu armamento, que se encaminhava ao pérfido Achem inimigo commum. Nós dariamos hum inteiro crédito ás intrigas de Alodin, se o velho e experimentado Laque, desgostado da injustiça, e do pouco fructo, que esperava desta guerra, naõ escrevesse por seu filho a D. Pedro, advertindo-o se preparasse, porque contra Malaca se forjava o raio, que naõ tardaria em romper a nuvem do engano.

Era vulg.

Despedido o Embaixador com agrados excessivos, e ricos presentes para seu Pai, naõ tardou em apparecer a Armada, que logo postou gente em terra. Alodin, depois de queimar duas náos, que estavaõ na Ilha, ganhou a povoaçaõ de Ilher; os Jáos, a dos Quelins, naõ lho podendo impedir Luiz Mendes de Vasconcellos, que com cem Portuguezes foi soccorrer o Tumugaõ, e o Bendara, que com a sua gente defendiaõ o Povo. Em tanta desproporçaõ servio a corage do Vasconcellos para facilitar aos perseguidos a retirada para a Fortaleza, aonde elle se recolheo

Era vulg. lheo o ultimo. O Governador já com a certeza do sitio, mandou hum navio correr os pórtos, aonde os nossos commerciavaõ, e avisallos viessem todos acudir ao aperto de Malaca. O primeiro, que chegou foi D. Garcia de Menezes, que o Viso-Rei mandava em huma grande, e bem armada caravella ás Molucas para succeder a Jordaõ de Freitas. Apenas o Rei de Viantana a avistou navegando á todo o panno, destacou sobre ella cincoenta lanchas commandadas pelo mesmo Laque Xemena em pessoa, que nesta occasiaõ, em que governava Malaca hum filho do Conde Almirante, pagou com a vida a mórte, que annos antes havia dado no mesmo sitio a D. Paulo da Gama, outro dos filhos do mesmo Conde.

Mostrou D. Garcia neste combate como o exercicio das letras, que professára, naõ impedia o uso das armas, em que se deixava vêr intrépido. Elle sustentou hum combate denodado, naõ consentindo que os inimigos o abordassem, servindo-os tanto a tempo com a artilharia, que a Frota do Laque naõ po-

podia conservar a ordem. Foi tanta a sua fortuna, que de huma balla de canhaõ metteo a pique a lancha Capitania: golpe feliz, que privou da vida o velho Laque, a seu filho, a seu genro; que declarou a favor de D. Garcia a victoria; que poz aos Barbaros em fugida; que abrio o passo para elle vir dar ferro em Malaca, e soccorrer com a sua gente aos sitiados. He verdade que lhe naõ durou o gosto do triunfo; porque poucos dias depois sahindo com Pedro Vaz Guedes mandando cem homens para tomar hum canhaõ com que os Jáos batiaõ a Cidade; mórtos 30 homens, os mais mettidos em derrota, os dous Fidalgos destemidos, por naõ largarem o canhaõ, que tinhaõ ganhado, com valor temerario se deixáraõ matar sobre elle. D. Pedro da Silva sentio esta perda como era justo, e com a sua corage herdada sahio da Fortaleza a soccorrer os fugitivos, que recolheo sem damno, salvando-os das mãos da multidaõ barbara, que os perseguia.

Era vulg.

Applicou D. Pedro todos os seus cuidados á defensa da Praça dos muros

a

Era vul. Era vulg.

a dentro, e destinou-lhe a Providencia hum simples soldado da guarniçaõ para instrumento das victorias pelos seus conselhos prudentes. Temia-se hum assalto geral, que os Barbaros determinavaõ dar em torno da Fortaleza com grande numero de escadas, e se receava que ella podesse defender-se atacada por tantas partes. Entaõ aquelle soldado buscou o Governador, e lhe aconselhou mandasse bordar a circunferencia do muro de mastos, e vergas de navios atadas com córdas: que quando os inimigos arrimassem as escadas, e subissem, as fizessem rodar sobre elles: e mostraria o successo o acerto do seu conselho. Assim se fez; e cahindo de golpe as traves sobre as escadas, rompêraõ todas, e matáraõ 500 homens. Os vivos se retiraõ attonitos; mas o aperto do cerco, e a inimiga fome tanto opprimem os sitiados, que as sevandijas mais ascarosas servem de mantimento, e pelas ameias naõ parece soldado, que deixe de pagar a confiança com a vida.

O mesmo arbitrista torna a fallar ao Go-

Governador, e lhe lembra que mande fahir do porto todos os navios com o defignio verdadeiro de irem bufcar viveres, aonde os achaffem; mas fingindo, e publicando que marchavaõ a atacar os Eftados dos Principes alliados do de Viantana, que com elle eftavaõ no campo. Elles, que fe affuftaõ com a nova, o levantaõ, embarcaõ-fe, e vaõ acudir á invafaõ imaginada. Unicamente os Jáos ficáraõ com Alodin fuftentando o fitio, a tempo que vinhaõ chegando foccorros avifados pelos Emiffarios, que o Governador mandára pelos pórtos de Pegu, Quedá, Tanaçarim até Bengala, entre elles Gil Fernandes de Carvalho, que trouxe huma galeota bem guarnecida, e foi nefta occafiaõ o redemptor de Malaca. Efte bravo homem pedio logo licença ao Governador para no dia feguinte fazer levantar o fitio de Malaca por meio de hum combate decifivo. Obtida ella, efcolheo 200 homens: todos os Fidalgos fe lhe offerecêraõ voluntarios; e formados tres Efquadrões, hum que elle mandava na vãguarda, e os dous cobertos por Chrifto-

Era vulg.

vaõ

les vulg. vaõ de Sá, e por Gomes Barreto, marchou a esperar a manhã sobre os inimigos.

Estava o Santo Xavier no Japaõ, aonde indicou aos Portuguezes, que o acompanhavaõ, as calamidades deste sitio em castigo dos peccados de Malaca; a piedade de Deos na victoria, que havia ganhar o Carvalho; mas que continuaria a pena das maldades na morte de muita gente ocasionada do veneno, com que os inimigos inficionariaõ as aguas. Tudo succedeo pontualmente como Xavier o vira em espirito, e o predissera. O Carvalho atacou com valor desmedido a acçaõ, huma das mais brilhantes, que vio Malaca. No principio della obráraõ os Portuguezes prodigios de valor, que pareciaõ mais que humanos. O Carvalho de hum golpe formidavel foi a terra; mas levantando-se com a corage estimulada, se botou com tanta fortuna sobre hum dos Reis da Java, que o atraveçou de huma estocada pelos peitos. Esta morte declarou a nosso favor a victoria, fugindo atropelados os Barbaros a buscar os seus navios depois de deixa-

rem juncado o campo com dous mil cadaveres. O Governador, que dos muros da Fortaleza via o combate, sahio com o resto da gente a consummar o triunfo. Elle nos veio a custar a vida de 200 homens, que depois beberaõ as aguas envenenadas, conhecendo o mal, quando já era irremediavel o damno.

Era vulg.

Como nós acabamos de dizer que no tempo destes successos em Malaca o Santo Xavier estava no Japaõ, aonde os historiára antes de succedidos; nós devemos fazer huma relaçaõ breve da Missaõ do Santo tomada na sua origem. Quando elle voltou das Molucas a Malaca, o esperava nesta Cidade hum Japonez, que atrahido da fama dos seus milagres, só por vêr a Xavier fez viagem taõ longa. A communicaçaõ com elle acabou de illustrar o homem meio illuminado, que com dous criados recebeo o Baptismo, e tomou nelle o nome de Paulo de Santa Fé. Elle mostrou na constancia da crença em toda a vida, que lhe era bem proprio o nome, e a elle podemos dizer que deveo a sua Patria os *grandes progressos*, que depois fez nel-

la

[illegible] Santa. Na companhia dos [illegible] convertidos foi Xavier pa-[illegible]; mas depois de assistir ás hon-[illegible] Viso-Rei D. Joaõ de Castro, com [illegible] sociedade, e a de alguns dos [illegible] Religiosos, tomou para Malaca com [illegible]signio de marchar á conquista espi-[illegible] do grande Imperio do Japaõ.

Os trabalhos, que nelle passou Xavier; as viagens, que emprehendeo; as conversões, que fez; os milagres, que obrou, tudo foi monstruoso; os Authores da sua vida tudo referem. Elle plantou naquellas Regiões brutas as primeiras sementes da nossa Santa Fé, que em pouco tempo brotáraõ a frondosa arvore de huma Christandade composta de mais de 400$000 Fiéis: Christãos taõ robustos, que debaixo do ferro da perseguiçaõ dos Tyrannos, disputáraõ primazias de glória aos Martyres da primitiva Igreja: Christãos impávidos, que naõ duvidáraõ regar as plantas tenras com a innundaçaõ do seu sangue para produzirem fructos de duraçaõ eterna: Christãos ao Inferno taõ temiveis, que elle applicou esforços

fór-

fórtes, longos, diabolicos para no decurso das idades arbitrarem os Japonezes o meio execravel de fecharem a entrada dos seus pórtos a todos os Estrangeiros, exceptuando os de huma só Naçaõ, que leva em si patente o ciume do Commercio, as devisas da avareza, as marcas da heresia.

Era vulg.

Como hum dos argumentos mais fórtes, com que os Japonezes atacavaõ a Xavier era o do exemplo dos Chinas, que, diziaõ elles, sendo homens taõ illuminados, noticia alguma tinhaõ da doutrina, que o Santo lhes prégava; este formou a idéa, de que reduzindo os Chinas, todo o Imperio do Japaõ lhe seguiria os vestigios. Firme neste conceito, o seu espirito magnanimo concebe a resoluçaõ sublime de voltar á India, conseguir do Viso-Rei para o seu fiel amigo Diogo Pereira o caracter de Embaixador á Corte de Pekim, embarcar com elle para a China, derramar no seu vasto campo coberto de abrolhos, e espinhos a semente da Divina Palavra, vêlla produzir plantas saudaveis, transplantallas nos terre-

Era vulg. Japaõ para nelles lhe colher copiosos os fructos. Mas como os successos desta viagem saõ pertencentes ao anno seguinte de 1551, nelle lhe daremos o seu lugar proprio para agora nos irmos encontrar com D. Antaõ de Noronha, que deixamos navegando da India para Ormuz em soccorro deste Rei, e do de Baçorá contra os Turcos.

CAPITULO VIII.

Da expediçaõ de D. Antaõ de Noronha sobre Catifa, e Baçorá, com outros successos da costa de Africa, e de Ceilaõ.

COM viagem feliz chegou D. Antaõ de Noronha a Ormuz para marchar á restauraçaõ de Catifa. Nesta empreza o acompanhou o célebre Rax Xarafo commandando 30000 homens das trópas do seu Rei, e a gente que se pôde escusar na nossa Fortaleza. Manoel de Vasconcellos com os navios de remo fazia a vã-guarda da vistosa Armada, e na mesma figura pojou em terra as

tró-

tropas, que haviaõ fazer o ataque da Cidadela. Os Turcos se defendêraõ em Catifa oito dias; mas vendo a extensaõ das brexas, temendo o perigo do assalto, huma noite sem serem sentidos se refugiáraõ no hermo. D. Antaõ entregava Catifa ao Xarafo, como pertença do Rei de Ormuz seu Amo. Elle se escusou ao cuidado de a defender, e a fizéraõ voar com tanta precipitaçaõ, que quarenta Portuguezes, entre elles alguns distinctos, ficáraõ sepultados no estrago das minas.

Em vulg.

Sem perder tempo navegou D. Antaõ para a infeliz, e mallograda empreza de Baçorá, bem prevenida pela indústria do Baxá, que a commandava. Navegou a nossa Armada pelo fundo daquelle estreito até a embocadura do rio Eufrates, aonde deo fundo para D. Antaõ avisar ao Rei de Baçorá, e mais Principes seus alliados da chegada do soccorro da India contra os Turcos seus inimigos. O Baxá astuto, que tinha concebido indispensavel esta correspondencia, mandou tomar todos os caminhos com tanta cautéla, que as

car-

Era vulg. cartas; e os portadores lhes cahíraõ nas mãos. Entaõ fingio elle huma firmada pelos Principes alliados de Baçorá, que lhe remettiaõ inclusas as de D. Antaõ, e fazendo-a lêr em público, dizia o intrigante Baxá em nome dos Principes: Que sendo elles vassallos do Graõ Senhor, Sectarios da sua mesma Religiaõ, haviaõ conseguido vir da India a Baçorá huma Armada de Portuguezes para a submetterem ao seu poder, como marca da sua fidelidade: que para próva da candura, com que obravaõ, lhe remettiaõ as proprias cartas do Commandante Portuguez; e que elle Baxá fosse preparando os ferros para hum número taõ grande de captivos.

Presenciáraõ todo este successo, ouvíraõ as cartas, víraõ as firmas dous escravos Christãos, que o Baxá pouco depois deixou escapar de indústria, sem parecer que elle favorecia a sua evasaõ. Elles vieraõ á Armada; déraõ parte a D. Antaõ do que se passava; como o Rei de Baçorá, e os seus alliados o tinhaõ vendido; que cuidasse em re-

re-

tirar-se. Todos os nossos Officiaes julgáraõ esta relaçaõ por hum estratagema do Baxá. Os dous Italianos davaõ della as próvas mais significantes; e como elles asseguravaõ terem visto as firmas de D. Antaõ, lembrou a especie delle as estampar no meio de huma folha de papel rodeada de hum grande número das dos Officiaes, que todas foraõ apresentadas aos ingenuos relatores. Elles as corrêraõ com a vista, e chegando á de D. Antaõ a apontáraõ com o dedo: demonstraçaõ, que tirou todas as dúvidas; que os fez crêr verdadeiros; que determinou a retirada para Ormuz, sem fructo huma expediçaõ, que daria gloria immortal ás armas Portuguezas, arbitras das desavenças dos máiores Principes nas extremidades da terra, aonde naõ pozéraõ os pés os famosos conquistadores do Universo.

Era vulg.

Em quanto D. Antaõ se recolhe a Ormuz, depois á India, e chega o tempo de referirmos as resultas deste successo de Baçorá; nós fazemos huma passagem pela cósta de Africa para irmos acabar em Ceilaõ a Historia deste

Era vulg. anno. Quando os negocios da Religiaõ pelo zelo dos nossos Missionarios tomavaõ hum incremento admiravel no Brasil, elles decahiaõ no Reino de Congo. Nos Successores do piedoso Rei D. Affonso naõ encontráraõ os Operarios Evangelicos acolhimento taõ officioso, antes elles acháraõ huns Principes seus oppostos nos sentimentos, estranhos nos costumes, exemplares da prevaricaçaõ, que engolfáraõ os negros do Paiz na antiga libertinage, e superstiçaõ. Sem embargo das nossas diligencias na longa carreira dos annos, a dissoluçaõ tomou tanta posse dos espiritos, que nos ultimos tempos se sentíraõ apagados em Congo os vestigios do Christianismo. Como nós neste Reino naõ tinhamos o dominio absoluto, assim como nas Praças da India, e no Continente do Brasil, naõ podiamos fazer aos seus Póvos a violencia saudavel de os conduzir á observancia fiel dos nossos *Dogmas*.

O Viso-Rei D. Affonso de Noronha, que na vinda do Reino para a India estivera em Ceilaõ, e deixára em

paz

paz os Principes da Ilha; depois que elle se ausentou, o Madune renovou a guerra. Elle sahio do seu Reino de Ceitavaca com forças respeitaveis para de hum golpe destruir a seu irmaõ, o Rei de Cota, que aborrecia com odio entranhavel. Neste Reino, e em Columbo naõ havia entaõ mais de cem Portuguezes, que lhe podessem fazer frente, commandados por Gaspar de Azevedo, que se incorporou com as trópas de Tribuly Pandar, genro, e General do Rei de Cota. Veio este Principe ao campo, e hum dia querendo vêr o modo, com que os Portuguezes comiaõ, e observando-os pela janella de huma varanda, dispôz o destino, que huma balla de maõ incerta lhe passasse a cabeça. Entendeo-se que golpe taõ detestavel fora descarregado pelos Portuguezes, ou que o Madune ganharia algum infame, que houvesse entre elles, para author de semelhante mórte. Este conceito geral se conservou firme até o tempo, que hum dos nossos soldados, estando para morrer, declarou com ingenuidade que elle tirando a

Era vulg.

Era vulg. hum pombo bravo, por acaso matára o Rei de Cota.

Dramabella, filho de Tribuly Pandar, e neto do Rei defunto, já em Cota, e em Lisboa estava reconhecido successor de seu Avô. O Madune sem perda de tempo marchou sobre Cota para lhe disputar a herança; mas naõ só encontrou inexoravel a Nobreza, senaõ que o mesmo Tribuly ajudado dos Portuguezes o atacou em huma batalha, e o obrigou a retirar destroçado para o lugar de Canabol. A noticia de successos taõ importantes, da dura guerra, que haviaõ sustentar os dous Rivaes, foi logo mandada ao Viso-Rei da India, que conheceo o valor dos nossos interesses em Ceilaõ, e a sua marcha em pessoa absolutamente indispensavel em conjunctura taõ crítica. Elle 1551 se fazia prestes para se embarcar, quando chegáraõ a Goa cinco náos das oito, que sahíraõ do Reino, de que era Capitaõ Mór Diogo Lopes de Sousa. Das outras tres náos foraõ os destinos differentes: a de D. Jorge de Menezes Baroche invernou em Moçambique: a

pe

de Ayres Moniz Barreto ferrou Ormuz: a de Diogo de Almeida veio depois a Cochim.

Era vulg. 1551

Com soccorro tanto a tempo o Visso-Rei se fez ao mar em huma poderosa Armada, que mostrou nos effeitos sèr destinada antes á conquista dos Estados, que ao amparo do Rei amigo. Apenas elle desembarcou em Columbo, e depois em Cota, mostrou huma avareza issaciavel sem exemplo, indigna da occasiaõ, e da pessoa. Naõ houve pesquisa violenta, que elle naõ mettesse em uso a fim de descobrir os thesouros do Rei defunto, como se a razaõ de alliado lhe désse direito para os fazer proprios. Os Modeliares, os Grandes da Corte, huns foraõ prezos, outros mettidos a tormento para declararem os segredos, que ignoravaõ, escandalisando assim as gentes, e enchendo de furor os espiritos. Naõ se descobrindo por estes meios as preciosidades, que se buscavaõ, o Visó-Rei fez devaçar o Palacio Real, cavar os seus pavimentos, resistar os seus escondrijos, até que achou materia copiosa

pa-

Era vulg. para se atear voraz o incendio da cubiça.

Depois da primeira se passou a segunda iniquidade, que foi extorquir do Principe espoliado 200♂000 pardáos para os gastos da guerra, que se havia fazer a seu favor. Já 600 pessoas das principaes, atonitas das extorsões, haviaõ tomado o partido dos inimigos: agora se subprendêraõ todas, vendo que as trópas naõ rompiaõ a marcha sem se aprompτar a metade da finta, que o Rei ajuntou por meio da venda do seu movel. Entaõ se fez publica a fórma da alliança, em que o Viso-Rei promettia fazer as suas trópas inseparaveis das de Cota até prenderem, ou destruirem o Madune, com condiçaõ de que os despojos ganhados se partiriaõ ao meio. Começou a guerra com tanta fortuna, que o Madune derrotado em todos os desfiladeiros, aonde se fazia fórte, apenas pode salvar das reliquias do destroço cem homens, com que se retirou ás montanhas inaccessiveis de Darnagale.

A Corte de Ceitavaca abrio as pór-

tas ao vencedor, que para achar ouro lhe deo o mesmo tratamento, que antes a Cota, e a Columbo. Copia grande deste metal forneceo o Palacio, e hum Pagode magnifico, que foraõ pilhados. Na fórma dos ajustes pertencia a metade ao Rei de Cota; mas elle ficou sem nada. Para acabar de destruir o Madune, segundo o mesmo ajuste, rogou elle ao Viso-Rei lhe désse 500 homens, com que o fosse prender aos montes. Pareceo justo o requerimento: pedio-se ao Rei mais dinheiro, e porque naõ o tinha para o dar, lhe foi respondido pelo Viso-Rei, que era tarde; que elle tinha de ir despachar as náos do Reino, e dando-lhe as cóstas marchou para Columbo a dar ordem ao seu embarque, deixando em Ceilaõ as sementes da guerra em estado de brotarem com brevidade troncos duros.

Era vulg.

Nesta occasiaõ vem a proposito a pergunta, que fez a hum Embaixador de Portugal o Sophi da Persia lembrado de outras semelhantes. O vosso Rei, perguntou este Soberano ao Ministro, tem mandado cortar muitas cabeças de

Go-

Era Vulg. Governadores da India, e das ſuas Praças? Reſpondendo o Embaixador, que ainda naõ houvera conjunctura para ſeu Amo uſar com algum delles tanta ſeveridade, lhe tornou o Sophi: Pois eſtai certo, que elle naõ conſervará muito tempo o Dominio adquirido com tanto trabalho. Em fim o Viſo-Rei fazendo encher muitas laudas dos livros das contas do Eſtado de groſſas ſommas extorquidas, por hum modo taõ confuſo, e taõ groſſeiro, que naõ ficaſſe queixoſo o intereſſe peſſoal; elle deixóu com pouça ſegurança no Throno ao Principe, que podia nelle ficar firmiſſimo.

Para acabar de eſgotar os eſpiritos de Ceilaõ, aonde ficava commandando D. Joaõ Henriques, hum Fidalgo de muita probidade; o Viſo-Rei lhe ordenou que depois da ſua partida prendeſſe a Tribuly Pandar, Pai do Rei de Cota, e lho remetteſſe a Goa. O deſignio era haver por elle hum grande reſgate; mas D. Joaõ Henriques uſando da ſua natural equidade; ſabendo que o Tribuly ſe achava nos Eſtados

de seu primo, o Principe das Corlas Era vulg.
ajustando o casamento de huma sua filha com seu filho o de Cota, e huma poderosa Liga contra o Madune de Ceitavaca; elle naõ executa a ordem, e preferio o bem commum de Ceilaõ ao interesse particular do Viso-Rei. Diogo de Mello, que succedeo ao Henriques no governo, mas naõ nos sentimentos, faz a escandalosa prisaõ. D. Duarte Deça, que tres dias depois lhe succedeo, a aggrava, a aperta, e com esta iniquidade se ensaia, para ir nas Molucas fazer representações semelhantes, na pessoa do infeliz Rei Aeyro, como nós acabamos de dizer.

A Rainha Mãi, indignada até os ultimos pontos do furor pelo tratamento vil, que hum Chéfe alliado dava ao seu Esposo, Pai do Rei; ella sabe de Cota, ajunta trópas, e entra com D. Duarte em negociações. Entendendo que fazendo-se seu marido Christaõ obteria a liberdade, propõe-lhe este arbitrio, elle o abraça, D. Duarte desespera, e o carrega de ferros. A Rainha appellou para outra indústria, que foi

com-

Era vulg. comprar alguns Portuguezes desembaraçados, que por meio de huma mina, que fizéraõ voar, junto ao Convento dos Franciscanos, conseguíraõ tirar da prizaõ a seu marido, e entregar-lho. Elle em liberdade se posta na frente do Exercito, que a Rainha tinha prevenido, e lançando-se como torrente impetuosa sobre toda a cósta de Galle, abate as Igrejas, degolla os Christãos, queima hum navio nosso, e se pões em estado de fazer guerra aos Portuguezes a fogo, e sangue. D. Duarte se sobprende, e cahe em maiores absurdos, admittindo as propostas do Madune, que á força de presentes o havia corrompido.

O afflicto Rei de Cota estranhou a este Official a sua conducta, que naõ só o chegava aos termos de perder a Coroa, que elle possuio feudataria da de Portugal; mas aos de se vêr abandonado por seu Pai, se elle, e seu irmaõ naõ casassem com duas filhas de seu inimigo o Madune: unico refugio, que elle procurava para se salvar da angústia, em que os Portuguezes o me-

mettiaõ. Intoleraveis para o Rei estes casamentos, elle sustentou algum tempo a guerra sem os nossos soccorros; mas vendo que Fernaõ de Carvalho, successor de D. Duarte, se conduzia peor que elle; que promettendo-lhe húm corpo de trópas a troco de huma grossa porçaõ de dinheiro, elle recebêra o dinheiro, e naõ lhe fornecia as trópas; o Rei, que tinha abatido a soberba do Madune, e este implorado a sua clemencia, antes quiz soffrello a elle, que sopportar os Portuguezes, e ajustou os casamentos com suas filhas. Todas estas desordens fizeraõ huma alta impressaõ na Corte de Lisboa, aonde o Rei de Cota se queixára, e foi ordenado ao Viso-Rei, que tudo lhe restituisse: castigo debil, que apenas satisfez huma pequena parte da justiça offendida.

Era vulg.

LI.

LIVRO LI.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Trata-se da Missaõ de S. Francisco Xavier á China, aonde morreo, e o que obrou o Baxá de Baçorá depois da retirada de D. Antaõ de Noronha.

Era vulg. 1551

O VISO-REI na volta da sua viagem de Ceilaõ para Cochim soube que o Rei de Chambe, hum dos dezoito Principes Malabares, confederados do Çamorim, impedia a extracçaõ da pimenta para a carga das náos do Reino. Nada valeo áquelle Principe o Exercito de 30000 homens para deixar de ser desbaratado pelo Viso-Rei, e por seu filho D. Fernando de Menezes, assolado o seu Paiz, abrazadas as Cidades, e pilhados os Pagodes. Depois delle

dei-

deixar a ſeu filho com 500 homens em Era vulg. Cochim, e de ſubſtituir a D. Antonio de Noronha, em razaõ de huma ferida recebida na batalha, por outro Fidalgo do meſmo nome, filho do Viſo-Rei D. Garcia de Noronha, para General do mar: elle ſe recolheo a Goa, aonde o eſperava o Santo Xavier para negociar a Embaixada de ſeu amigo Diogo Pereira á China, aonde elle o havia acompanhar para converter aquelle Imperio, e levar depois o ſeu exemplo ao do Japaõ, como meio o mais efficaz da ſua converſaõ, na fórma que fica dito.

Para ſe condeſcender com a rogativa do Santo naõ havia mais difficuldade, que a dos gaſtos da Embaixada, que tomou á ſua conta o meſmo preconiſado Embaixador Diogo Pereira. Na ſua companhia chegou Xavier a Malaca, aonde encontrou, entre outras calamidades, com que a maõ de Deos tocava eſta Cidade criminoſa, a do incendio de huma diviſaõ entre o Governador D. Pedro da Silva da Gama, e ſeu irmaõ D. Alvaro de Ataida

da

Era vulg. da Gama, que queria entrar no governo faltando a D. Pedro hum anno para completar o seu trienio. Era este hum Fidalgo probo muito inclinado ao Santo; pelo contrario D. Alvaro improbo, e seu desinclinado, inimigo infesto do Embaixador Diogo Pereira. Daqui nasceo a opposiçaõ barbara, com que D. Alvaro lhes quiz impedir a passagem á China. Todas as forças de Acheronte elle moveo para lograr o designio. Por tudo rompeo com brandura o espirito animoso de Xavier. Constante em naõ vêr D. Alvaro, elle se embarca; e entaõ o fogo do zelo, que lhe abraza o espirito, o faz observar as doutrinas do Evangelho.

Xavier para fugir de huma a outra Cidade perseguido, sacode dos çapatos o pó de Malaca. Usando a primeira vez da authoridade de Nuncio Apostolico, fulmina sobre D. Alvaro hum anathema tremendo. Depois nos afflatos do espirito, fallando em tom de Profeta, predisse com tanta claridade os juizos futuros de Deos sobre D. Alvaro, que quantos os ouvíraõ entendêraõ, que elles com-

comprehendiaõ os ſeus deſtinos funeſtos em ambos os Mundos. Tinha diſpoſto a Providencia, que Xavier naõ lograſſe os ſeus na converſaõ da China; morrendo ás ſuas portas na Cidade de Sanchaõ. As muitas criaturas de D. Alvaro, gente dos ſeus humores, de que ſe mettêra hum bom número a bórdo da náo para ir mortificando a Xavier na viagem: entaõ conheceo ella quem era Xavier: Amigo de Deos já exceſſivamente honrado pelos ſeus meſmos perſeguidores: do Deos, que ſempre eſtivéra com elle na tribulaçaõ para o arrancar das mãos dos impios; para o glorificar, para o encher de dias em veneraçaõ longa, para lhe moſtrar o ſeu Salvador em annos eternos.

Era vulg.

Com pouca differença de tempo foi a retirada de D. Antaõ de Noronha de Baçorá enganado pelo teſtemunho das cartas fingidas. O aſtuto Baxá fez logo aviſo a Conſtantinopla da noſſa reſoluçaõ, do modo com que derrotára o noſſo projecto, pedindo ſoccorros effectivos. Sem perda de tempo vieraõ ordens apertadas a Suez para ſe lançarem vinte

Era vulg. e cinco galés ao mar, entregue o seu commandamento ao célebre cossario Pirbec com a instrucçaõ, de que viesse ao porto de Baçorá, aonde acharia o plano das suas operações, sem que em toda a viagem fizesse hostilidade alguma aos Portuguezes. Chegou Pirbec ao lugar destinado, e na primeira conferencia com o Baxá lhe mostrou este os despachos da Corte, que lhe mandava ter promptos 15000 homens para reforçar a tripulaçaõ da Armada, em que elle havia embarcar com Pirbec, e unidos ambos navegarem a Ormuz, pôr sitio á nossa Fortaleza, e naõ levantarem o campo sem vencer, ou morrer.

D. Alvaro de Noronha, que governava a Praça, foi a tempo avisado dos preparos, que se faziaõ em Suez, e despedio logo varias fustas para irem humas a Mascate observar os movimentos dos Turcos, outras á India dar parte ao Viso-Rei do sitio, que temia Ormuz.

1552 Pirbec veio a Baçorá na fórma, que lhe fora prescripto, ignorando o a que vinha; mas communicadas as instrucções, em todo o resto da empreza executou mui-

muito mal as ordens, ou por ciofo de o fobmetterem ás determinações do Baxá de Baçorá, ou porque antes queria fazer prezas, que empenhar-fe na guerra, ou porque elle fó fe tinha por digno da expediçaõ, a que o mandavaõ. Como quer que feja, elle chegou a Mafcate, e a Ormuz a noticia da fua chegada, aonde caufou tal efpanto, que a Cidade fe defpovoou, a gente principal fe retirou para a Ilha de Queixome, a plebe para as terras do Magoftaõ, e o Rei com os feus Officiaes fe recolheo na noffa Fortaleza, que D. Alvaro tinha bem provida, refoluto com a guarniçaõ de 900 homens a defender-fe até á ultima extremidade.

Era vulg. 1552

Efte Chéfe prudente depois de affegurar quarenta navios, que eftavaõ no porto, debaixo da artilharia, e com gróffos cabreftantes prezos á Fortaleza, proveo os Baluartes della em Fidalgos, e Officiaes de conhecido valor, e experiencia. No centro da Torre da menagem aquartelou o Rei, a Familia Real, e a fua Corte, tudo com tal ordem, que o acerto das difpofições eftava in-

Era vulg. dicando á gentileza da resistencia. Appareceo a Armada de Pirbec sobre Mascate, aonde estava Joaõ de Lisboa com 60 Portuguezes, que recolheo na Fortaleza para logo os entregar debaixo das condiçoes da liberdade, que o Turco naõ cumprio. Já se sabia em Ormuz da visinhança dos inimigos pela fusta de Simaõ da Costa, que os fora espiar ao Cabo de Rosalgate; que estivera debaixo da prôa da galé do filho de Pirbec, aonde lhe ficáraõ dous homens pendentes de hum remo; que desviando-se debaixo do fogo com valor incrivel, ficando-lhe a galé a gilavento, tanto metteo de ló, que a deixou a balravento, e chegou felizmente a Ormuz com as noticias, que se necessitavaõ.

Chegáraõ os Turcos a esta Praça, que por estar sem moradores foi saqueada sem resistencia. Pirbec, naõ perdendo tempo, começou o sitio da Fortaleza, tirou as linhas, levantou redutos, plantou as batarias, e fez sobre ella hum fogo vivo. As balas do nosso, mais bem servido por artilheiros déstros, embocavaõ os seus canhões, que ficavaõ par-

ti-

tidos, e muita gente despedaçada. Portuguezes, e Turcos ignoravaõ a qualidade das forças, que atacavaõ, e defendiaõ. Pirbec quando se instruio das nossas, perdeo a corage, e desesperou da victoria. Os soldados Portuguezes quando souberaõ, que as dos Turcos naõ se compunhaõ de muitas vezes déz mil, gritáraõ ao Governador lhes abrisse as pórtas; porque queriaõ ir ao campo fazer em póstas a gente attrevida, que tivera a confianqa de vir com hum punhado de homens insultar os Portuguezes a sua casa. Toda a corage de D. Alvaro, attento á conservaçaõ de huma Praça, que era a chave do Golfo Persico, lhe foi necessatia para conter o ardor das trópas originado da pouca sobordinaçaõ, que ellas costumavaõ ter na India, quando a prudencia queria refrear a temeridade nas occasiões, em que ellas entendiaõ ganhar honra. Especie de desobediencia façanhosa sem tumulto, de que muitas Nações aguerridas desejariaõ ser imitadoras.

Era vulg.

Pirbec atacado por tres partes; do ciume pela companhia do Baxá; do

 me-

Era vulg. medo pelo desprezo, que delle faziaõ os Portuguezes; da desesperaçaõ á vista do nenhum effeito, que o seu fogo causava na Praça; elle embarca a artilharia, e resolve levantar o sitio. Na noite, em que havia partir, enviou á Fortaleza hum lingoa a propôr o resgate de Joaõ de Lisboa, e dos seus soldados a D. Alvaro, que entaõ soube o successo de Mascate. O Turco civil lhe mandava de presente a mulher de Joaõ de Lisboa, dous dos prisioneiros distinctos, e os dous soldados da fusta de Simaõ da Costa, que ficáraõ pendentes no remo da galé de seu filho. D. Alvaro occupado dos sentimentos da magnanimidade Portugueza, lhe fez responder: Que aos dous soldados como homens sem culpa os acceitava, e em cambio delles lhe offerecia as peças preciosas, com que o regalava: Que os outros naõ queria vêllos, e os recambiava como Portuguezes covardes, que entregáraõ a Fortaleza de Mascate antes de serem feitos em póstas: Que pela mesma razaõ desprezava as lágrimas da mulher de Joaõ de Lisboa, e a

tor-

tornava a enviar á ſua preſença para caſtigar com eſte genero de inhumanidade o crime affrontoſo de ſeu marido.

Era vulg.

Recebido eſte recado, Pirbec na meſma noite agradeceo o obſequio com mandar deitar na Ilha a mulher de Joaõ de Lisboa, e os priſioneiros, que eraõ dous ſoldados velhos. Immediatamente fez tomar os remos em punho; chegou a Queixome, aonde o naõ eſperavaõ, roubou riquezas immenſas, fez os eſcravos que quiz, e tomou o rumo de Baçorá. O Viſo-Rei da India informado do ſitio pelos differentes expreſſos, que de Ormuz lhe deſpachára D. Alvaro de Noronha, ſe fez logo ao mar com huma Armada de oitenta vélas, em que entravaõ trinta náos de alto bordo, para ſoccorrer a Praça, bater, e abyſmar os Turcos. Navegando pelo golfo de Dio recebeo outras cartas de D. Alvaro, nellas a noticia do levantamento do ſitio, e retirada de Pirbec. Eſta agradavel nova o fez mudar de rumo, e de reſoluçaõ; aſſentar, que *para guardar* o golfo da Perſia baſta-

Era vulg. tava huma Esquadra de menos lote; vem a Goa, e despacha para lhe defender as gargantas a seu sobrinho D. Antonio de Noronha com doze galeões, e vinte fustas; levando ordem para succeder a D. Alvaro de Noronha no governo de Ormuz, e entregar o da Esquadra a D. Diogo de Noronha, o Corcoz.

Neste anno chegáraõ seis náos do Reino, entrando no seu número as que no passado haviaõ invernado em differentes pórtos. Ellas eraõ commandadas por Fernaõ Soares de Albergaria; e Antonio Moniz Barreto voltava á India no célebre zambuco, que fez esta ultima de tantas viagens a Portugal, varando no rio de Seitapor, aonde se fez em pedaços com temporal depois de pojada a gente em terra. Hum reforço taõ consideravel poz habil ao Viso-Rei para sustentar muitas emprezas com vigor; mas antes que nós passemos á narraçaõ de outras acções, he justo concluirmos com a do destino da Armada Turca depois do levantamento do sitio de Ormuz, até á sua destruiçaõ ás mãos dos Portuguezes.

CA-

CAPITULO II.

Do que ſuccedeo a Pirbec depois do ſitio de Ormuz; como a Armada Turca foi deſtruida pelos Portuguezes, e outros ſucceſſos deſte anno de 1552 em differentes partes do Mundo.

NO valor de hum milhaõ de deſpojos de Ormuz bem repartido em Conſtantinopla fiava Pirbec a boa acceitaçaõ do nada, que acabava de fazer em ſerviço de Solimaõ. A ſua idéa o enganou, porque o Baxá de Baçorá deo contra elle informações taõ deſavantajoſas, que ſem lhe valer o milhaõ, perdeo a cabeça. Elle ſe havia eſcapado com eſta quantia em tres galéz da caça, que lhe déraõ D. Antonio de Noronha, e D. Pedro de Ataide o Inferno, que com as ſuas Eſquadras cruzavaõ o Eſtreito de Meca; mas ſe no mar ſe livrou de meia infelicidade, em Conſtantinopla a encontrou inteira. Solimaõ temia, que a noſſa audacia chegaſſe naquella Cidade a ſer ſacrilega com

Era vulg.

a

Era vulg. a profanaçaõ do ſepulchro de Mafoma, e deſejava hum Official de corage, a quem encarregar o commandamento das galéz para ſegurança do Eſtreito. Com eſta qualidade ſe lhe repreſentou Moradbeg, que moſtrou bem pouca, quando o valeroſo D. Antaõ de Noronha o obrigou a abandonar o poſto de Catifa.

Eſtimou Moradbeg a occaſiaõ de recuperar a ſua honra, e a toda a diligencia veio a Baçorá, donde ſe fez ao mar com quinze galéz. D. Antonio de Noronha já a eſte tempo tinha entregue o governo da Eſquadra a D. Diogo o Corcoz, que cruzava do lado da Arabia; mas ſabendo pelas ſuas eſpias, que as galés tinhaõ ſahido de Baçorá, ſe encoſtou para o da Perſia em ſua demanda. Tanto que aviſtou os Turcos coſidos com a terra, que lhe impedia a abordage, os ſervio com o fogo dos canhões. Elles lhe reſpondêraõ com outro taõ vivo ao lume da agua, que aberto o galeaõ teve de o abandonar para o virarem de bórdo, e lhe taparem os rombos. Os Portuguezes affoutos,

tos, e intrépidos no combate se chamáraõ infelices, quando de repente lhes accalmou o vento, anhotos os galeões pelo mar, sem governo, e taõ apartados, que naõ podiaõ soccorrer-se: vantagem para os Turcos taõ grande, logo no principio da acçaõ, e do dia, que tomando os remos, as quinze galéz rodeáraõ o formoso galeaõ de Gonçalo Pereira Marramaque, que estava mais desviado, constantes na certeza de o renderem.

Era vulg.

Bem quizera eu tratar ao longo as circunstancias deste combate, que durou a maior parte do dia. Mas eu naõ explicarei bem a corage de 120 Lusitanos façanhosos, que o sustentáraõ; com dizer que no Oriente, entre tantas acções illustres, esta naõ teve semelhante? Gonçalo Pereira, D Affonso Henriques, Luiz Freire de Andrade, Jorge de Sousa, D. Leoniz Pereira, André Pereira de Berredo, D. Luiz Pereira, outros Fidalgos, e os seus soldados soffrêraõ por muitas horas tal fogo, sem os Turcos se attrevêrem a abordallos, que o galeaõ naõ era mais

que

Era vulg. que hum caſco nadante, ſem maſtos, caſtellos de poppa, e prôa, ſem obras mórtas, ſó os peitos dos homens huns muros de bronze. D. Diogo de Noronha no convéz da ſua náo, como mettido em deſeſperaçaõ, batia o pé, arrapelava as barbas, rugia leaõ, bramia tigre, piedoſamente irado, nem no Ceo lhe eſcapava S. Lourenço, que elle quaſi repreſentava outro Ulyſſes fechando os ventos no ſeu odre. Em fim elles refreſcaõ ſobre a tarde, toda a Eſquadra arrazada em poppa buſca o flanco das galez, para das mãos dos inimigos arrancar a preza.

Moradbeg vendo-as deſtroçadas por hum ſó navio, temeo-ſe agora de tantos, e fez ſoar a retirada, que emprehendeo a toda a voga pela cóſta da Perſia, deixando pela reta-guarda huma náo de mantimentos, que nos tomára Pirbec, e agora reſtituimos. D. Diogo de Noronha ſubio logo ao galeaõ deſtroçado, aonde o eſperavaõ brilhantes os ſoldados, cobertos de ſangue, queimados do fogo, negros do fumo, alimpando os ſuores, bordados de flexas,

eſ-

Era vulg.

eſpectaculos do horror, imagens da cólera, na ſua frente todos eſtes retratos copiados na peſſoa unica de Gonçalo Pereira, que correo com os braços abertos para D. Diogo. Affaſtai-vos, Senhor, lhe diz eſte Fidalgo com hum impeto de generoſidade, affaſtai-vos, naõ quero abraçar-vos, que nada ſe vos deve, por teres obrado o que cumpria á voſſa obrigaçaõ pelo voſſo naſcimento, por ſeres quem ſois. Deixai-me abraçar cada hum dos voſſos ſoldados, hoje producções illuſtres de ſi meſmos, hoje filhos do ſeu valor, hoje creaturas da ſua diſciplina, hoje que naſceo hum Heróe em cada hum.

Honrando o Chéfe a todos com palavras ſublimes, elle deixa algumas fuſtas para rebocarem o galeaõ até Ormuz, e com o reſto da Armada vai no alcance dos Turcos. Elle os ſeguio ſete dias até os metter pela embocadura do Eufrates, aonde naõ pode entrar. Daqui deſandou para Moçandaõ a acabar o tempo do ſeu regimento, e ſe recolheo a Ormuz. A noticia da fugida de Moradbeg chegou a Conſtantinopla, e deo

oc-

ta vulg. occasiaõ ao Cossario Alecheluby para animar contra elle a crítica severa, de que naõ se podia esperar mais de hum homem nomeado para se bater com os Portuguezes, quando a experiencia já tinha mostrado a fraqueza, com que lhes havia entregado huma Praça da importancia de Catifa sem desembainhar as armas; que se o Graõ-Senhor desejava recolher as galéz ao Estreito, lhe fiasse o seu governo, que elle as levaria a Suez a salvamento. Os Baxás apresentáraõ este offerecimento no Divan, donde o Cossario sahio despachado como desejava.

Elle chegou a Baçorá, quando já corria o anno de 1554; tempo, em que D. Fernando de Menezes, filho do Viso-Rei, com huma grossa Armada cruzava no Estreito sempre attento nas galéz, que depois da sua retirada até agora nunca os Portuguezes as perdêraõ de vista. Esperavaõ as nossas espias, que ellas sahissem ao mar para avisarem a D. Fernando, que estava prestes para lhes cortar o caminho. Bernardim de Sousa, que havia succedido a D. An-

to-

tonio de Noronha no governo de Ormuz, armou hum galeaõ, guarneceo quatro náos mercantes, e se postou na boca do Estreito de Baçorá para fechar a entrada ás galéz, se ellas fugissem de D. Fernando, avisando-o as seguisse até onde elle pairava, para que alguma dellas lhe escapasse. Dispostas deste modo as cousas, com a noticia de que Alecheluby já andava no mar, D. Fernando sahio de Mascate em sua demanda. A doze legoas desta Praça nos Ilheos de Soar se encontráraõ os dous Chéfes, e o nosso apresentou a batalha, que o Turco queria evitar.

Era vulg.

Para o conseguir se coseo com a terra quanto pode; mas a nossa Armada seguindo em torno as quinze galéz, as teve como cercadas, naõ lhes sendo possivel retroceder, nem tendo outro refugio, que o de montar hum cabo, que alli fazia a terra. As nossas caravellas se esforçáraõ para o impedir; mas naõ o podéraõ lograr sobre nove das galéz muito ligeiras, em que entrava a Capitania, que passáraõ á outra parte. Ficáraõ as seis cortadas, logo

in-

Era vulg. investidas pelas caravellas, que depois de hum sanguinolento combate, todas abordáraõ, todas rendêraõ. D. Jeronymo de Castello-Branco varou sobre duas, e soccorrido por D. Manoel Mascarenhas tomou ambas com mórte de todos os Turcos. D. Fernando de Monroy, e Antonio de Valadares, cada qual em sua galé, leváraõ o negocio á espada, fazendo lançar os Turcos ao mar, aonde foraõ degollados pela tripulaçaõ das fustas. O mesmo destino tiveraõ as outras duas: todas seis ficáraõ em nosso poder sem mais captivos, que as chusmas, que reservámos para nos servirem. D. Fernando lhes nomeou logo Capitães para as mandarem concertar em Mascate, e os despojos, que nellas se acháraõ foraõ armas.

Alecheluby, que da outra parte do Cabo observára a batalha, e vira a perda, privou a Bernardim de Sousa de consummar o triunfo na boca do Estreito; porque temeroso de voltar a Suez para pagar a desgraça com a cabeça, se fez na volta de Cambaya. D. Fernando ordenou ás caravellas, que fos-

vaſ-

tassem todo o panno, e as fossem seguindo até o porto, aonde entrassem para as bloquearem. Ellas lhe foraõ dando caça pela cósta da India. Sete destas galéz entráraõ no porto de Surrate, aonde D. Jeronymo de Castello-Branco, D. Nuno de Castro, e D. Manoel Mascarenhas as ensacáraõ, e se postáraõ sobre a barra. D. Fernando de Monroy, e Antonio de Valladares perseguíraõ as duas, até as obrigarem a varar, e fazer em pedaços, huma em Damaõ, a outra em Daru. Finalmente destas quinze galéz nenhuma escapou; porque reforçado o bloqueio de Surrate por Francisco de Sá de Menezes, Governador de Damaõ, por Jorge de Mendoça, que o era de Chaul, tempos depois o Commandante de Surrate para desimpedir a barra do seu porto, naõ teve mais refugio, que convencionar com os Portuguezes virem elles ser testemunhas das miudas peças, em que as galéz foraõ desfeitas, como em seu lugar se dirá.

Era vulg.

Dada esta noticia do successo da Armada Turca, que na India, e na Eu-

ro-

Era vulg. ropa fizéra tanto eſtrondo, eu paſſo á narraçaõ de outras acções reſpectivas ao anno de 1552, em que fallamos. Nelle ſuccedeo na cóſta da Cafraria o naufragio laſtimoſo de Manoel de Souſa de Sepulveda, de ſua mulher a formoſa D. Leonor, filha de Garcia de Sá, de ſeus tenros filhos, de muitos Fidalgos, e de 500 peſſoas, que com elle embarcáraõ na náo S. Joaõ. Desfeita ella nos cachopos, toda a gente ſe ſalvou em terra para padecer mórtes continuadas, lamentaveis, triſtes, á viſta de eſpectaculos da mais extrema agonia pela longa duraçaõ de mezes; muitos tragados das féras, outros devorados pelos Cafres, a maior parte conſumidos da fome; D. Leonor para occultar a ſua nudez obrigada a enterrar-ſe viva na areia da Praia, Heroina honeſta ſepultada antes de morta; ſeu marido como louco, vendo-a acabar com os filhos nos braços, errante por boſques, donde nunca mais ſahio; em fim depois de ſoffrer trabalhos, que ſe naõ concebem, ſahíraõ com vida deſta tragedia, e viéraõ dar á India unica-

men-

mente oito Portuguezes, e quatorze escravos, entre aquelles Pantaleaõ de Sá, Tristaõ de Sousa, Balthasar de Siqueira, Manoel de Castro, e o Piloto André Vaz, testemunhas da sensivel lástima.

Era vulg.

Pelos mesmos tempos as riquezas immensas, que os Portuguezes traziaõ das suas conquistas, de tal sórte excitavaõ a cubiça dos Cossarios Francezes, que desprezados os ajustes entre os Soberanos, elles augmentavaõ o número dos armadores, sem que os Ministros da Corte de França se embaraçassem muito em fazer parar o curso dos piratas pela ambiçaõ, com que desejavaõ hum estabelecimento no novo Mundo. A sua dissoluçaõ obrigou o Imperador, e o Rei de Portugal a lavrarem hum Tratado de alliança para mutuamente defenderem as suas cóstas, e as suas conquistas. Os dous Monarcas contratantes ajustáraõ entre si trazerem sempre no mar as suas frótas nas paragens, que lhes assignáraõ, para assegurarem a ida, e a volta das suas náos de carga. Naõ obstante esta prevençaõ,

Era vulg. e correndo o tempo, os Francezes, especialmente os Calvinistas, se foraõ estabelecer no Brasil, commandados pelo Marquez de Villegagnon: homens, que transportados do espirito, que inspira a heresia, intentavaõ formar huma especie de Dominaçaõ, que os fizesse temidos para viverem mais *dissolutos*. O Almirante Coligni, depois huma das victimas do massacro de dia de S. Bartholomeu, patrocinava este projecto chimerico. Para o fazer abortar nos servio a divisaõ entre Coligni, e Villegagnon, que abjurando a heresia, naõ se querendo servir dos Religionarios, faltando-lhe a protecçaõ do Almirante, a máquina do edificio cahio por si mesma.

Naõ será improprio para se conhecerem as forças maritimas de Portugal nesta época, que eu refira as que El-Rei aprestou em cumprimento do Tratado feito com o Imperador. Mandou elle armar vinte caravellas para cruzarem tres na altura de Cascaes; quatro na da Atouguia; quatro na de Caminha; as mais pelo mar de Cezimbra até Lagos. Para guardar o résto da cósta

do Algarve se destináraõ quatro fustas, tres caravellas, e hum galeaõ, que haviaõ chegar á de Andaluzia para cá do Estreito. Mais ao mar andavaõ quatro náos de alto bordo para segurarem a navegaçaõ das embarcações de viagem. Com o mesmo destino para as de Guiné, *Brasil*, e *India* andavaõ á vista das Ilhas tres náos de guerra, dez navios ligeiros, e sete caravellas. Estes grossos reforços, e cuidadosa vigilancia Portugueza foi applaudida por toda a Europa, especialmente pelo Imperador, que da sua parte acudio a defender os mares, que lhe eraõ respectivos, de sórte que a navegaçaõ das duas Potencias ficou segura dos insultos dos piratas.

Como o Principe D. Joaõ chegára a idade competente de se lhe dar estado, que reparasse a perda de tantos Principes sahidos do ventre para entrarem no tumulo, se ajustou o seu casamento com a Princeza D. Joanna, filha do mesmo Imperador, e de sua tia a Imperatriz D. Isabel, com o dote de 360$000 ducados. O Duque de

Era vulg. Aveiro D. Joaõ de Lancastro, e o Bispo de Coimbra D. Joaõ Soares foraõ encarregados da conducçaõ da Princeza. Elles marcháraõ para a fronteira com hum sequito brilhante, com huma libré magnifica, aonde encontráraõ naõ menos luminosos ao Duque de Escalona D. Diogo Lopes Pacheco, e ao Bispo de Osma D. Pedro da Costa, que haviaõ fazer a entrega da Princeza. Elles queriaõ esta ceremonia ao uso de Hespanha. Depois de muitos debates, a eloquencia do Duque de Aveiro conseguio que se praticasse segundo o costume de Portugal. El-Rei foi esperar a Princeza ao Barreiro, donde a trouxe a Lisboa entre os apparatos da pompa, e transportes do gosto, tudo momentaneo, caduco, transeunte; depois as desgraças longo tempo firmes, permanentes, intoleraveis.

CA-

CAPITULO III.

Continuaçaõ dos successos da India no anno de 1553.

SEMPRE inquietos os Principes do Malabar, naõ cessavaõ na renovaçaõ da guerra contra Cochim em prejuiso dos interesses de Portugal no embaraço da extracçaõ dos generos para a carga das nossas náos. Quiz o Viso-Rei cortar estes inconvenientes, e ordenou a Francisco Barreto, que acabava de governar Baçaim, passasse ao Malabar com vinte navios a soccorrer o Rei alliado contra os de Diamper, e da Pimenta, que nos impediaõ a carregaçaõ fautorisados pelos de Chembe, e Bardelá. Bastou a intelligencia, a agilidade de hum só homem, Malabar de naçaõ, nos dogmas Catholico, chamado Vasco, que estes Principes tinhaõ no seu serviço, para illudir as forças, o valor, a prudencia de hum Chéfe taõ completo, qual era Francisco Barreto. *Como os contornos* de Cochim saõ terras

Era vulg. 1553

Era vulg. ras alagadas cortadas em canaes estreitos, que formaõ pequenas Ilhetas; o célebre Vasco, muito prático nesta especie de labyrintho, em pequenos, e ligeiros caturés, de que se naõ fazia caso, e que por toda a parte entravaõ, e sahiaõ voando, de tal sorte incommodava os nossos navios, que o menor dos seus males era estarem em inacçaõ.

Em quanto o Viso-Rei se punha prompto para acudir em pessoa a reparar a indifferença dos successos de Francisco Barreto, outro Cossario Turco, que andava ao soldo do Camorim, determinou passar á cósta da pescaria com quatorze navios para saquear as Cidades de Negapataõ, de S. Thomé, e assolar a Christandade de Ponicale; povoaçaõ situada em huma ponta de terra, que foi cortada para ficar Ilha na contra-cósta do Cabo de Comorim. Por 500 homens mandou o Turco investir Ponicale, aonde naõ havia mais de setenta Portuguezes mandados por hum Fidalgo distincto, chamado Manoel Rodrigues Coutinho. Este bravo homem

mem na testa da sua pequena trópa se conduzio com tanto valor, que destroçados os inimigos os obrigou a embarcar. O Turco mettido em desesperaçaõ por causa desta affronta, elle se pojou em terra com 1$\oplus$500 homens, que os nossos naõ quizeraõ esperar para se naõ exporem a perder-se. Passáraõ todos ao Continente, e ficou Ponicale em preza aos Barbaros Malabares, que encontráraõ bem de objectos, em que empregar o furor, e a cubiça. O Naique da terra firme acudio com oito mil homens ao estrondo do combate; mas vendo nella os Portuguezes, metteo a todos em ferros para tirar do soccorro o proveito dos resgates.

Era vulg.

Chegou a voz deste catastrofe a ferir os ouvidos da gente de Cochim, aonde se achava o bravo Gil Fernandes de Carvalho, que nós vímos ha pouco libertador glorioso de Malaca, obrigando o Rei de Viantana a levantar o sitio, que defendeo D. Pedro da Silva da Gama. Elle desejou castigar os Malabares; mas havendo navios, faltava dinheiro para o seu fornecimento.

Em vulg. to. Sacrifica o Carvalho todo o seu cabedal aos interesses do commum; toma gente a soldo, compra mantimentos, prepara huma Fróta, e sahe ao mar com 170 homens em demanda do Pirata soberbo. Na volta do Cabo o avista, e naõ podendo dobrar huma restinga, o navio de Lourenço Coelho vasou nella, e ficou em secco. Seis dos contrarios o atacaõ á vista do Carvalho impedido pelo vento contrario a soccorrello. Largas horas durou o combate, em que naõ houve Portuguez, que quizesse render-se: todos morrêraõ em brava gente, menos amantes da vida, que da honra.

Sentio Gil Fernandes esta perda, e se deixou levar do tempo á Ilha das Lebres, aonde estava hum navio Portuguez, que incorporou na Fróta. Ao outro dia se encontrou com os Barbaros mais arrogantes pela victoria. Elle serve a Capitania inimiga com a primeira banda de artilharia, ferra-se com ella, baldea-se com a sua gente a bórdo, e contra 200 Mouros disputa hum choque horrendo. Todos morrem huns

à ferro, outros no mar, a Capitania Em volg.
fica rendida, e os seus quatro navios
fazem o mesmo serviço a outros tantos dos contrarios. Desembaraçados desta primeira refega, todos cinco se incorporaõ, e cahem sobre o resto da Fróta, aonde o estrago foi igual ao furor. Entre a chusma naufragante, o Chéfe Turco teve a felicidade de chegár a terra nadando com alguns poucos; os mais ficáraõ sepultados nas ondás; restituido o navio de Lourenço Coelho, e todos ós dos inimigos, sem escapar hum só, em nosso poder; Gil Fernandes de Carvalho com a gloria renovada, o mesmo homem no Malabar, que em Malaca. O écco desta victoria bastóu para o Naique do Continente pôr em liberdade a pouco preço os Portuguezes captivos com o seu Cabo Manoel Rodrigues Coutinho para vir restabelecer em Ponicale a Christandade, que ao Apostolo do Oriente custára tantos suores.

Com o reforço das náos do Reino, que chegáraõ este anno ás ordens de Fernando Alvares Cabral, o Viso-Rei apres-

apreſtou a Armada, com que partio para Cochim em ſoccorro de Franciſco Barreto contra os Principes Malabares. Na barra de Cochim ſe lhe incorporáraõ D. Diogo de Noronha, o Corcoz, e Gonçalo Pereira Marramaque, e outros Capitães, que vinhaõ de Ormuz victorioſos das galéz dos Turcos. Entrado no porto foi determinado nos conſelhos, que ſe deſtruiſſem as terras do Chembe, e as Ilhas Alagadas do Rei da Pimenta, como meios de chamar todos os Principes Malabares a defenſa. Revogou-ſe a primeira reſoluçaõ reſpectiva ao Chembe, e ſe deſtináraõ todas as forças para a aſſollaçaõ das Ilhas, donde o Rei da Pimenta tirava a mais conſideravel porçaõ das ſuas rendas. O parecer do Siqueira, Capitaõ dos noſſos Malabares, livrou a Franciſco Barreto, e a Bernardim de Souſa de hum perigo evidente; elle o principal inſtrumento da victoria por perſuadir ao Viſo-Rei, como prático no Paiz, o modo de fazer o deſembarque, e acometter a acçaõ.

Para ella ſe deſtináraõ dous córpos, hum

hum que mandava o meſmo Viſo-Rei, Eſte vulg. outro o Governador de Cochim Joaõ da Fonſeca. Cada hum por ſua parte, ſaltou em terra, levando na frente derramado o terror, que naõ perdoava a ſexo, e idade, a culpado, e innocente. Fartos de ſangue os Portuguezes, fizéraõ captivos os paizanos, a quem perdoou a cólera, abrazáraõ os edificios, convertêraõ os frondoſos campos em hermos triſtes. A neceſſidade de deſpachar as náos para o Reino obrigou o Viſo-Rei a voltar para Cochim ſem conſummar a obra; mas deixou por ſeu ſubſtituto a Gomes da Silva, que com poucos navios fez tantos deſtroços no reſto das Ilhas, que os Reis confederados pedíraõ a paz com as condições de deixarem correr pelos ſeus rios o trato da pimenta, de reconhecerem a perfilhaçaõ do Rei de Cochim, ſendo-lhes reſtituidas as Ilhas, e os captivos.

Depois do reſtabelecimento deſta tranquillidade ſe temeo huma nova guerra em Cambaya originada da morte do Rei Sultaõ Mamud, que o ſeu uni-

unico confidente Boradim, pretextando tyrannias, quando o seu verdadeiro designio era levantar-se com o Reino, assassinou ás punhaladas, ao tempo que dormia descançado na boa fé deste trahidor, estimado guarda fiel da sua pessoa. No meio da perturbaçaõ dos Grandes, Boradim pagou com a vida a pena do parricidio; foi elevado ao Throno hum Principe occulto, que se dizia ser filho do Rei morto, e a Madre Maluco se encarregou a Regencia do Estado. Entre os muitos descontentes em revolta taõ geral, era hum o Abexim Abixcaõ, que commandava em Novanager, e mais terras da jurisdicçaõ de Dio: Politico de taõ curtas vistas, que devendo servir-se da visinhança dos Portuguezes para apoios da sua authoridade, elle os escandalisou de novo com pretenções taõ estranhas á conjunctura dos tempos, como ao caracter da Naçaõ. Naõ attendendo elle ás representações de D. Diogo de Almeida, Governador da Fortaleza, nem corrigindo as demasias de Elal, que em seu nome governava a Cidade de Dio; D.

Dio-

Diogo entrou por ella na frente de 500 homens, que com o sangue, e fazendas dos moradores vingáraõ a renovaçaõ do antigo Forte de Meliqueaz, as novidades introduzidas na Alfandega, a prohibiçaõ de se venderem generos aos Portuguezes, os desprezos com que elles os tratavaõ, e todas as outras demasias do façanhoso Elal.

Esta acçaõ executada por D. Diogo de Almeida no principio do seu governo, foi a primeira, e a ultima delle, sendo logo deposto, e substituido o seu lugar por D. Jorge de Menezes Baroche, em quanto naõ chegava de Ormuz D. Diogo de Noronha o Corcoz, que estava provido em Dio. A decadencia daquelle Fidalgo proveio, de que estando elle para se embarcar em Lisboa, El-Rei lhe fez huma mercê, que D. Diogo acceitou altivo com aggravo da Magestade. El-Rei naõ quiz entaõ castigallo: deixou-o partir; mas no anno seguinte ordenou ao Viso-Rei, que privasse a D. Diogo de Almeida de qualquer emprego; porque elle tivera justas causas, naõ só para lhe dar baixa do

Era vulg.

1521

Vid. Isto valg. do serviço, mas para mandar riscar o seu nome do Livro dos Fidalgos da Casa Real: exemplo de severidade bem merecido para ensinar á vassallos soberbos o decóro, que se deve aos Soberanos. O Viso-Rei executou outra semelhante a respeito de D. Alvaro de Ataide da Gama, que por huma sentença da Relaçaõ foi privado do governo de Malaca, remettido prezo para o Reino, e conferido o mesmo governo a D. Antonio de Noronha, filho do Viso-Rei D. Garcia.

1554 D. Fernando de Menezes, que seu Pai enviava com huma Armada ao Estreito, pouco bem succedida na expediçaõ do Fórte de Dofar defendidos pelos Fartaques; elle levava as ordens para entregar o governo de Ormuz a Bernardim de Sousa, e despedir a D. Diogo de Noronha para Dio. Este Fidalgo pouco soffredor das injúrias, que offendiaõ a honra da Naçaõ, apenas se encarregou do governo, determinou castigar as demasias de Cide Elal com golpe mais sensivel, que o que sobre elle descarregára D. Diogo de Almeida.

Pos-

Postado na têsta de 600 homens sahio elle da Praça a atacar o Forte renovado de Meliqueaz, que era o lugar do seu refugio, e que os Barbaros entregáraõ salvas as vidas. Nós nos occupavamos em o demolir, quando chegava o aviso, de que Abixcaõ com quatro mil homens, se marchava tarde para impedir o principal designio, ainda vinha a tempo de embaraçar a vantagem, que D. Diogo acabava de conseguir. Fernaõ de Castanhoso foi mandado com 120 homens impedir a marcha dos inimigos, na sua taõ arrebatado, que sem esperar o grosso da gente, que o seguia, com dezasete companheiros ficou cortado por 300 cavallos, que faziaõ a vã-guarda dos inimigos. Defendêraõ-se estes poucos homens com valor incrivel, sem se quererem render; mas todos pagáraõ com as vidas a inconsideraçaõ do Castanhoso.

Era vulg. 1554

No campo, em que D. Diogo de Noronha ficára postado, vio a precipitada fugida do resto da gente deste Chefe, e advertindo que Abixcaõ havia passado do Continente para a Ilha, dei-

xan-

Em vulg. xando-se transportar de huma temeridade céga, se moveo com rapidez a atacar sem ordem o corpo dos inimigos tantas vezes superior. Luiz Cabral, Feitor de Dio, Cavalleiro de valor, e experiencia, o deteve, representando-lhe o perigo a que expunha a gente, e a Fortaleza, que ficára sem guarniçeõ: dous objectos do serviço do Rei taõ importantes, que os devia preferir aos transportes do valor, que ainda no caso de adquirir a gloria, ella seria manchada com a nodoa da imprudencia. D. Diogo ainda tomado da cólera, respondeo a conselho taõ saudavel: Depois de eu morrer, que me importa, que tudo se perca? Proposiçaõ, que voando nas lavaredas do mesmo fogo, que a proferio, da India até Lisboa, foi bastante para custar a D. Diogo de Noronha o Viso-Reinado da mesma India, para que estava escolhido.

Sem desistir do avance, a ousadia de D. Diogo foi taõ affortunada, que derrotou os 300 cavallos, e os pôz em fugida. Carregando a trópa de Alixcaõ a levou ás cutiladas atè ao passo do váo,

aon-

aonde se lançou precipitada a buscar o asylo do Continente ; mas deixando parte affogada , parte morta ao nosso ferro. Como Abixcaõ na margem deixára plantadas algumas batarias para segurar a passagem , a mandou descarregar sobre os Portuguezes , que estavaõ em campo aberto. Para evitar este damno , D. Diogo fez soar a retirada , voltou para a Cidade , mandou concluir a demoliçaõ do Forte da contenda , queixou-se a Madre Maluco dos attentados commettidos por Abixcaõ , e conseguio a vantagem de ajustar a paz com as condições , que quiz. Estes foraõ os successos dos quatro annos do governo do Viso-Rei D. Affonso de Noronha , na verdade pouco correspondentes á alta idéa , que se havia formado do seu Author. Já declinava o anno de que fallamos , quando surgio na barra de Goa para lhe succeder com o mesmo caracter na idade de setenta annos o illustre D Pedro Mascarenhas , genro do outro do mesmo nome , que na India competíra com Lopo Vaz de Sampayo : hum Fidalgo de altas virtudes , e me-

Era vulg.

Era vulg. recimentos, que a politica arrancou dos braços da Corte, servindo o governo da India de pretexto especioso para se dar côr de honrada a huma violencia sensivel.

CAPITULO IV.

Trataõ-se os successos de Portugal, e de Africa neste anno de 1554.

VINHA chegando o tempo, em que as glorias, as prosperidades, as vantagens de Portugal, pelo que tinhaõ de mundanas, pouco estaveis como producções da fortuna, haviaõ correr á decadencia, mudar-se a scena, e converterem-se em epicedios os epinicios, as pompas em lutos. No fim do anno passado se principiou a descobrir no Principe D. Joaõ, que entaõ passava pouco de dezaseis annos, huma paixaõ hebetica taõ desordenada, que quantidade alguma de agua extinguia a voracidade da sua sede. Entendeo-se origem da molestia a assistencia continuada do Prin-

Principe na antecamera da Princeza, e por conselho dos Medicos, que como directores da saude, até sobre a independencia soberana tem authoridade, os Augustos consórtes foraõ apartados das mutuas, e agradaveis vistas. No ultimo de Dezembro a chuva copiosa deixou no vaõ da sacada de huma das janellas do quarto do Principe tanta agua, que elle na manhã ainda em jejum, esquecido dos preceitos da Medicina, preferindo a satisfaçaõ do appetite desordenado á abstinencia necessaria para a saude, bebeo della quatro, ou cinco cópos, que como se fossem do mais refinado veneno, dous dias depois lhe tiráraõ a vida com dôr inconsolavel da Monarquia, que chorava cortadas em flôr as suas esperanças, já antes sentidas nas mórtes immaturas de tantos Principes mallogrados.

Enganosas como sempre as imaginações dos homens, hum casamento, que tanto se anticipou para a consolaçaõ de dar netos, elle foi a causa de se perder a vida do filho. Mórte taõ lastimosa se quiz occultar á Princeza,

Era vulg. que estava retirada no quarto da Rainha, aonde a Corte, vestida no interior de luto, a cumprimentava de galla: exterioridades, a que o coraçaõ presago da Princeza descobria a violencia, como se estivesse vendo as imagens da mórte debaixo das apparencias, que lhe pintavaõ a vida. *Ella* ficou taõ proxima ao tempo de ser Mãi, que na noite de 19 do mesmo mez de Janeiro acompanhou com as dôres de lhe nascer hum filho as que sentiaõ os vassallos pela mórte do Pai. Os fidelissimos Portuguezes corrêraõ aos Templos para derramarem os corações em votos, que pios, e ardentes pediaõ a felicidade de hora taõ desejada. No mesmo dia, antes de nascer o Infante, qne veio ao mundo com a luz do seguinte, em que a Igreja celebrava a memoria do Martyr invicto S. Sebastiaõ, huma velha foi ao Convento de S. Domingos, e disse, que assentassem por Irmaõ da Confraria do Nome de Jesus o Principe D. Sebastiaõ, que estava nascendo: predicçaõ, que se estimou como hum dos impetos do espi-

pirito, que arrebata o do homem para Era vulg.
o levar, aonde elle quer, quando podia ser transporte da velha.

Nasceo com effeito o Principe Varaõ, como se desejava, e as vozes da alegria desterráraõ dos corações os sustos do parto, e alimpáraõ nos olhos as lágrimas, que ainda corriaõ pela mórte do Pai. No Bautismo, que administrou seu Tio, o Infante Cardeal D. Henrique, lhe foi impōsto o preconisado nome de Sebastiaõ, que se entendeo, que além da Velha, com o dedo o apontava o dia. Foraõ seus Padrinhos El-Rei, a Rainha, o Infante D. Luiz, e o levou nos braços a Camareira Mór D. Joanna Deça. Convalecida a Princeza, se lhe deo parte da mórte do Principe, que desatou os impulsos do amor desconfiado para fazer a natureza os seus officios. Equivocavaõ-se na Princeza os affectos, naõ sendo facil distinguir qual delles era o dominante, se o sentimento na mórte do Pai, se o prazer no nascimento do filho. Este se fazia extremoso só com a lembrança do bem commum da Mo-

nar-

Ext. vulg. narquia á aquelle tocava os extremos com as memorias já da perda, já das imagens nocturnas, que figuravaõ á Princeza as calamidades presentes, e as desgraças futuras, entaõ naõ entendidas, depois sensivelmente experimentadas.

Quatro mezes depois, quando já declinava o mez de Maio, os espiritos Portuguezes tiveraõ de sentir outra nova dôr na ausencia da amavel Princeza. Seu irmaõ o Rei de Hespanha Filippe II. estava de partida para Inglaterra a desposar-se com a Rainha Maria, herdeira da Coroa, e resoluto a encarregar o governo dos Estados á Princeza durante a sua ausencia, mandou pedir a El-Rei pelo seu Embaixador Luiz Vanegas lhe permitisse a passagem para Hespanha. Condescendeo El-Rei a hum rogo taõ justo, e encarregou do transporte o Infante D. Luiz, que a conduzio até Arronches, aonde rodeado de magnificencia, o esperava o Duque de Bragança, que na fronteira a entregou aos Bispos de Osma, e de Badajoz, e a D. Garcia de Toledo,

Mor-

Mordomo Mór. Encheo a Princeza as medidas da esperança do Rei seu irmaõ, no governo de Hespanha, aonde fundou para novo ornato da Corte de Madrid o brilhante Mosteiro das Descalças, e a famosa Casa, que fez chamar da Misericordia, á imitaçaõ da que víra em Lisboa, para soccorro dos pobres, e necessitados distinctos. Mas já o estrondo das armas dos Mouros nos nossos mares, e no Continente de Africa chama as attenções da Historia.

Era vulg.

Nós deixamos ao Xerife no anno de 1550, se pouco sensivel pela mórte do seu estimavel primogenito o Principe Arrani, muito lastimado da que os Turcos deraõ ao seu amado Muley, filho segundo, e da derrota, que delles recebêraõ as suas armas: injúria para a sua arrogancia taõ intoleravel, que até agora naõ lhe deixava mais liberdade, que a necessaria para dispôr os meios da vingança. Hum dos instrumentos que o Xerife entendeo bem proporcionado para ella, foi o de se servir de mil Christãos, que tinha captivos em Féz, armallos, e formar com

Era vulg. elles a rê-guarda do seu Exercito. Promovia este intento o valído Hespanhol Diogo de Torres; oppozéraõ-se os Cacizes, e o Principe para mostrar as apparentes delicadezas de Religiaõ, em que fora criado, e a que devia a grandeza, preferio a observancia do Alcoraõ aos interesses do Estado.

Quando elle se preparava para a guerra, no principio deste anno lhe troxeraõ a casa os mesmos Turcos, que vinhaõ commandados pelo seu Zala Raez, e por Buhazon, que plantáraõ o campo huma legoa apartado de Fez a Velha. Nós naõ individuaremos os successos desta guerra, que devemos contrahir unicamente ás suas resultas, pelo que nos tem de respectivas. Tudo se conjurou nella contra o Xerife até entaõ vencedor, e parece que o demonio, seu commensal, o desamparou para serem inefficazes os prestigios. Vencido, e derrotado o Xerife, elle se refugiou em Marrocos, perdido o Reino de Fez, aonde se resgatáraõ muitos Portuguezes aonde o Raez estabeleceo a sua Corte; aonde da parte dos despo-

jos,

jos, que lhe tocáraõ, ajuntou hum thesouro de cinco milhões; de que a terra foi sua herdeira; porque enterrando-os, aonde só elle o soube, e morrendo pouco depois, elle, e o outro ficáraõ sepultados nas entranhas da mesma mãi, que os gerára. Era vulg.

Buhazon dominante em Féz, advertindo prudente, que falto da reputaçaõ do Raez, e que desamparado dos Turcos, o Xerife naõ tardaria em voltar com todas as forças a recobrar o perdido; elle discorreo illuminado, que expediente algum lhe podia ser taõ vantajoso, como o de fazer huma Liga com o Xerife Maior, que seu irmaõ o Xerife Menor tinha acantonado em Tafilete. Já este marchava com 30000 cavallos, e 40000 infantes sobre Féz, quando soube do Tratado de alliança, que o obrigou a mudar o plano da expediçaõ. Para atacar a Buhazon destacou com parte do Exercito a seu filho Abdalá, e elle marchou com o resto para sitiar em Tafilete ao Xerife, seu irmaõ. Buhazon, que se aproveitou do soccorro dos Christãos capi-

Era vulg. ptivos na batalha de Halhonec, fez em póstas o Exercito de Abdalá, que apenas pode salvar a vida em Tedula com vinte e cinco cavallos da sua guarda, que o seguíraõ.

A vantagem conseguida por Buhazon depressa foi derrotada pélas *indústrias* do Xerife, que no meio *das* maiores calamidades nunca o desamparou a presença do espirito. Elle soube a *infelicidade* de Abdalá, antes que chegasse á noticia do irmaõ a victoria de Buhazon; e prevenindo as consequencias, fingio huma carta do vencedor para elle, em que lhe representava: como Abdalá o derrotára, sem lhe deixar esperança de refugio: que elle marcharia quanto antes a unir-se com seu Pai para reduzirem o sitio ao ultimo aperto: que para naõ chegar aos termos de huma calamidade extrema, lhe pedia se compozesse com seu irmaõ em tempo habil de negociar, antes que chegasse a conjunctura de se perder. Neste laço bem armado com todas as apparencias de huma real verdade, cabio o inconsiderado Xerife, que se entre-

gou

gou á discriçaõ do astuto irmaõ com Era vulg. seus tres filhos Sidan, Nacat, e Buhazon, que logo foraõ degollados por ordem do Tio, e o Pai remettido para huma das prisões duras de Marrocos. Tantas expedições famosas naõ leváraõ mais tempo, que o que se passou de Janeiro até Agosto.

Corria este mez, quando o Xerife vencedor marchou contra Buhazon para consummar sobre elle os seus infames triunfos. Como elle naõ conseguia algum, sem que a trahiçaõ fosse o agente principal, ordenou a hum criado fiel, e valeroso, que fingindo-se descontente do seu serviço, passasse a offerecer-se ao de Buhazon no seu campo; e que no maior ardor da batalha, que determinava dar-lhe, tirasse a vida ao alentado Mouro. Assim o executou o barbaro assassino com huma lançada pelas cóstas, que deitou a terra morto o bravo General: mórte, que deixou sem espiritos os seus soldados; que foi a causa da victoria do Xerife, o instrumento, que lhe restaurou os Estados perdidos; a origem de ficar com os des-

pojos enormes mais rico, que antes; o vento rijo, que lhe soprou a arrogancia para mandar degollar mais de 200 Grandes descontentes; e o ambriaõ defórme, que tres annos depois lhe forneceo materia para formar o monstro, que devorou as glórias de Portugal em Africa, como diremos a seu tempo.

Quando na Mauritania succediaõ estas acções naõ vulgares, no mesmo mez de Agosto guárdavaõ as cóstas do Algarve o General D. Pedro da Cunha com quatro galéz, e seu irmaõ D. Vasco da Cunha, Commendador de Malta, com cinco navios. Elles estavaõ sobre ferro nas praias de Tavira, e muita gente em terra a tempo, que foraõ avisados da vinda do famoso Xaramet Arraez, Cossario de Argel, que com oito galéz respeitaveis no luzimento, e na força, navegava em sua busca pela parte de Ayamonte. Sem demora se tirou peça de leva, foraõ picadas as amarras, embarcáraõ muitos aventureiros de Tavira ambiciosos da honra, outros das tripulações naõ vieraõ a tempo; mas dous briosos irmãos

na-

naturaes da Beira, que chegáraõ quando as galéz rompiaõ a voga: elles transportados dos impetos, que move o amor da gloria, botaõ as armas em bandoleira, mettem nas boccas as espadas, lançaõ-se ao mar intrépidos, nadando ferraõ huma das galéz, e com esta gentileza persuadem aos Generaes, que para a batalha levaõ nelles hum bom soccorro.

Era vulg.

Sobre a tarde se encontráraõ as Esquadras, que naõ consentíraõ intervallo de tempo entre o encontro, e o combate. Os Mouros tiveraõ a vantagem de callar o vento, que impedio a manobra dos nossos navios para haver na batalha a desproporçaõ de quatro galéz contra oito. Naõ se embaraçou com ella o General, nem os seus bravos Capitães D. Vasco, Pedro da Cunha, e Diogo Vaz da Veiga, que suppríraõ o menos número das galéz com a corage sublime dos espiritos. Largas horas da tarde, e da noite durou este combate com fogo taõ bem servido da parte dos Barbaros, que vendo crivada a nossa Capitania, a abor-

dar-

Era vulg. dáraõ. Todos os que entráraõ, em pouco tempo jazêraõ cadaveres no convéz da galé; saltáraõ os Portuguezes na sua, que rendêraõ, fazendo prisioneiro ao Arraez, que nada ficou devendo ás obrigações de soldado valente, de Chéfe acautelado. Os outros Capitães das nossas galéz, cada hum tomou a sua; outra com toda a gente foi a pique, e as tres se salváraõ com o favor da noite. Dos Mouros morrêraõ 150, ficáraõ 90 prisioneiros, e muitos feridos. Dos nossos faltáraõ 40, entre elles os dous irmãos da Beira, que a troco da mórte compráraõ a vida da Fama. Livramos das cadêas 230 Christãos, e o Arraez depois de estar annos captivo em Lisboa, obteve a liberdade, sendo trocado por Pedro Paulo, hum Turco Christaõ, que os Argelinos nos captiváraõ, irmaõ de Lazaro Volpe, ambos acceitos a El-Rei, e o Pedro tanto da sua confiança, que lhe entregou o commandamento de huma galé, para fazer a guerra á sua mesma Naçaõ.

CA-

CAPITULO V.

Continuação dos successos da India neste anno de 1554.

NO fim do Capitulo III. deixamos nós ao Viso-Rei D. Pedro Mascarenhas chegado á Cidade de Goa para succeder no governo a D. Affonso de Noronha, que com o mesmo caracter o acabava. O Viso-Reinado da India, que para outro qualquer Fidalgo seria huma grande recompensa; as instancias do Rei, e do Infante D. Luiz, que para o acceitarem, fariaõ huma honra distincta aos sujeitos do maior merecimento. Para D. Pedro Mascarenhas foi o primeiro huma desgraça, e huma especie de desterro: as segundas preceitos violentos, ou obediencia forçada. Nem a educaçaõ do Principe, de que D. Pedro estava encarregado, nem o pezo dos merecimentos, que o carregavaõ, nem a gravidade de 70 annos, que o opprimiaõ, podéraõ fechar na India a porta especiosa, que a emula-

Era vulg.

çaõ

Era vulg. çaõ lhe abríra para o apartar da Corte. Elle sahio do Téjo na formosa Armada de seis náos, acompanhado de muita da Nobreza mais qualificada, que fazia ambiçaõ de seguir este grande homem, Fidalgo completo, hum dos melhores Capitães, hum Embaixador dos mais brilhantes, hum dos *talentos* mais illuminados para o Conselho, hum modelo das virtudes proprias para a educaçaõ dos Principes, em fim hum Christaõ no cumprimento das suas obrigações taõ exacto, que a mesma invéja nada de reprehensivel descobria nelle.

Foi D. Pedro Mascarenhas morrer á India hum anno depois da sua chegada. Das expedições, que se fizéraõ no seu tempo, a mais gloriosa foi o destroço das galéz Turcas, que se haviaõ refugiado em Surrate. A grande inclinaçaõ, que este Viso-Rei tinha á sociedade dos extinctos Jesuitas, o obrigou a promover na India os seus interesses, como já os havia promovido em Roma, e em Portugal. Nada de memoravel obrou a Esquadra, que elle

man-

mandou ao Estreito commandada por Era vulg.
Manoel de Vasconcellos contra o Cossario Cafar, além de deixar no porto de Arquico o Padre Mestre Gonçalo, e seus companheiros Jesuitas, que o Viso-Rei enviava ao Imperador da Abyssinia Claudio, conduzidos por Diogo Dias do Preste, que estivera com D. Christovaõ da Gama naquelle Imperio. O ultimo negocio de caracter no seu tempo foi o concurso, que deo para Mealecan ser acclamado Rei de Visapor por Anel Maluco, e outros Capitães rebeldes do Hidalcaõ; descartando-se o Estado deste fantasma da Magestade, que tantos annos residente em Goa, por muitas vezes foi causa dos nossos interesses na India subirem ao ponto mais critico. 1555

Na volta de Pondá, aonde o Viso-Rei foi fazer a entrega de Meale, adoeceo gravemente, e a 16 de Junho falleceo em Goa, intrépido como Heróe, pio como Catholico. Nasceo D. Pedro Mascarenhas de D. Fernaõ Martins Mascarenhas, Capitaõ dos Ginetes, e casando duas vezes, de nenhu-

Era vulg. 1555

ma teve filhos. O seu caracter era especioso, e bastará hum só rasgo da sua magnificencia para se conhecerem as muitas, que metteo em obra nas suas Embaixadas repetidas. Quando na Corte do Imperador Carlos V. teve a honra de lhe dar de jantar, e a sua irmã a Rainha de Hungria, acompanhados de outros muitos Principes, e grandes Senhores, toda a lenha, que se queimou nas antecamaras, e nas cosinhas era de páo de canella. Mas naõ obstante a profusaõ, e a pompa, as suas Embaixadas ainda eraõ mais uteis, que esplendidas, mais interessantes, que magnificas. A mesma India lhe conheceo o caracter no fim da vida, confessando que se a tivesse mais larga, elle restabeleceria no seu governo quanto fosse de vantajoso aos avances da Religiaõ, e do Estado.

Succedeo nelle Francisco Barreto, que estava presente quando as vias se abriraõ: Fidalgo digno, e benemerito pelo nascimento, pelas qualidades, e do Illustre; mas ainda os serviços mais brilhantes. Naõ eraõ passados oito dias

em que elle gostava a doçura dos primeiros cumprimentos, quando hum acaso, que se suppoz pensado de nosso inimigo o Hidalcaõ, lhe perturbou o prazer, e causou á India huma das maiores perdas. Hum foguete, que deitáraõ ao ar na vespera de S. Joaõ, cahio sobre o galeaõ S. Mattheus, que estava varado, e coberto de palha, aonde logo se ateou voraz o incendio. Como o vento era rijo, e com o mesmo resguardo estavaõ cobertos outros nove galeões, que ficavaõ a barlavento do que ardia; communicadas as chammas de huns a outros, todos déz se abrazáraõ lastimosamente. Eraõ estas náos a esperança de toda a India, e o resto da Armada experimentaria o mesmo fatal destino, se a fadiga, o trabalho, os perigos, em que se metteo o Governador, os Fidalgos, e os zelosos Portuguezes naõ cortassem o fogo, antes que se fizesse geral o estrago. O tempo descobrio que hum Joaõ Rodrigues sem malicia fora o author desta desgraça.

Era vulg.

Ella fez huma alta impressaõ em

Era vulg. Francisco Barreto, como agouro trifte no principio do feu governo. Dilatando porém o animo para quanto antes reparar a perda; elle o conseguio até o fim dos feus tres annos, deixando huma Armada a mais bella, e a mais numerofa, que até entaõ tivemos na India. Sem o embaraçarem eftes cuidados, e os da guerra com o Hidalcaõ; porque Meale ainda eftavá no territorio de Pondá esperando os avisos de Anel Maluco para ir tomar posse do feu Reino; o Governador determinou avistar-se com elle para acabar de concluir os ajuftes, que o Viso-Rei deixára incompletos, a respeito da ceffaõ, que Meale fazia a Portugal das terras do Concaõ, que chegavaõ a produzir hum milhaõ de renda. Elle sahio de Goa com hum aparelho taõ luminoso no faufto, no número de Nobreza, na força das trópas, como antes o havia feito o Viso-Rei na entrega de Meale a Calabatecaõ, que veio a Pondá com os plenos poderes dos Chéfes dos rebeldes para o receber.

D.

D. Antaõ de Noronha, que estava naquella Praça com 600 homens para sustentar as pretenções do novo Rei; sahio a receber o Governador, que logo fez aviso a Meale da sua chegada. No campo foi a entrevista, em que ficóu confirmado o Tratado precedente, a cessaõ das terras sobreditas, e logo entregues no nosso poder as Fortalezas de Bandá, Curale, e outras muitas. Despedidos os Chéfes contratantes com ágrados mutuos, Meale voltou ao lugar da sua residencia, donde com o aviso de Maluco havia subir o Gate. O Governador deixando em Pondá a D. Fernando de Monroy com 500 homens, e despedindo com igual número a D. Antaõ de Noronha para ir tomar posse das doze Tanadarias da nova terra, cuidou de se empregar em Goa nos expedientes do governo, que logo no principio lhe mostrava o semblante circunspecto. O Noronha no acto da posse, e arrecadaçaõ dos tributos se encontrou com os Officiaes do Hidalcaõ, que andavaõ occupados na mesma dilligencia, e ganhou sobre elles humas li-

Era vulg.

gei-

geiras vantajens. Mas por naõ cortarmos o fio desta passagem da Historia, eu passo a referir o exito destas negociações, que para o Estado nada vieraõ a ter de proveitosas; para Meale muito de desgraçadas.

O Hidalcaõ, vigilante sobre os inimigos para impedir a desmembraçaõ dos seus Estados, conhecendo na natureza dos traidores, que elles mudaõ as inclinações á vista da face dos interesses; elle propôz tantos ao rebelde Anel Maluco, que o ganhou á sua devoçaõ para fazer passar a fortuna de Meale, como hum relampago. Prometteo Maluco entregar-lhe o Rei augurado vivo, ou morto. Calabatecaõ, que se havia encarregado da sua guarda, mais eloquente, que valeroso, affeou a Maluco a sua perfidia, e fez reviver nelle a primeira fidelidade. Mais picado o Hidalcaõ, pede o soccorro do seu inimigo o Rei de Narsinga, que haveria entrado na conjuraçaõ a favor de Meale para se vingar do Hidalcaõ, se os outros conjurados naõ o excluissem temerosos. podéria unir aos seus

Do-

Dominios o Reino designado para o mesmo Meale. Elle com este estimulo faz marchar em soccorro do Hidalcaõ hum formidavel Exercito. Bastou o estrondo desta marcha para Meale, e os seus dous Protectores abandonarem o Reino em preza ao vencedor sem combate, e elles com salvo-conducto de Nizamaluco buscarem o refugio dos seus Estados.

Era vulg.

Este Principe preoccupado pelas influencias do seu primeiro Ministro, foi o vingador do Hidalcaõ na mórte, que immediatamente mandou dar a Anel Maluco, e a Calabatecaõ. O mesmo destino teria o infeliz Meale, se a seu favor naõ mediassem os rógos da Rainha, mulher do Nizamaluco, sua parente, que lhe representou com viveza as intrigas do seu Ministro, e a enormidade de tirar a vida a hum Principe fugitivo, que buscava o seu amparo. Ficou Meale com vida; mas sem liberdade, nem Reino, outra vez hum jogo, huma irrisaõ da fortuna. Entaõ vio Francisco Barreto que elle estava só no campo, como alvo, sobre o qual

Em volg. tinha o Hidalcaõ de desparar todos os tiros do seu furor. Para lhe prevenir os golpes, contrahido ao recincto da Ilha de Goa, porque as suas trópas já desfilavaõ em grande número para as terras do Concaõ, e Pondá; elle ordenou a D. Fernando de Monroy, e a D. Antaõ de Noronha, que abandonassem os póstos, e se recolhessem a Goa. Elles o fizeraõ com a mais bella ordem á vista dos inimigos, que lhes respeitáraõ as trópas, senaõ por muitas, por valerosas.

Por estes tempos padeciaõ vexações barbaras ás nossas Christandades de Ceilaõ; porque havendo fugido Tribuli Pandar da prisaõ, em que os Portuguezes o pozeraõ, o Madune, sempre pérfido, agora o persuadio para vingar a sua injúria sobre nós, sobre os nossos Templos, Religiosos, e Christãos do Paiz. Muitos acabáraõ com mórte preciosa ás mãos dos dous Tyrannos colligados. Quando elles executavaõ a carnagem, Affonso Pereira de la Cerda chegava a Ceilaõ encarregado do seu governo. Sem perda de tempo o perju-

ro

ro Madune se lhe offereceo com todas as suas forças para vingar as injúrias, que Tribuli Pandar, de maõ commum com elle, fazia aos Portuguezes. Affonso Pereira, ainda que conhecia o espirito dobrado do Madune, acceitou a offerta, e unido com o Raju, seu filho bastardo, marcháraõ com grossas forças a investir o desgraçado Tribuli na sua Cidade de Palanda. Ella foi entrada, e reduzida a hum lago de sangue; mas o Tribuli pode escapar-se em Tanavaré; Naõ se dando aqui por seguro, elle se refugiou nas Corlas, aonde o Rajú o pôz em apertado cerco com o soccorro das nossas armas.

O trahidor Tribuli, para se fazer senhor do grande Estado das sete Corlas, matou aleivosamente ao Principe de Urunguré, que o amparava; mas o Rajú, e o alentado Portuguez Joaõ Fernandes Columbrina vingáraõ o sangue justo, obrigando o Barbaro a fugir destruido para o Reino de Jafanapataõ. O seu Soberano se lastimou da desgraça do Tribuli, e determinou soccorrello com todas as suas forças. Pa-

ra

ra fazer o Tratado mais solemne, concorrêraõ ambos a hum Pagode, aonde a presença dos Idolos désse mais força ao sagrado dos juramentos. Nelle succedeo o acaso de arder huma pouca de polvora, que cahíra a hum soldado. O Tribuli, como traidor, desconfiado, entendeo aquella acçaõ preludio do assassinio, que o Rei de Jafanapataõ lhe preparava. Transportado do susto, ou da cólera, elle tira da espada, lança-se ao Rei, que se pôz em defensa rodeado dos seus vassallos, instrumentos generosos, que na vida do Tribuli castigáraõ com muitos golpes igualmente, que as suas tyrannias, o seu atrevimento.

A revoluçaõ no Reino de Pegu naõ foi menos gloriosa aos poucos Portuguezes, que nelle se achavaõ. Hum Pegu de naçaõ, chamado Ximindo, aproveitando-se da ausencia do Rei Brama, que havia usurpado a Monarquia, se levantou com ella, acclamado seu Soberano por hum grande partido. Nos encontros desta guerra civil perdeo a vida o Rei Brama, e o usurpador triun-

fan-

fante fez tirar a de Diogo Soares de Era vulg Mello, que promovia em Pegu os interesses do nosso Commercio. A Rainha viuva do infeliz Brama se refugiou em huma Fortaleza, que entregou com a pessoa á fé, e valor de 200 Portuguezes. Elles obrárão na defensa dos dous objectos façanhas taõ extraordinarias, que pozéraõ em admiraçaõ a todas aquellas Regiões. Sobrevindo Mandaragri, Rei de Ova, cunhado do Brama defunto, a vingar-lhe a morte com Exercitos formidaveis. Elle reconquistou todo o Reino de Pegú, e pôz em liberdade a afflicta Rainha, que lhe apresentou com os Portuguezes a narraçaõ fiel das monstruosidades de corage, que elles acabavaõ de fazer em seu obsequio.

Cheio de complacencia o Rei triunfante, sensivel á importancia do serviço, com semblante alegre disse a todos: Vós rendestes á minha vontade a maior lisonja; eu desejo satisfazer as vossas; pedí-me quanto quizerdes. Os individuos da Naçaõ altiva, que tendo mãos para as obras, o brio lhes fe-

cha

cha as bocas para o rogo; elles como pasmados, olhavaõ huns para os outros; so desejosos, mudos; se querendo os premios, callados; premios, que fossem dados, como justos, naõ pedidos. O Rei, que ou entendeo a magnanimidade, ou suppoz irresoluçaõ o silencio, premiou a primeira com elogios, que trasbordavaõ honras; remunerou a segunda com huma copiosa effusaõ de ouro; que podia despertar a cubiça dos espiritos estoicos mais dominados da apathia.

Em Março deste anno sahíraõ de Lisboa para a India cinco náos commandadas por D. Leonardo de Sousa, que chegou a Goa com quatro, e a outra naufragou salvando-se a gente, que fabricando huma naveta dos destroços da náo perdida, teve a felicidade de tomar porto em Cochim. Com estes, e outros reforços, que chegavaõ de várias partes, o Governador se fez prestes para acudir em differentes lugares á urgencia dos negocios. Domar a ferocidade do Çamorim de Calecut, nosso antigo adversario, era hum dos

de

de maior empenho, e para a execuçaõ delle foi nomeado D. Alvaro da Silveira com huma galé, e vinte navios de remo. Elle fez ao Çamorim huma guerra viva por toda a cósta do Malabar, já impedindo-lhe a communicaçaõ dos pórtos, já a entrada dos viveres, depois assolando as povoações, devaçando as campanhas, arrasando os palmares, até que os clamores da fome leváraõ aos ouvidos do Rei o écco dos estragos. Elles lhe fizéraõ impressaõ taõ sensivel, que teve de abater a arrogancia, e pedir a paz, que D. Alvaro se escusou de conceder sem ordem do Governador; mas suspendeo as hostilidades até chegar o Veador da Fazenda, que unido com elle, e presente o Çamorim a celebráraõ com as mesmas condições da do Tratado do Viso-Rei D. Affonso de Noronha.

Era vulg.

D. Alvaro da Silveira para naõ estar ocioso até a vinda do Veador, determinou castigar a Rainha de Olala, que de annos a esta parte se havia levantado com os tributos, que nos pagava. Elle poz as próas á Cidade de

Man-

Era vulg. Mangalor, na cóſta de Canará, e entrando-a a pezar da grande reſiſtencia da guarnição, e moradores, lhe mandou pôr o fogo, que tambem abrazou dous riquiſſimos Pagodes, mais ſenſiveis os ſoldados á vingança, que á cubiça. Daqui voltou D. Alvaro para o Malabar, aonde havia chegado o Veador, para ſe ajuſtar com o Çamorim a paz, que acabamos de dizer. Com eſta vantagem findou na India o anno de 1555, que no Reino foi laſtimoſo pela falta do eſtimavel Infante D. Luiz, que no fim delle paſſou da vida mortal para a eterna.

Juſtamente o noſſo Manoel de Faria, tecendo o elogio deſte Principe, lhe chama as Delicias de Portugal, o Exemplar dos Principes do Mundo nas ſciencias, no engenho, na corage, na magnificencia; em ſer humano, em ſer pio, e finalmente em ſer amparo de todo o homem virtuoſo. Recopilou o Infante em ſi, ou elle ſe fez hum Seminario das virtudes ſublimes, que fórmaõ altos os relevos do decóro na Mageſtade. Sobre todas foi eminente

o amor reverencial, que o impellia a render a El-Rei huma sujeiçaõ profunda. Muitas vezes a fraternidade esquecida da Soberania, intentou refrear estes transportes da humiliaçaõ respeitosa; mas o Infante pedia a seu irmaõ naõ quizesse com a observancia deste preceito privallo da maior delicia da sua alma: preceito, que comprimia o amor para elle deixar de pagar no rendimento muitas dividas, na sujeiçaõ muitas mercês, na reverencia dos cultos grandes honras, sobre tudo de dar na humiliaçaõ muitos exemplos. A sua reputaçaõ no mundo foi taõ grande, como o seu merecimento, este respeitado até dos Barbaros Mauritanos. Ella mesma o levou duas vezes a Castella para tratar com seu cunhado o Imperador Carlos V. os maiores negocios daquelles tempos. Na primeira vez propoz com tanta vivacidade, elegancia, e espirito os meios, que se deviaõ tomar a respeito do Commercio de Portugal, e Hespanha, na idéa dos Francezes franco, e livre nas nossas conquistas, que naõ só obrigou o Imperador

Em vulg

a

a tomar parte nos nossos interesses; mas o fez conhecer que Portugal naõ devia seguir as suas partes contra França; porque ao nosso socego convinha naõ termos por inimigo declarado o seu Rei.

Na segunda jornada, quando ardia a guerra mais furiosa entre o mesmo Imperador, e o Rei de França, elle esgotou os termos mais insinuantes da sua Eloquencia persuasiva para o Imperador entrar sem paixaõ no conhecimento, de quanto aquella rotura era perniciosa á Christandade na situaçaõ crítica, em que ella se achava. Transportado do seu catholico zelo, intentou para o mesmo fim passar a França para tocar fórte, e dispôr suave o espirito do seu Monarca a abraçar a paz; mas o Imperador, e El-Rei seu irmaõ, o impedíraõ. A mesma reputaçaõ esteve para o conduzir á India duas vezes, e elle iria, se entaõ naõ houvesse em Portugal Fidalgos benemeritos, que supprindo com as virtudes no sangue o que lhe faltava de Real, naõ fossem dignos de occupar a Praça de hum Infan-

fante taõ alto; ou se El-Rei sensivel á ternura tivesse corage para apartar do lado hum Irmaõ sublime. Em fim, o Infante D. Luiz deixou no Senhor D. Antonio, Prior do Crato, hum filho natural, ou legitimo, que adiante será assumpto da nossa Historia na competencia com Filippe II. de Hespanha, quando usurpou Portugal sem forças com as das armas sem justiça.

Era vulgi

CAPITULO VI.

Continuaõ os successos da India no governo de Francisco Barreto.

1556

FRANCISCO Barreto igualmente zeloso no serviço do Rei, e no amor da reputaçaõ propria, antes que elle se fizesse ao mar na grande Armada, que tinha prevenida para os designios, que meditava, determinou destacar primeiro muitas Esquadras a emprezas differentes, para que os éccos das gentilezas, soando em muitas partes, fizessem huma repercussaõ sonóra ao crédito das

Era vulg. nossas armas na India. Nas ultimas náos, que chegáraõ do Reino, vieraõ vários Jesuitas, entre elles o Padre Gonçalo da Silveira, irmaõ do Conde da Sortelha, que depois morreo Martyr na Cafraria, e outros destinados para o Imperio do Preste Joaõ. Como elles necessitavaõ saber o que passára com este Principe o seu Padre Mestre Gonçalo, que pelo Viso-Rei D. Pedro Mascarenhas fora mandado áquelle Imperio; conseguíraõ do Governador enviar com dous navios a Joaõ Peyxoto, assim para se informar no Estreito das galéz Turcas, que diziaõ estar promptas em Meca, como para saber em Maçua o destino do Padre Gonçalo.

Ao mesmo tempo o Governador desejoso de metter a Cidade de Damaõ no número das nossas conquistas, se quiz aproveitar da menoridade do Rei de Cambaya, e negociar a entrega da Cidade com os seus Generaes, especialmente com Ithimiticaõ, que mandava tudo. Para este fim lhe envioü por Embaixador a Tristaõ de Payva bem instruido, em que fizesse os officios de

ne-

negociaçaõ abrindo mais as mãos, que Em mil. a boca, com mais obras, e menos palavras. Despedido este Ministro, chegáraõ de Ormuz noticias do Rei, que foi de Baçorá, representando a decadencia dos Turcos nesta Praça, que facilmente seria tomada, se o Governador o quizesse soccorrer com huma Armada; prometiendo á nossa Coroa o dominio da Fortaleza sobre o mar, e a ametade dos rendimentos da Alfandega da mesma Baçorá. Interesses ao mesmo tempo avultados, e honrosos pareceo ao Conselho da India, que naõ se deviaõ desprezar; e foi eleito D. Alvaro da Silveira, triunfante no Malabar, para que com hum galeaõ, quatro caravellas, e déz fustas, em que embarcáraõ D. Pedro de Menezes, Tristaõ Vaz da Veiga, Ayres Gomes da Silva, Braz Telles, Jeronymo de Mesquita, e outros Officiaes de valor, fosse á expediçaõ, para que o convidavaõ, e tomasse posse das vantagens, que lhe promettiaõ.

Na reta-guarda de D. Alvaro partio para o Governo de Malaca D. Joaõ Pe-

Era vulg.

reira, filho do ſegundo Conde da Feira; para ſubſtituir a falta de D. Antonio de Noronha, que paſſára a melhor vida. E porque os Capitães do Hidalcaõ, depois da retirada de D. Fernando de Monroy, e de D. Antaõ de Noronha das terras cedidas por Meale, faziaõ irrupções contínuas nas de Bardez, e Salcete; o Governador ordenou ao Capitaõ Miguel Rodrigues Coutinho Fios Seccos, que com déz navios infeſtaſſe toda a cóſta de Goa até Dabul. Para a cóſta do Malabar, entaõ pacifica, aonde naõ eraõ neceſſarias mais forças, que as baſtantes para evitar os contrabandos, deſtacou o Capitaõ Miguel Carneiro, irmaõ do Secretario Pedro de Alcaçova, com ſete navios. Hora deixando nós a eſtes Officiaes occupados nas ſuas reſpectivas commiſsões, acompanhemos ao Governador Franciſco Barreto, que com a reſpeitavel Armada de 150 vélas navega para o Nórte.

Elle deſembarcou em Chaul, aonde deo algumas providencias, ſendo a de mais importancia o deſpacho de Se-

baſ-

baſtiaõ de Sá, que no governo de Çofala, e Moçambique foi ſucceder a D. Diogo de Souſa da Caſa do Prado, depois o General da Armada infeliz, que conduzio a Africa o Rei D. Sebaſtiaõ. De Chaul veio o Governador a Baçaim, aonde foi recebido com hum apparato ſoberbo. Entaõ ſe diſſe que elle naõ viera a Baçaim com mais deſtino, que o de fazer oſtentaçaõ da ſua gloria na Praça, em que era bem conhecido, e tambem ſe devia dizer bem reputado. D. Diogo de Noronha, Governador de Dio, que quando ſoube que Franciſco Barreto o era da India, naõ pode conter os tranſportes da invéja ſem romper os termos da moderaçaõ clamando: D. Diogo de Noronha na India, e Franciſco Barreto Governador della! Agora informado das negociações, que Triſtaõ de Payva mettia em obra com os Officiaes de Cambaya, e que Franciſco Barreto vinha reſoluto a ceder as rendas da Alfandega de Dio em cambio pela Cidade de Damaõ; elle veio em peſſoa a Baçaim, e poſto na preſença do Gover-

Era vulg.

En rulg. vernador, e Fidalgos, lhes falleu assim:

Vozes sem serem populares publicaõ, que a ametade do rendimento da Alfandega de Dío está para ser o valor da troca da Cidade de Damaõ. Que maior quebra póde ter o serviço d'El-Rei, que tornar o de Cambaya a exercitar actos de jurisdicçaõ na Ilha de Dio? Se Damaõ he Praça necessaria ao Estado da India, conquistem-a as armas, naõ se compre com injúria. Que occasiaõ mais opportuna para esta conquista? O nosso poder he grande; os Governadores de Cambaya estaõ mettidos em desordem; no Reino tudo he confusaõ; que póde custar arrancar-lhes do poder huma Praça? Se presumís que fallo arrogante, no estado em que eu sei estaõ as cousas de Cambaya, entregai-me dous mil homens, que eu vou bater, e entrar pelas pórtas da Corte de Amadabá. Além disto, se agora naõ quereis, ou vos parece que naõ podeis tomar Damaõ, reservai o projecto para outra conjunctura, sem sacrificar Dio. Toda a Assembléa approvou o dis-

cur-

curso de D. Diogo, e ficou determinado que para crédito de Armada taõ importante se emprehendesse a conquista das Fortalezas de Assari, e Manoré no destricto de Damaõ, para aperto desta Praça, e maior segurança da de Baçaim. Era vulg.

Em quanto o Governador se demora nesta Cidade para a execuçaõ dos projectos determinados no Conselho, e outros maiores, que logo seraõ assumpto da Historia; supposdo já inuteis os officios do Embaixador Tristaõ de Payva com os Generaes de Cambaya, vamos a ouvir o que executáraõ os nossos nas expedições differentes, a que os destacára Francisco Barreto, antes de partir para o Norte.

Ainda elle estava no porto de Goa, quando o bravo Miguel Rodrigues Fios Seccos assolava os do Hidalcaõ por toda a cósta até Dabul. Nos navios, nas fazendas, nas vidas era igual o estrago. Lagos de sangue nos Póvos, chammas nos estalleiros, incendios nos palmares representavaõ huns espectaculos taõ gratos á vingança, quanto indigestos á huma-

Era vulg. manidade. Naõ havendo mais que fazer nas paragens marcadas no Regimento, o Chéfe foi pairar na barra de Dabul. Aqui teve elle o encontro com huma náo alterosa do Hidalcaõ, que vinha de Meca importantissima com a guarniçaõ de 200 Mouros. Durou horas o vistoso combate antes da abordagem. Nesta foi o furor dobrado, da parte dos Mouros taõ vivo, que todos se deixáraõ matar desesperados. El-Rei tirou á sua parte o valor de 30000 cruzados; a náo servio para engrossar a Armada, e tantos estragos de incentivo para mais atiçar a cólera na dura guerra, que nos mandou fazer nas terras firmes de Bardez, e Salcete, o escandalisado Hidalcaõ.

D. Alvaro da Silveira na expediçaõ de Baçorá nada obrou, que se parecesse com o que antes executára no Malabar. Elle foi a Ormuz engrossar a Armada com mais seis navios, e a tratar com muitas grossarias, e desattençóes públicas o civil Governador Bernardim de Sousa, ainda lembrado de huns ciumes, que elle lhe déra em Goa

nos

nos pontos delicados de amor; paixaõ fragil, que penetra peitos armados de ferro. De Ormuz navegou D. Alvaro para Baçorá, pairando da Fortaleza de Reixel pertencente á Persia, até a embocadura do rio Eufrates, que lhe fica visinha, para esperar aviso do Rei, que fora de Baçorá, e dos Gizares seus Alliados, que haviaõ ter regulado o plano da expediçaõ. Aqui foi a sua Fróta assaltada de huma tempestade taõ furiosa, que naõ a podendo levar sobre ferro, os navios atoados, alagados, destroçados foraõ parar a Ormuz, aonde o Chéfe picado naõ quiz desembarcar com sentimento novo de Bernardim de Sousa, admirado de que o fogo do zelo em D. Alvaro naõ o podesse extinguir a congregaçaõ de tantas aguas contra elle conjuradas. Em Mascate esperou D. Alvaro a monçaõ de voltar para a India, na Armada sem perda, da expediçaõ sem gloria.

Em vulg.

Pelo contrario Joaõ Peyxoto com os seus dous navios, elle pôz em suspensaõ ambas as margens do estreito do mar Roxo. Para desempenhar os

brios

Era vulg. brios do seu apellido illustre, determinou supprir com o valor a falta das forças. Fazendo na boca do mesmo estreito algumas prezas, soube das suas tripulações que nelle naõ havia mais galéz, que as de Cafur varadas em Meca. Com esta noticia imaginando-se senhor daquelles mares, atravessou toda a cósta da Abassia, até haver vista da Ilha de Çuaquem. O seu coraçaõ intrépido determinou fazer nella huma irrupçaõ nocturna, que ficasse em memoria naquellas Regiões. A favor das sombras elle pósta em terra o seu pouco mundo, e sem ser sentido endireita a marcha aos Paços do Rei, que ficavaõ sobre o mar. Ajudando a fortuna a temeridade, elle entra, e vai dar na cama com o descuidado Principe, que nella ficou descabeçado. Quasi toda a familia teve igual destino, e saqueado o Palacio, com riquissimos despojos recolheo a gente nas náos, sem a perda de hum só homem.

Os soldados mais animados com hum tal successo, invitáraõ o seu Chéfe, para que a todos os lugares da cós-

ta

ta até Arquico fosse dando o mesmo Era vulg.
tratamento, que Çuaquem acabava de receber. Assim o executou elle com confiança incrivel; faltando já o vaõ nos navios para recolher despojos; as forças já lassas para derramarem sangue. Daquelle porto da Abassia avisou Joaõ Peyxoto ao Padre Mestre Gonçalo se recolhesse a bórdo para voltar á India. Elle o fez com permissaõ do Imperador, que escreveo a El-Rei de Portugal, e ao Governador da India, agradecendo-lhes o zelo, que mostravaõ na salvaçaõ dos seus vassallos, que tanto promoviaõ, conseguindo do Papa, que para o seu Imperio criasse hum Patriarca, nomeasse Bispos, e o enchesse de Operarios Evangelicos. Mas em abjurar os erros, e mudar de costumes o astuto Principe naõ fallava huma só palavra. Silencio, que os Padres em Goa interpretáraõ ao Governador, assegurando-lhe que o Imperador Claudio naõ mudaria de sentimentos; que os desejos piedosos do Rei de Portugal, tantas despezas, tantas diligencias, tantas viagens repetidas a Abys-

sin-

Era vulg. finia, nada corresponderia ás suas intenções, tudo seria trabalho perdido.

CAPITULO VII.

Por occasiaõ das náos do Reino, que este anno chegáraõ a Goa, se trataõ das novas ordens d'El-Rei a respeito dos negocios da Ethiopia, e como fóraõ executadas pelo Governador da India.

NA figura, que eu acabo de escrever, estavaõ os negocios espirituaes do Imperio da Abyssinia, quando chegáraõ a Goa as cinco náos, que este anno sahíraõ do Reino. Ellas vinhaõ commandadas por D. Joaõ de Menezes de Siqueira, que trazia ás suas ordens os Capitães Jorge de Brito, Pedro de Goes, Martim Affonso de Sousa, o que depois foi Governador de Angola, e Antonio Fernandes, que trouxe no seu bórdo a D. Antonio de Noronha, o Catarraz, que em outra viagem arribára ao Reino taõ pobre, que foi

pedir paõ, e casa ao Convento de Saõ Francisco. Agora informado El-Rei, de que este retiro de D. Antonio ao Claustro, era fome, e naõ vocaçaõ; altenaria do espirito por se naõ sujeitar á dependencia dos parentes, naõ humildade da alma para a abater aos repellões da pobreza; El-Rei o mandou vir ao Paço, fallou-lhe com muito agrado, que foi a primeira mercê; fez-lhe outras muitas, que pozeraõ a necessidade em esquecimento, e o despachou com o governo de Dio para succeder nelle a D. Diogo de Noronha.

Era vulg.

Vieraõ nestas náos destinados para o Imperio do Preste o segundo Patriarca D. Joaõ Nunes Barreto, Jesuita, e Successor de D. Joaõ Bermudes, alguns Bispos, e com o caracter de Embaixador, para os acompanhar, Fernaõ de Sousa de Castello-Branco, que trazia Provisões Reaes para o Governador da India lhe fornecer huma Armada com 500 homens de guarniçaõ para a viagem de Maçuá. Com igual aperto, e precisaõ vinhaõ tambem ordens ao mes-

mo

Era vulg. mo Governador para mandar logo examinar todos os pórtos da Ilha de Saõ Lourenço, com o designio de descobrir noticias das numerosas tripulações de duas náos, que no anno de 1553 naufragáraõ naquellas cóstas voltando para o Reino; que nellas se buscasse sitio accommodado para a fabrica de huma Fortaleza; que se celebrassem *Tratados* de paz com os Dominantes *do Paiz*, e que lhes sondassem o fundo dos espiritos para se vêr se eraõ capazes de serem instruidos nos Dogmas da Lei Santa: duas expedições recommendadas, que subprendêraõ a Francisco Barreto pela diminuiçaõ, que causavaõ nas forças da India, quando elle preferia a todas as idéas a da conquista de Damaõ, em que o deixamos empenhado.

Com effeito, nem a exactidaõ, que requeria a observancia destas ordens, nem o indispensavel cuidado de aprom ptar as importantes cargas para outras cinco náos, que haviaõ voltar a Lisboa, impedíraõ ao Governador a viagem do Nórte. As náos com execuçaõ ligeira recebêraõ a carga, soltáraõ panno,

no, e elle ſe apreſtou ſem demora pa- Era vulg.
ra tambem ſe fazer á véla. Mas os Jeſuitas
transſportados da impaciencia, que lhes era natural, quando lhes encontravaõ
os deſignios, como ſe o Padre Meſtre Gonçalo, acabado de chegar
da Abyſſinia, naõ houveſſe dado ao Governador informações contrarias,
bem capazes de detrotar as intenções d'El-Rei ſobre os progreſſos da Religiaõ
naquelles Eſtados; eſtes homens feitos em hum corpo inſtavaõ, perſuadiaõ,
clamavaõ ao Governador que ſem perda de tempo mandaſſe preparar a Armada,
aliſtaſſe a gente, executaſſe á riſca as ordens d'El-Rei para o Patriarca,
os Biſpos, e o Embaixador navegarem ao porto de Maçuá, ſob pena de ſer
reſponſavel a Deos, e ao Rei dos prejuizos, que a demora cauſaſſe ás
Chriſtandades recem-eſtabelecidas na Ethiopia.

Sem ſe mover ao tom féro deſta repreſentaçaõ, o Governador propunha
aos Padres, naõ ſó a impoſſibilidade do Eſtado ſeparar de ſi na ſituaçaõ
critica de tantas guerras hum corpo taõ con-

Era vulg. consideravel de homens, e navios; mas lhe chamava por authoria ao Padre Mestre Gonçalo, e aos seus companheiros para na sua face lhes fazer a mesma relaçaõ, que elles lhe representáraõ, quando vieraõ da Ethiopia, a respeito do que lhes havia succedido com o Imperador; e que era huma demencia pelas vantagens da Religiaõ duvidosas arriscar os interesses certos do Estado. Esta repulsa foi novo estimulo para furor novo, que se encostou ao lado da Nobreza da India para lhe communicar a mesma ardencia. O Governador atacado pelos Fidalgos, resolveo prudente que elle naõ duvidava na jornada; mas que se satisfizessem os Padres, com que elle lhes preparasse huma Armada com o número de gente confórme ao tempo: que o Embaixador suspendesse a sua; e que em seu lugar iria Fernaõ Martins Freire até Arquico, aonde deitaria em terra o Patriarca, e Bispos, e lhes daria 60 soldados para os acompanharem até a Corte do Imperador.

Esta resoluçaõ fez que o Patriarca,

ca, e o Embaixador Fernaõ de Souſa rompeſſem as medidas da moderaçaõ; eſte teimoſo, em que havia ir, aquelle tenaz, em que naõ ſahiria de Góa ſem o apparato, que El-Rei determinava. Ainda mais accezo o Padre Provincial Gonçalo da Silveira, elle ſe embarcou para Cochim, ſem mais vêr, nem fallar ao Governador, que ſe oppunha audaz ás idéas da ſua Sociedade. Juſtamente temeroſo da formidavel potencia Jeſuitica na Época da ſua maior authoridade, o Governador daqui em diante nada mais quiz obrar, que pareceſſe deliberaçaõ privativamente ſua. Elle chamou a Conſelho os Fidalgos de grande nome, os ſabios mais illuminados, e ſobmettendo a extollencia do eſpirito, deixando ſó fallar a ingenuidade ſem affectaçaõ, nem ornatos, lhes propoz a figura, em que o Eſtado ſe achava; os informes, que da Ethiopia acabára de dar o Padre Meſtre Gonçalo; os apreſtos com que El-Rei diſpunha a viagem do Patriarca, e dos Biſpos; o modo da expediçaõ á Ilha de S. Lourenço, que recommendava, e

Era vulg.

Era vulg. que sobre tudo elles deliberassem como bem lhes parecesse.

Pezados huns pontos taõ circunspectos, unanimemente foi determinado que as Christandades da Ethiopia se naõ desamparassem, nem fizesse maior especie a tenacidade do Imperador, que podia ser tocado pela maõ fórte, que he capaz de fazer das pedras filhos de Abrahaõ. Que por hora só passasse aos Estados do Imperador o Bispo D. André de Oviedo com alguns Jesuitas para confortarem os Christãos, e examinarem as disposições da Corte, que se deviaõ saber para entaõ se determinar a viagem do Patriarca. Que pelo que respeitava á Ilha de S. Lourenço, fossem á diligencia recommendada de descobrir noticia da gente das náos perdidas poucas embarcações, reservando para tempo mais opportuno os ajustes da paz, e a fundaçaõ da Fortaleza, que El-Rei determinava.

Coberta a cabeça do Governador com o escudo deste conselho no dia da guerra, que lhe faziaõ os Jesuitas; elle mandou aprestar quatro navios, de

que

que deo o commandamento ao Capitaõ Manoel Travaços: delineou huma imagem de Embaixador em Gaspar Nunes, que estivera na Abyssinia com D. Christovaõ da Gama; e embarcado o Bispo com os seus Padres, os fez navegar para Arquico. Ao mesmo tempo despedio para a Ilha de S. Lourenço a Balthasar Lobo de Sousa com huma caravella, duas fustas de remo, e ordem, para que em todos os seus mares, recostos, enseadas, e golfos inquirisse as noticias, que nas ordens do Rei lhe eraõ recommendadas. Nós deixaremos estes Chefes navegando para os lugares dos seus destinos, e no Livro seguinte nos iremos encontrar com o Governador Francisco Barreto, que deixamos em Baçaim, se mudado da empreza de Damaõ, entretido em novos projectos, que lhe offerecêraõ as conjuncturas.

Era vulg.

LIVRO LII.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Do que obrou o Governador Francisco Barreto em Baçaim sobre Cambaya, e a respeito da Embaixada, que lhe mandou o Rei de Ginde.

Era vulg. 1556

DEPOIS que o Conselho da India approvou em Baçaim o parecer de D. Diogo de Noronha, Governador de Dio, e se suspendeo o intento de trocar pela Cidade de Damaõ o rendimento da sua Alfandega, que no anno antecedente passára muito além de 150000 cruzados: o mesmo Conselho determinou, que para segurança de Baçaim, e aperto da Praça de Damaõ, as nossas armas se empregassem na conquista das duas importantes Fortalezas de Assari, e Manorá, como fica dito.

Fran-

Francisco Barreto, que havia dispôr os meios para estas emprezas, e dar a ellas principio pela de Assari, que ficava quatro legoas pela terra dentro em igual distancia entre Damaõ, e Baçaim, plantada no cume de huma montanha horrivel, em todo semelhante á de Damá na Abyssinia, que nós mostramos escalada por D. Christovaõ da Gama; a Praça igualmente fórte pela natureza, e pela arte. O Governador antes de dar uso ás armas, tentou os meios da negociaçaõ com o seu Commandante Condixá, que foi mandado sondar pelo Mouro Coge Mahamede nosso conhecido do tempo de Nuno da Cunha; e que naõ fez entaõ pequena figura na entrega de Baçaim.

Era vulg.

Com facilidade conseguio o Coge do avarento, e infiel Condixá a entrega de Assari por meio do donativo de seis mil pardáos, e da permissaõ de vir passar o resto da vida em Baçaim entre os Portuguezes. Com iguaes industrias quiz o Coge fazer-nos serviço semelhante em Manorá; mas no Turco Agade seu Governador, encontrou a resi-

Est. vulg. çaõ honrada de preferir a fidelidade devida ao seu Soberano a todos os outros interesses. Á vista da diversidade dos fins das duas negociações, se tomou a resoluçaõ, de que presidiada Assari, e bem guarnecida a sua montanha, Manorá se levasse á escala por hum corpo de seiscentos homens. O Governador encarregou ambas as expedições ao valor provado de Antonio Moniz Barreto, que guarneceo a serra, e Fortaleza de Assari com sessenta Portuguezes, e 200 homens da terra, que segurassem aos moradores na cultura dos campos, sem mais differença, que a de pagarem á Coroa de Portugal as mesmas gabelas, que antes satisfaziaõ ao Rei de Cambaya.

Para a tomada de Manorá, que se entendia arriscada, marchou por terra o mesmo Antonio Moniz na tésta de 600 homens, e com déz navios D. Antaõ de Noronha para lhe cobrir a marcha pelas margens do rio. Sem resistencia foraõ os Portuguezes talando a campanha até Manorá, que acháraõ abandonada, mais fiel o Turco Comman-

dan-

dante em palavras, que façanhoso nas obras. Depois da Praça presidiada, appareceo elle no campo com géstos bisarros; mas atacado, em ligeiras escaramuças, tudo nos deixou á discriçaõ. Conseguidas com tanta facilidade estas consideraveis vantagens, o Governador se applicou a ouvir os Officios dos Embaixadores do Rei do Cinde, chamado por corrupçaõ Rei de Dulcinde, que tinha os seus Estados na visinhança da nossa Cidade de Dio.

Era vulg.

Este Principe opprimido por hum Tyranno poderoso, que se havia levantado contra elle, pedia a Francisco Barreto o soccorresse com parte da Armada, obrigando-se elle a satisfazer todos os gastos da guerra, e de dar aos Portuguezes grandes vantagens no commercio do seu Reino. O Governador ouvidos os votos, que se conformáraõ com os intentos do Rei; lhe mandou a Pedro Barreto Rolim com vinte e oito navios, e 700 homens de desembarque, a maior parte offerecidos, especialmente do corpo da Nobreza, que quiz ir buscar no Cinde as occasiões

de

de honra, que naõ encontrára na imaginada conquista de Damaõ. Corria o mez de Dezembro, quando Pedro Barreto sahio de Baçaim á empreza, de que hia encarregado, e ainda que os acontecimentos da sua commissaõ todos pertencem ao anno de 1557, ultimo da vida d'El-Rei D. Joaõ III., nós os referiremos neste lugar.

Pedro Barreto depois de passar em Dio a Festa do Natal, navegou á barra do Cinde, que se chama de Cambaya, e sobindo o rio 30 legoas foi dar á Cidade de Tatá, aonde estava hum filho do Rei, que se havia entranhado no coraçaõ do Reino, em busca do seu inimigo. Alli esteve detida a nossa Esquadra, até Fevereiro, sem se receberem avisos do que havia obrar; porque o Rei se tinha ajustado com o Tyranno, e naõ cuidava em mais, que entreter os Portuguezes, naõ querendo dar-se por entendido ao cumprimento das promessas, que lhes fizera, e porque elles instavaõ ao Principe, seu filho, em Tatá. O Barreto dissimulava, até que o soffrimento se fez escandalo-

ſo á impaciencia dos ſoldados, que pe- Era vulg.
diaõ o deſpique do engano, e queriaõ recolher nos deſpojos o reſarcimento das deſpezas da guerra promettidas, e naõ ſatisfeitas. Reſolveo-ſe a deſtruiçaõ de Tatá, huma das Cidades mais populoſas, e mais ricas de toda a India, que ſoffreo o furor derramado de Portuguezes offendidos. O primeiro eſtrago laſtimoſo foi o de 200 homens de cavallo, que ſe refugiáraõ em huma grande Meſquita, aonde ſem poderem ſahir, todos foraõ abrazados por huma innundaçaõ de panellas de polvora, com que os noſſos mudáraõ a caſa de oraçaõ dos Barbaros no ſeu primeiro Inferno.

Logo atropellada a mais dura reſiſtencia, os Portuguezes entráraõ pela Cidade com cólera taõ indiſtincta, que nem os animaes tiveraõ quartel. Sem elles perderem hum homem, degolláraõ mais de oito mil. A Armada foi carregada ſó do que era preciſo: o mais, que importava theſouros, ardeo com a Cidade em incendio voraz para láſtima das idades futuras. Embarcada

a

a trópa, e vindo rio abaixo, ambas as margens das trinta legoas do famoso Indo sentíraõ estragos semelhantes ao de Tatá. Mas porque em muitas passagens as ribanceiras ficavaõ muito eminentes aos navios, que recebiaõ algum damno dos muitos tiros, que sobre elles disparavaõ, Pedro Barreto formou em terra dous esquadrões, que pelas margens do rio fossem assaltando os inimigos, augmentando as assolações, acompanhando a Armada, e nesta fórma chegáraõ á Fortaleza da barra, que arrazáraõ até aos fundamentos, naõ deixando em jornada taõ longa mais que vestigios de hum furor barbaro.

Já o Governador havia partido de Baçaim para Goa a suspender os progressos da guerra, que o Hidalcaõ fazia nas nossas terras firmes, quando Pedro Barreto se occupava na expediçaõ referida. Mas naquella Cidade lhe deixou ordem, para que em chegando naõ perdesse instantes de tempo, e partisse para a Cidade de Dabul pertencente ao mesmo Hidalcaõ, á qual, e por toda a cósta faria a guerra mais crua, que

lhe

lhe fosse possivel. O Barreto sahindo do porto de Cinde, se recolhia ao de Baçaim triunfante, e rico com fortuna; que nesta viagem se lhe mostrou jornaleira. Antes de chegar a Dio huma tempestade furiosa vingou tantas mórtes, e tantas pilhagens, que elle acabava de fazer deshumano. Elle foi obrigado a alijar ao mar os despojos preciosos dos muitos lugares mettidos a saco; elle chegou aos termos ultimos de se perder com toda a Armada; elle ferrou destroçado o porto de Chaul, e aqui se lhe communicáraõ as ordens do Governador para a expediçaõ de Dabul, aonde se havia incorporar com os navios de Antonio Pereira Brandaõ, que o esperava para a execuçaõ das mesmas ordens.

Era vulg

Ella nos dous Chéfes foi taõ prompta, e taõ confórme, que o Governador antes sentiria os excessos, que a falta. A effusaõ de sangue, a importancia dos despojos, o horror do incendio foi em Dabul outro espectaculo igual ao de Tatá. Antonio Pereira Brandaõ, que levava a vã-guarda, depois de degol-

gollar muitos soldados da guarniçaõ, e de pôr o resto em fugida, que buscava a salvaçaõ nos montes, deixou o passo franco ás trópas, que nas escaladas sequiosas de sangue com a natureza do fogo, que a nenhuma materia diz, que basta; ellas entráraõ pelas ruas, e pelas casas, aonde naõ achando mais, que as mulheres, e os mininos, sem piedade os esmagavaõ contra as paredes. Perseguindo os fugitivos, em quanto Dabul se abrazava, subíraõ a arrazar no alto de huma montanha hum Pagode famoso, para que elles se naõ servissem deste refugio. Recolhida a preza, o Brandaõ com os seus navios continuou os estragos rio a cima, e o Barreto se recolheo a Goa para receber, nos applausos do Povo, e nas honras do Governador, o premio antes das execuções cruéis, que das façanhas brilhantes.

Como as noticias, que Francisco Barreto recebeo em Baçaim dos movimentos, que fazia o Hidalcaõ para reconquistar as terras do Concaõ, de Bardez, e Salcete, o obrigáraõ a sahir com pre-

precipitaçaõ daquella Praça : Elle antes de entrar na de Goa, deo hum gyro pelos mates da circunferencia da Ilha: despachou a D. Pedro de Menezes para a Fortaleza de Rachol : fortificou, e proveo com as melhores tropas todos os passos, deixando para a sua defensa hum reforço dos seus melhores navios. O Hidalcaõ já antes escandalisado, agora com as novas da assolaçaõ de Dabul mettido em cólera, chama os seus Officiaes, e lhes diz : A insolencia dos Portuguezes sobre os meus Estados he já intoleravel. Vós como vassallos fiéis deveis empenhar os ultimos alentos da alma, tanto pela minha segurança, como pela minha honra. Estais instruidos, em que eu lhe cedi Bardez, e Salcete com a condiçaõ de mandarem a Meale para Portugal. Os Governadores da India de tudo zombáraõ ; tomáraõ posse das terras, e nada cumpríraõ. Agora o mesmo Meale com doaçaõ mais ampla lhes avançou o Dominio, e arrogancia ; o primeiro com o Concaõ, a segunda Dabul no-la aponta com o dedo. Pois que mais temos, que esperar?

Esta vulga

Vin-

Rifa vulg. Vingar, ou morrer, vencer, ou viver escravos. Este discurso resolveo a guerra, que será o assumpto de hum dos Capitulos seguintes.

CAPITULO II.

Successos de Portugal, e Africa no fim do anno de 1556, e os do anno de 1557.

El-Rei D. João III. pacifico, reputado, e poderoso applicava os expedientes da sua bondade natural em honrar os vassallos dignos, e em lhes impedir as occasiões de controversias. Como os espiritos Portuguezes nunca dissimuláraõ a sua ambiçaõ pelas vantagens honrosas, mal soffriaõ huns as que entendiaõ ser possuidas pelos outros. Esta emulaçaõ mais mettida em uso pela Nobreza da Corte, que toda pretendia as regalias da primeira classe, e até a que a ella realmente pertencia, se esforçava para sustentar as precedencias nos actos publicos; obrigou El-Rei a temperar com resoluções effectivas a origem das

des-

desordens. Para isso decretou, que todas as pessoas, ás quaes des de entaõ désse os titulos de Condes, ellas se precedessem segundo a antiguidade dos mesmos Titulos, e que nenhuma lograsse de Assentamento mais de 102$864 réis, ainda que elle as nomeasse parentes, ou pretendessem sello: expediente saudavel, que poz silencio a todas as pretenções, mais rendidos os vassallos á obediencia, que ao capricho.

Era vulg.

Muitos delles serviaõ entaõ officiosos ao seu Monarca; e porque entre muitos apenas se achará algum, que aos seus Principes os fizessem mais, e maiores, que Lourenço Pires de Tavora, Senhor do Mórgado de Caparica, do Conselho de Estado, aos Reis D. Joaõ III., e a seu neto D. Sebastiaõ; sendo taõ distinctos os que elle exercitava por estes tempos, naõ he justo deixar de fazer lembrança deste Fidalgo na minha Historia. Na flôr da sua idade Lourenço Pires militou em Africa com tanto valor, que rubricou as proezas com o seu sangue illustre, e foi captivo dos Mouros. Na jornada de

Tur

Era vulg. Tunes acompanhou ao Infante. D. Luiz, e navegou á India com huma Esquadra, de que era Commandante. Chegado a Cochim, e sabendo do segundo sitio de Dio, fretou huma pequena embarcação, que rompendo os mares grossos levasse na sua pessoa hum soccorro importante á Fortaleza. Em toda a duração do sitio se portou com valor intrépido, e na batalha, sem já mais se separar do lado do grande D. João de Castro, mereceo que este Chéfe confessasse ingenuo, como Lourenço Pires fora o primeiro, que subíra o muro dos inimigos, e elle o segundo.

O mesmo Fidalgo foi Embaixador a Alemanha ao Imperador Carlos V., e depois a Castella. Com elle tratou negocios da maior importancia, entre outros o casamento do Principe D. João, com sua filha, a Princeza D. Joanna, que elle conduzio a Portugal. Com o mesmo caracter foi á Inglaterra tratar, ainda que sem effeito, o matrimonio do Infante D. Luiz com a Rainha Maria, filha de Henrique VIII., que veio a ser Esposa de Filippe II., Rei de Cas-

tella. Negocio taõ delicado, tanto do empenho dos Principes desta Monarquia, como era o casamento, que elles pretendiaõ fazer da Infante D. Maria, filha d'El-Rei D. Manoel, e de sua terceira mulher a Rainha D. Leonor. Negocio taõ pouco vantajoso a Portugal, a prudencia, e dexteridade de Lourenço Pires de Tavora, que foi mandado Embaixador a Castella, o divertio, naõ só sem rotura, mas com satisfaçaõ dos Principes interessados. He memoravel o desembaraço, que elle teve com o Imperador em huma das conferencias sobre esta negociaçaõ critica. Resentio-se a Magestade de Carlos das interlocutorias Portuguezas, e tomado hum pouco da cólera, disse enfadado ao Embaixador: Que elle sabia muito bem quantos rios, e quantas pontes havia em Portugal.

Era vulg.

Com todo o socego do seu espirito, e intrepidez do coraçaõ, sem demora, sem pensar, lhe respondeo Lourenço Pires de Tavora: Tem os mesmos, que tinha hoje, faz tantos annos, tantos mezes, e tantos dias: que eraõ

Era vulg. precisfamente os que haviaõ com
dia da batalha de Aljubarrota
taõ. Depois da mórte d'El-Rei D
III. ainda Lourenço Pires servic
neto D. Sebastiaõ com o mesm
do anno de 1557 até o de 157
que falleceo com 63 de idade. N
le transcurso foi por Embaixador
ma aos Papas Paulo IV., e Pio
a este taõ acceito, que lhe deo
pedagem no proprio Palacio para
modamente tratar com frequenci
Politico taõ consummado. Quan
anno de 1563 se temeo, que o
com todo o seu poder queria
Cidade de Tangere, o Governo
meou seu Governador, e Capit
neral; Varaõ benemerito, e illi
do., que entaõ mostrou como ne
putavaõ precedencias os talentos
res, e as delicadezas politicas.

Por estes mesmos tempos er
bre em Portugal o nome de Ped
lego, natural de Viana do Minho
alentado homem era Mestre de
a espada: exercicio, em que
com destreza os Moços mais ro

Era vulg.

da ſua Patria. Depois de os conſiderar capazes para as emprezas de valor, elle os ajunta, e lhes diz: Que era hum deſcredito da ſua corage eſtarem acantonados em Viana, ſem fazerem figura no mundo: que os homens desfavorecidos da fortuna no naſcimento, ſe deviaõ dar a conhecer pelas obras: que os convidava para ſahirem a buſcar pelas nãos as diſtinções, que lhes negára a natureza: que a todos unidos naõ era difficultoſo eſquiparem huma embarcaçaõ, em que andaſſem a corſo pelas cóſtas de Heſpanha, aonde lhes naõ faltariaõ occaſiões honroſas para ſe aſſignalarem pelas armas. Menos razões baſtavaõ para ſe deixarem convencer as mocidades ordinariamente preſumidas de façanhoſas. Trinta Eſgrimidores com o ſeu Meſtre compráraõ huma caravella com quatro peças; fornecêraõ-na de viveres; ajuſtáraõ os marinheiros, e ſem que parentes, e amigos nada ſoubeſſem, huma noite ſe fazem ao mar.

Andadas poucas legoas tiveraõ elles o primeiro deſejado encontro com huma

Erá vulg. navio de Mouros, que atacáraõ com valor, rendêraõ com bisarria, matando treze, captivando outros, de que se servíraõ para a manobra de ambas as embarcações, com que se fizeraõ na volta do Algarve. Em hum dos seus pórtos vendêraõ a caravella para fortificarem melhor o navio, e recebidos a bórdo quinze voluntarios Algaravios dos seus mesmos humores, sahíraõ a continuar as aventuras. Dentro, e fóra do Estreito de Gibraltar tiveraõ vários encontros com Mouros, e Turcos, que sobre triunfantes os fizeraõ ricos. Soberbos com o cabedal, e as victorias, entráraõ em Cadiz, aonde entaõ se achava o famoso General Pedro Navarro com a Armada Real de Castella, á qual Pedro Galego naõ quiz abater a bandeira, como devia. O General *supp*pondo ignorancia militar a imprudente bisarria, repetio muitos recados para o Galego cumprir os seus deveres; mas elle fez que naõ os entendia. O General estimulado partio na mesma galé Capitania a castigar o louco atrevimento. O Galego levou ferro, soltou o pan-

panno, esperou a galé, e quando a teve a tiro a servio com huma banda de artilharia, que lhe encheo o convéz de mórtos, e feridos, entrando no número destes o mesmo General Navarro.

Era vulg.

O Chéfe prudente á vista deste desatino portuguez, mandou virar de bórdo, e se recolheo a Cadiz. Pedro Galego, e os seus camaradas soltando todo o panno, em pouco tempo se pozérão a perder de vista, e se recolhêrão a Viana com presumpção de honrados, e realidade de ricos. Queixou-se a Corte de Castella á de Portugal, pedindo satisfação da injúria, mas ella se revestia de taes circunstancias, que El-Rei com apparencias de a castigar a remunerava. Em Portugal, e Hespanha ficou célebre o nome de Pedro Galego: condição admiravel das acções de valor não vulgares, que até aquelles, que ou apoucados, ou invejosos lhes buscão os defeitos, sejão manifestos, ou occultos, para as deprimirem, esses mesmos desejarião ser os authores dellas.

Quan-

Era vulg. 1557

Quando tantas obras gloriosas, tanta reputaçaõ em todo o mundo, parecia que firmavaõ á Coroa Portugueza huma consistencia perduravel, os juizos insondaveis da Providencia já hiaõ preparando em Africa os instrumentos, que em hum só dia lhe haviaõ sepultar as glórias de tantos seculos. Nós deixámos ao Menor Xerife aleivosamente triunfante de seu irmaõ o Xerife Maior em Tafilete, aonde o fez prisioneiro, e degollou tres dos seus filhos. Nós o vimos pouco depois com a mesma aleivosia vencedor do alentado Buhazon, que ficou morto no campo ás mãos de hum trahidor: morte, victoria, e triunfo, que segurou ao Xerife na posse dos Estados, que usurpára por meio do fanatismo. Este monstro já avançado na idade de mais de 80 annos, que podia passar tranquillo, usando das máximas da mesma hypocrisia, affectou dous annos de pacifico, quando no seu interior forjava idéas de vingança sobre os moradores de Montes Claros, que a favor de Zala Arraez, e de Buhazon, se haviaõ opposto aos seus designios na guerra passada.

Con-

Era vulg.

Contra aquelles Póvos marchava furioso o Xerife; mas encontrou antes das execuções huma mórte atreiçoada, como elle dera muitas; porque estavaõ cheias as medidas das atrocidades do Barbaro, na ordem dos Decretos Divinos. Para nos instruirmos na origem da merecida mórte deste Xerife, havemos saber que depois da de Zala Arraez, succedeo no governo de Argel o Mouro Hazem, filho do célebre Barbaroxa, que teve particular recommendaçaõ do Graõ-Turco para continuar na vingança contra o Xerife, ainda picado deste lhe faltar ao respeito, quando intercedeo pela liberdade do Rei de Féz. O conductor desta commissaõ do Turco foi hum dos seus Baxás; e Hazem para fazer á Corte de Constantinopla hum serviço completo, fingindo-se queixoso do mesmo Baxá, que se arrogava a authoridade de Bei de Argel, veio a Marrocos, e se offereceo ao Xerife para o acompanhar com os seus Turcos na expediçaõ de Montes Claros. Chegados á povoaçaõ de Guer situada nas faldas dos mesmos montes,

Ha-

Hazem entrando na tenda do Xerife, como quem hia a fallar-lhe, o matou ás punhaladas, roubou-lhe o campo, e fugio com os seus Turcos para se pôr em çobro no cabo de Aguer, aonde entendeo achar navios para Hespanha; mas naõ os encontrando se refugiou em Tarudante.

Este foi o fim desastrado do memoravel Xerife o Menor na idade de 85 annos. Seu filho Muley Abel apenas soube da mórte, sahio de Marrocos em busca dos trahidores, que alcançou em Tremecem. Os Turcos se defendêraõ como desesperados, e todos morrêraõ furiosos deixando o seu sangue bem vingado. Faltava para remate de tantos catastrofes o do Xerife Maior, que com mais de 90 annos estava prezo em Marrocos, e sete filhos, e netos seus. Muley Abel, quando marchou á expediçaõ referida, encarregou a guarda destes prezos ao Alcaide Ali Benbucar, que para se livrar de cuidados a todos oito cortou as cabeças: golpe, que igualou na mórte aos Xerifes, que tiveraõ tanta igualdade de costumes na vi-

da.

da. Sobrevivêraõ ao Menor Xerife cinco filhos de duas mulheres. Muley Abdalá, ultimo do primeiro matrimonio, lhe succedeo agora: Muley Maluco, que nasceo do segundo, reinou depois, e acabou de reinar com El-Rei D. Sebastiaõ no mesmo dia, em que ambos morrêraõ na batalha fatal de Alcacere; Maluco com mórte verdadeira, a de D. Sebastiaõ duvidosa entaõ, pelos desejosos da sua vida appetecida, até agora indiscretamente disputada.

Era vulg

CAPITULO III.

Trata-se da guerra do Hidalcaõ nas terras firmes de Bardez, e Salcete, e de outros successos da India neste anno de 1557.

O HIDALCAÕ que nós deixamos depois da ruina de Dabul persuadindo aos seus vassallos naõ tanto a guerra, quanto a vingança contra os Portuguezes de Goa; para a romper ajuntou hum Exercito de 20Ꝏ000 homens, que encarregou ao commandamento do seu Ge-

ne-

e vulg. neral Nazer Maluco para marchar a Pondá, em quanto Maratecaõ, Governador do Concaõ, invadia com outro corpo as terras de Bardez, e Salcete. Francisco Barreto bem advertido, de que se elle se conduzisse com lentidaõ nesta conjunctura, todo o Inverno estaria á face com os inimigos, e Goa em hum rebate contínuo; elle, se resolve a ir em pessoa combatellos, e desalojallos. Passada revista ás tropas, que havia em Goa, achou luzido hum corpo de tres mil Portuguezes, mil infantes da terra, e duzentos cavallos. Com esta gente se postou o Governador da outra banda, aonde a formou dando a vã-guarda aos Lascarins da terra, os Portuguezes em hum Esquadraõ coberto pelos Capitães D. Antaõ de Noronha, Jeronymo Barreto Rolim, Martim Affonso de Miranda, Pantaleaõ de Sá, D. Fernando de Monroy, D. Alvaro da Silveira, Alvaro Paes de Soto-Mayor; a cada hum dos lados do Esquadraõ cem cavallos; elle, D. Antonio de Noronha, o Catarraz, outros Fidalgos, e cem espingardeiros na reta-guarda.

Nesta fórma marchou o nosso Exercito direito a Pondá em demanda de Nazer Maluco, que com corpo muitas vezes mais numeroso acampava nos seus planos, hum dos flancos encostado á mesma Fortaleza, o outro coberto por hum denso bosque, a vã-guarda defendida por hum fosso de quasi cinco pés de largo; disposições mais difficultosas de vencer, que a corage da trópa superior, e determinada. O nosso Mouro D. João Bellez, que mandava os Lascarins avançados, chegando a este fosso, e naõ podendo saltallo, foi marchando ao longo delle, respondendo com vigor ao fogo dos inimigos. O Governador que naõ percebeo a causa deste movimento, marchou intrépido com a retaguarda, a todo o galope com a cavallaria, e naõ vio o fosso senaõ a tempo, em que naõ podia retroceder. O seu cavallo o saltou brioso, assim os mais a excepçaõ de poucos menos valentes, que no fundo da cava rebentáraõ os donos. A mesma rapidez do galope foi o da investida pouco depois auxiliada pela Infantaria, que rompendo

Era vulg.

a vuig. do todos os perigos, acudio com marcha violenta a soccorrer o seu Chéfe no meio dos mais proximos, em que ella o contemplava.

Atonito Nazer Maluco com a elegancia das nossas gentilezas, naõ quiz esperar mais tempo os repellões de gente taõ determinada. Elle já destroçado fez soar a retirada, e marchando a hum lado da Fortaleza sem ousar a recolherse nella, temeroso, ou circunspecto, se foi entranhando no interior do Concaõ, naõ só para estar a coberto do perigo, mas até livre do susto. O Governador triunfante mandou arrazar os muros de Pondá; pôz por terra todos os trabalhos, obras, e fortificações, que os inimigos haviaõ construido; e naõ tendo mais que fazer naquellas partes, pelo caminho de Benastarim se recolheo a receber os applausos de Goa.

O prazer desta victoria do Governador foi acompanhado dos repetidos, que causáraõ muitos honrados feitos do bravo Joaõ Peyxoto na Provincia de Bardez. Com hum punhado de homens da terra, a que elle unio cincoenta Por-

tu-

tuguezes destemidos, fez por muitas vezes frente ao General Moratecaõ, sem que nos seus projectos podesse avançar hum passo. Agora, já recolhido a Goa o Governador, informado de que hum Portuguez, apostata de grande crédito entre os Barbaros, com muitos delles se havia fortificado nos confins da Provincia, donde sahia a cometter por toda ella pezados insultos; o Peixoto se resolve a atacallo na sua mesma trincheira. Com o soccorro de cem homens, que lhe mandou o Governador, elle atravessa a Provincia, cahe como hum raio sobre a fortificaçaõ do Renegado, que arraza com muitas mórtes, feridas, e despojos dos vencidos. Na retirada o esperou o apostata pelos passos estreitos, em que era prático, com trópas de refresco vindas de muitas partes para impedirem as consequencias da sua derrota. Muitos, e vistosos foraõ os choques dos dous partidos, que se batiaõ; mas no ultimo Joaõ Peixoto, e a sua gente totalmente estiveraõ perdidos. Entaõ supprio o valor a falta das vantagens do número, e do terreno, até

Era vulg.

que

que no ardor do combate sendo morto o Chéfe da cavallaria inimiga, ella perde o acordo, cede de todas as vantagens, deixa degollar mais de 150 homens, Joaõ Peixoto se recolhe com a gloria de hum assignalado triunfo.

Descançado á sombra das victorias o Governador Francisco Barreto cuida nos expedientes economicos do *Estado*. Para succeder no governo de Dio a D. Diogo de Noronha, como El-Rei mandava, despachou a D. Antonio de Noronha, o Catarraz, e com elle seis Fidalgos Capitães, que se haviaõ incorporar na guarniçaõ de mil e duzentos homens. Despedio para a viagem das Molucas a Antonio Pereira Brandaõ: Proveo Malaca, as Fortalezas do Malabar, as do Nórte, e o mesmo fez ás Ilhas visinhas de Goa, por lhe constar, que Nazer Maluco depois da sua retirada voltára a Pondá para restabelecer a Fortaleza, aonde foraõ de pouca consideraçaõ as suas vantagens. Muito maior foi o damno, que as trópas do Hidalcaõ nos fizeraõ sobre a extracçaõ dos generos de Salcete para Goa. Ellas in-

vadiaõ esta Provincia com tanta frequencia, que o Governador teve de mandar reforçar a D. Pedro de Menezes por seu primo D. Jorge de Menezes, o Baroche, na têsta de 200 homens, que em todo o Inverno naõ despíraõ as armas, sempre em acçaõ com inimigos muitos, e teimosos. Era vulg.

Em quanto na India succediaõ estas cousas, Balthasar Lobo de Sousa chegava á Ilha de S. Lourenço, aonde dissemos o mandára Francisco Barreto por ordem d'El-Rei para descobrir noticias da gente das náos, que naufragáraõ na sua cósta no anno de 1553. Elle costeou toda a Ilha pela parte de dentro, e tomando porto no rio de Manzalage, ordenou aos Capitães dos navios ligeiros corressem, sondassem, examinassem toda a cósta, até acharem vestigios da gente, que buscavaõ. Desta viagem só nos ficou por tradiçaõ a memoria, de que Balthasar Lobo reduzíra á Fé Catholica hum dos Reis da mesma Ilha com alguns dos seus vassallos, e que descobríra as quatro Ilhas de Comoró adjacentes da de S. Lourenço,

a

Em vulg. a saber, Angarica, Anjoane, Mohalle, e Maoto. Em todas ellas ha Soberanos, que as governaõ: a primeira com 40 legoas de comprido, e 10 de largo, taõ eminente como a do Pico, dominada de Mouros da Arabia, os primeiros, que vieraõ á cósta de Melinde: a ultima de muito maior extensaõ, povoada de trinta Cidades, cortada de muitas ribeiras, que a fazem abundante de generos, especialmente de canas de assucar, com ares benignos, e saudaveis.

Pelo mesmo tempo o Capitaõ Manoel Travaços, que levava á Ethiopia o Bispo D. André de Oviedo, com viagem feliz chegou ao porto de Arquico, aonde o deitou em terra, e se fez na volta da India. Este Prelado foi seguindo a sua jornada com summo prazer; porque de Arquico até á Corte lhe sahiaõ ao encontro os muitos Portuguezes estabelecidos no Imperio, a maior parte delles do tempo de D. Christovaõ da Gama, todos cheios de honras, riquissimos, alguns casados com Senhoras da terra, brilhantes na pompa, na numerosa libré, senhores de quintas, de ter-

ras,

ras, e de Villas, elles a Guarda de Corpo do Imperador, e que em todo o caminho esplendidamente hospedáraõ o Bispo, e a sua comitiva, já em tendas magnificas de campanha, já nos Póvos da sua residencia, que ficavaõ sobre a marcha, até o levarem á presença do Imperador, que o recebeo com muito agrado, e com grande attençaõ as cartas d'El-Rei, e do Governador da India. No seu Imperio deixaremos agora este Bispo para continuarmos o fio da nossa Historia pelo anno, em que estamos.

Era vulg.

Continuava a guerra do Hidalcaõ contra as terras firmes de Goa; mas huma diversaõ, que sobreveio naõ pensada, lhe impedio sustentalla com vigor. Nizamaluco, chamado pelos naturaes Boran Soldaõ, foi hum dos cinco Tyrannos, que entre si repartíraõ o Reino do Decaõ, sempre affeiçoado aos Portuguezes do tempo de Affonso de Albuquerque até ao anno passado, em que morreo com cincoenta annos de governo. Os nossos Historiadores nos representaõ este Principe, como hum

Era vulg. dos maiores homens da Asia na illuminaçaõ, nas virtudes naturaes, e politicas, naõ lhe desbotando a inclinaçaõ, á nossa gente algumas desavenças, que teve com ella, depois que concedeo faculdade ao Governador Diogo Lopes de Siqueira para fundar a Fortaleza de Chaul até a sua mórte. Entre outros Portuguezes distinguia o Nizamaluco a hum Renegado, que entre nós se chamou Sancho Pires, e depois que apostatou no governo de Nuno da Cunha, lhe pozeraõ o nome de Tringuicaõ. Além de muitos dos nossos Escritores, Diogo de Couto pinta Sancho Pires como hum homem digno de ter lugar entre os Heróes, em todas as suas acções huma cousa quasi admiravel, sem que se lhe possa reprehender alguma, que naõ seja a de haver renunciado a verdadeira Religiaõ, que estimava nos seus Patricios, quando aos outros, que a abandonavaõ, nem queria vellos.

Nizamaluco tinha feito a este homem seu primeiro Ministro, General dos seus Exercitos, taõ rico, e poderoso, que sustentava 12000 homens de

de cavallo. O valimento lhe durou até a mórte do Monarca, que tendo nelle huma confiança extrema, na ultima hora lhe recommendou a ſeu filho Uzem, para que com o ſeu valor, e dexteridade o eſtabeleceſſe ſobre o Throno, lhe firmaſſe a Coroa, o pozeſſe a coberto dos grandes parciaes dos outros Principes ſeus filhos, que elles queriaõ preferiſſem a Uzem. Com maior ardor na obra, que Nizamaluco na recommendaçaõ, Sancho Pires grato, e officioſo reunio os rebeldes, encheo a ultima vontade de ſeu Amo; fez eſtavel a poſſe do legitimo herdeiro; obrou o milagre civil poucas vezes viſto de paſſar o ſeu valimento ao ſucceſſor do defunto.

Era vulg.

Uzem acclamado Rei, lembrar-ſe das injúrias, que o Hidalcaõ lhe havia feito, reſolver tomar dellas ſatisfaçaõ na conquiſta de huma Praça, que poſſuia na fronteira do ſeu Reino, foi o primeiro projecto do novo Nizamaluco. Para o conſeguir mais facilmente ſe alliou com Cota Maluco, que o ſoccorreo com 20000 cavallos, lhe conſen-

Era vulg. tio a paſſagem pelas ſuas terras, e em virtude deſte Tratado o Maluco conſeguio delle a liberdade de Meale, até entaõ prezo nos ſeus Eſtados, que foi conduzido a Chaul, e entregue a Garcia Rodrigues de Tavora para o enviar a Goa, como fez. Porém as armas dos Principes alliados foraõ infelices; porque aberta huma grande brecha na Praça, e montando o aſſalto Sancho Pires na téſta do deſtacamento, huma balla pelos peitos deitou a terra morto eſte monſtro da fortuna, e do eſcandalo: morte taõ ſentida de todo o Exercito, que eſmaiada a ſua corage, levantou o ſitio com tanto de precipitaçaõ, como de affronta. Eſta vantagem do Hidalcaõ o tornou a pôr em eſtado de continuar a guerra contra Goa, que novamente entrou a ſentir os ſeus effeitos.

CAPITULO IV.

Continuaçaõ da guerra de Goa, e outros successos da India.

Era vulg.

O HIDALCAÕ desassombrado do susto, que lhe causáraõ as armas colligadas de Uzem, e de Cota Maluco, bem capazes de o destruirem, se ellas tivessem de valerosas o que lhes sobrava de muitas; com estimulos novos para renovar a cólera contra os Portuguezes por estar restituido a Goa Meale, que era o padrasto da conservaçaõ da sua grandeza, elle mette em uso todos os esforços para reduzir aquella Capital aos maiores apertos. He verdade que esta guerra para Goa foi mais de incommodar, que de temer; para as trópas teve mais de impertinente, que de sanguinaria. Goa sentio os apertos da fome pela difficuldade da introducçaõ dos viveres, elles poucos, e por alto preço, até a lenha com elle intoleravel. As trópas nas Provincias da terra firme dia, e noite naõ tinhaõ socego, sempre

Era vulg. pre promptas para acudir aos rebates contínuos, D. Jorge, e D. Pedro de Menezes sem já mais despirem as armas.

Como o General Calebatecaõ era o author das correrias pelas terras, e Ilhas do Estado, o Governador mandou a Pantaleaõ de Sá, e a outros Capitães com 500 homens para o desalojarem do seu posto. Este combate foi hum dos mais rudos, que tivemos nesta guerra; os inimigos muito superiores em número, toda sua aventagem do terreno, aonde os nossos, ainda que matavaõ a muitos, estiveraõ por muitas vezes perdidos, tiveraõ vinte homens mortos, abandonáraõ o campo, e sería a derrota completa, se Pantaleaõ de Sá, que cobria a reta-guarda, com acordo inimitavel naõ fizesse huma airosa retirada.

Esta apparencia de victoria, a que os inimigos pelo descostume deraõ hum alto tom, os encheo de tanta confiança, que invadíraõ a Ilha de Joaõ Lopes defendida por Ayres Gomes da Silva; mas elles o fizeraõ a favor das sombras

bras de huma das noites tempestuosas; em que o suppunhaõ descuidado. Ao estrondo dos primeiros golpes na cosinha do seu mesmo quartel, acudio o vigilante Ayres Gomes com os soldados, que achou mais promptos, e os foi levando ás cutiladas até ao rio, aonde muitos se affogáraõ na passagem. Outra sobpreza semelhante intentáraõ elles na Ilha de Choraõ defendida por poucos, e taõ alentados Portuguezes, que sustentáraõ intrépidos o combate, até que de Goa lhes chegassem os soccorros. Ao estrondo delle o Governador Francisco Barreto acudio ao Caes, e fez embarcar com muita gente a Manoel de Mendoça, Governador da Cidade; que chegou quando a manhã rompia, e quando os bravos Lançarote Picardo, e o Ouvídor geral Henrique Jacques com os seus camarādas precipitavaõ no rio a 500 Barbaros igualmente cortados do temor, e do ferro.

Em vulg.

Neste transito do rio a gente dos catures, que o bordavaõ, fez tal matança, que carregando-os de cabeças dos contrarios, ella as trouxe ao caes.

Era vulg. e as poz aos pés do Governador, que premiou a cada hum dos bisarros soldados com liberalidade como sua. Sem mais demora mandou elle a D. Francisco Mascarenhas, depois Conde de Santa Cruz, e Viso-Rei da India, que com 300 homens descançados á sombra desta victoria fosse continuar a fazer a Ilha de Choraõ respeitavel aos *Barbaros*. Em fim, o Hidalcaõ, ou cançado da guerra, ou mais contrahido pela renovada assistencia de Meale em Goa, se he que naõ foi persuadido pelos seus Generaes tantas vezes derrotados; elle deo ouvidos á paz, que foi ajustada com as mesmas condições das precedentes.

Este anno, em que El-Rei D. Joaõ tinha de passar do tempo para a Eternidade, despachou elle para a India a ultima Esquadra composta de cinco náos ás ordens de D. Luiz Fernandes de Vasconcellos, filho do Arcebispo de Lisboa, D. Fernando de Menezes. As quatro náos dos Capitães Cide de Sousa, Braz da Silva, Antonio Mendes de Castro, e Joaõ Rodrigues Catema de Car-

valho, sahíraõ de Lisboa no seu devido tempo, duas ferráraõ Goa, huma invernou em Melinde, a outra em Moçambique. A Capitania naõ pode sahir, senaõ a dous de Maio, e perdida a monçaõ, teve de ir passar o Inverno á Bahia. A causa desta demora foi; porque quando a náo se carregava no Téjo, por hum furo da quilha, que os officiaes deixáraõ sem prégo, e que coberto de breo com grande trabalho se deo nelle, a náo fazia tanta agua, que se hia ao fundo; foi necessario descarregalla, varalla, buscar-lhe a rotura, e tornar a polla expedita para a viagem. Era vulg.

Desta casualidade se servio a pia, mas fatua credulidade dos marinheiros para clamarem, que ella era hum justo castigo do seu S. Pedro Gonçalves Telmo, por lhes haver o Arcebispo de Lisboa impedido os cultos, quasi supersticiosos, que elles rendiaõ ao Corpo Santo. Diogo de Couto nesta passagem trata destas exhalações, que no tempo das tormentas se deixaõ vêr sobre os mastos, e que os marinheiros

[Er]ro vulg. entendem ser huma visita, que lhes faz o S. Telmo; que elles entaõ vem ao convéz, e a grandes vozes gritaõ, salve, ó Corpo Santo: que se as taes exhalações apparecem nos lugares altos dos navios, saõ signaes de bonança, se nos baixos de naufragio: que sobindo aos mastareos dizem, que achaõ pingos de cera verde, que elles nem os trazem, nem os mostraõ; e em hum discurso breve derrota este erro popular da plebe maritima. Ora eu passo a dilucidar o discurso de Couto sobre esta materia com as opiniões mais conformes dos melhores Authores.

Sabem os Astronomos, que Castor, e Pollux saõ humas Estrellas do signo de Geminis, a de Castor da primeira grandeza, as duas de Pollux da quarta. Sobre ellas teceo a Mythologia a plausibilidade da transformaçaõ dos dous moços gemeos dos mesmos nomes, taõ illustres no sangue, que filhos de Jupiter, e de Leda, irmãos de Clytemnestra, e de Helena. Hum Pai celeste collocou os rapazes no Firmamento, e os fez chamar Deoses do Mar, ou Apotro-

pheos,

pheos, como Numes Tutelares, que haviaõ salvar das calamidades aos seus favorecidos. Aqui temos a origem fabulosa, e gentilica, adoptada pela indiscreta piedade Catholica. Na Fabula 14 nos conta Hygino a razaõ, porque a huma especie de meteoro a modo de fogo errante, ou luz portatil, que nas tormentas se deixa vêr em algumas partes dos navios, se chama Castor, e Pollux. Aquelle Author, e outros muitos dizem ser este o seu nome, porque quando os famosos Argonautas navegavaõ para Colchos, o tal meteoro, ou estrella volatil apparecêra sobre as cabeças dos dous moços; que logo que ella desapparecêra, a tormenta cessára; que os dous irmãos dalli em diante ficáraõ taõ venerados dos navegantes, que sobre os invocarem nos perigos, esculpiaõ nos navios as suas imagens, reconhecidos Castor, e Pollux por Deoses do mar, o meteoro honrado com os seus nomes.

Era vulg.

A fabula deo occasiaõ a Plinio para persuadir, que esta luz era chamada pelos antigos *Estrella de Castor*, e a

Ho-

Este vulg. Santo Erasmo abbreviado em Ermo, e o Ermo corrompido em Elmo, que vem a dizer Sant Elmo. Mas até agora ninguem sabe da duvida se este Santo Erasme he o Martyr de Antioquia, ou o Bispo, e Martyr em Campania: de sorte, que os marinheiros no tormentas respeitaõ nas [illegible] hum Santo, que naõ sabem qual seja.

Dada esta breve [illegible], para illuminar aos credulos [illegible] instruidos, continuamos a mostrar da nossa Historia, como as [illegible] da esquadra de D. Luiz Fernandes de Vasconcellos chegáraõ a Goa a tempo, que o Governador Francisco Barreto recebia de Ormuz a noticia, de que no porto de Suez se preparava huma Armada de Turcos com o destino da India. Já a este tempo o Governador tinha reparado a perda dos galeões, que se queimáraõ, com outros novos; a Armada estava numerosa, e sem perda de instantes elle a poz em estado de fazer frente respeitavel aos Turcos. Porque naõ succedesse, que elles tivessem hum refugio no rio de Chaul, o Governador

o quiz prevenir, e chamando os Fidalgos a Conselho, lhes disse: A nós nos espera huma situaçaõ, que póde ser critica, senaõ a acautelarmos prudentes. Os Turcos determinaõ vir á India, e pódem fazer-se fortes em Chaul. As nossas forças haõ de sahir de Goa; e o Hidalcaõ se aproveitará da sua fraqueza, senaõ para a render, para a opprimir. A mim me parecia que mandassemos huma Embaixada ao Nizamaluco, pedindo-lhe declarasse a guerra a este inimigo commum, e que nos permittisse licença para levantarmos huma Cidadela no Morro de Chaul, que tanto a elle, como aos Portuguezes seria muito util para embaraçar na India o designio dos Turcos. O effeito desta proposta será a materia do Capitulo seguinte.

Era vulg.

CA-

CAPITULO V.

Trata-se da Embaixada, que o Governador mandou ao Nizamaluco, e os successos, que se lhe seguiraõ.

Era vulg.

ACABOU o Governador Francisco Barreto de propôr no Conselho da India a materia, que deixo referida, e antes que fallassem as pessoas, que nelle tinhaõ voto deliberativo, D. Diogo de Sousa, que estava presente, e tinha vindo do seu governo de Çofala a embarcar para o Reino, se levantou, e disse: Que se era certa a noticia de virem Turcos á India, requeria que se lhe declarasse; porque elle naõ era capaz de perder huma occasiaõ de tanta honra para ir descançar no ocio da Patria: Que amava muito os soldados da India para os deixar em trabalhos, sem ser nelles seu companheiro; e que a El-Rei devia grandes mercês para parecer ingrato fugindo com o corpo ao serviço, quando elle o necessitava. O Governador lhe agradeceo os impulsos

da

dà sua generosidade, promettendo fazello participante de todos os segredos, e sobre a Embaixada se tomou assento affirmativo.

Era vulg.

Para ella foi nomeado Jorge Correa Dantas, que levava ricos presentes para facilitarem a condescendencia do Nizamaluco a respeito da fábrica da Fortaleza sobre o Morro de Chaul, que se avançava pelo mar dentro, e dominava a Cidade. Nizamaluco se sobprendeo com esta proposiçaõ, como quem dellà inferia, que os intentos do Governador da India eraõ deitar-lhe hum novo freio, ter debaixo da sua chave a embocadura do melhor porto dos Estados, de que elle era Rei, e apoderando-se dos direitos das entradas, e sahidas, privallo de huma importante renda. Estas bem lembradas especies o obrigáraõ, em lugar de dar huma resposta cathegorica, a mandar prender o Embaixador, e ordenar ao General Farateecaõ, que com 30⊕000 homens marchasse a fazer com toda a pressa huma Cidadela no lugar, que os Portuguezes pretendiaõ, bem entendido, que

Era vulg. contra elles naõ executasse genero algum de hostilidade.

Naõ eraõ passados muitos dias, quando da nossa Fortaleza foraõ vistos os montes da outra banda do rio cobertos de tendas, brilharem as armas, scintilarem os capacetes, como devisas, que inculcavaõ a difficuldade de ser dissipada a robustez daquellas gentes. Garcia Rodrigues de Tavora, Governador da nossa Praça, entrou sem susto a prevenir-se para huma vigorosa defensa, avisando a Francisco Barreto do que passava. A gente inutil, e a plebe cuidava em se retirar para lugar seguro; mas a tranquillidade de Faratecaõ de todos desterrou as imaginações tristes, o susto, o temor, que naõ era panico. O Governador apenas recebeo o aviso de Chaul, que foi a tempo, em que determinava mandar a Alvaro Paes de Soto-Maior com huma Esquadra ao Estreito de Ormuz para observar os movimentos dos Turcos; immediatamente a poz de verga d'alto, e fez navegar a Chaul, em quanto elle preparava a grande Armada, com que havia ir em pes-

soa

ſoa á meſma Praça para fazer abortar as idéas do Nizamaluco. Era vulg.

Alvaro Paes aviſtando o Exercito de Faratecaõ, dos galeões fulminou hum fogo vivo ſobre os trabalhadores occupados na obra. Duas galez, que chegáraõ no dia ſeguinte a fizéraõ ſuſpender de todo, deſpedindo mais cozidas com a terra hum chuveiro de ballas, que os inimigos deſcobertos naõ podéraõ ſoffrer. De muitas partes vieraõ concorrendo navios em grande número, attrahidos os ſoldados mais brioſos do rumor do ſitio de Chaul, todos tremolando flamulas, e galhardetes, empaveſados, e guerreiros: hum eſpectaculo no rio para os Portuguezes da Praça taõ agradavel, quanto temivel para os inimigos no campo. Elle ſe acabou de fazer luminoſo, e formidavel com a chegada da numeroſa Armada do Governador, cheia de Nobreza igualmente recommendavel na qualidade, no número, nos precedentes ſerviços; guarnecida com 4000 Portuguezes intrépidos, coſtumados a deſprezar perigos, a affrontar a morte, e além delles mui-

Era vulg. tos Canarins, Malabares, escravos, e criados capazes do uso das armas, como bem instruidos nas Aulas da nossa disciplina.

Faratecaõ á vista do referido espectaculo, temeroso de vir ás mãos com os Portuguezes, se resolveo a parlamentar; mas errou os meios de o fazer com a decencia correspondente ao caracter Portuguez, se com espirito sincéro, na occasiaõ muito mal advertido. Elle pintou a imagem de Embaixador em hum seu criado; para o Governador lhe entregou hum presente bem confórme á pessoa, que o conduzia, mui desigual daquella, a quem se encaminhava. Chegou o pretendido Embaixador á presença de Francisco Barreto, que o recebeo com seccura: poz aos seus pés o presente, que elle mandou deitar pela janella fóra, acompanhando a acçaõ com estas palavras de agradecimento: Ide dizer a Faratecaõ, que naõ executo em vós o mesmo, que vedes executar com o seu presente, porque com brevidade o farei a elle. O célebre Embaixador sobprezo, atonito, pasmado

do desprezo, mudo se recolheo ao seu campo, esteve mudo largo tempo, até que cobrou calor para fallar, e dizer à Faratecaõ: Que os olhos do Governador da India eraõ curtos de vista, muito delicados para distinguirem estaturas de taõ pouco vulto como a sua, e que as suas mãos, como taõ forçosas, naõ sustentavaõ presentes de pouco pezo sem os deitar a terra.

Era vulg

Cahio em si o General, e com melhor acordo escolheo Embaixador, que para ser admittido, e negociar naõ necessitasse de mais recommendações, e de outros introductores, que as suas illustres qualidades. Tal era Rafarecaõ, hum dos primeiros Chéfes, luminoso no ser, brilhante na pompa, na instrucçaõ com polimento. Depois de cortejar reverente ao Governador, lhe diz: Eu venho da parte do Nizamaluco meu Amo assegurar-vos, que elle he hum amigo fiel do Rei de Portugal, e dos seus vassallos: que estes sentimentos já saõ herdados do seu predecessor, do qual a vossa Naçaõ recebeo a graça deste *terreno* para a fabrica desta Cidade-

la,

Em volg. la, que tendes em Chaul: Que elle por pretexto algum intenta revogar a Doaçaõ; mas que naõ póde deixar de temer, que o vosso projecto de fortificar o Morro da outra banda seja com o fim de lhe deitardes hum jugo, de vos fazerdes unicos senhores da embocadura do melhor porto dos seus Reinos, de lhe usurpardes os direitos de entrada, e sahida, que só a elle lhe pertencem como Soberano: Que suspendais da vossa parte as idéas de fortificar o Morro, que elle no mesmo instante suspende as suas.

Estas razões, que faziaõ conhecer huma justiça evidente, huma candura imparcial sem affectaçaõ, nem arrogancia, ellas causáraõ no Governador as impressões, que se deixavaõ sentir em si mesmas. Concluio-se o negocio com a renovaçaõ do Tratado antigo, accrescentando a condiçaõ, que de huma, e outra parte senaõ emprehenderia mais a fortificaçaõ do Morro: que as obras principiadas a fazer seriaõ demolidas; e que ao Embaixador, e mais Portuguezes retidos na Corte de Amadanager

ger se lhes daria liberdade para voltarem a Goa. Este ajuste firmado se fez logo público na Praça, na Armada, e no campo com satisfaçaõ reciproca, mutuo prazer, e alegria, que provinha da consideraçaõ, de que a nuvem sombria, quando ameaçava chuveiros de sangue, dissipada, e desfeita restituio a serenidade, que se desejava.

Era vulg.

Antes que o Governador se despedisse de Chaul, despachou a D. Antaõ de Noronha para ir governar Ormuz, donde D. Joaõ de Ataide havia voltar criminoso para se livrar em Goa. Este Fidalgo, provido por El-Rei, naõ tinha acabado o seu tempo; mas, ou fossem verdadeiros os Capitulos, que contra elle deraõ os moradores de Ormuz, ou na realidade criticasse com desembaraço a expediçaõ, que o Governador mandou fazer, por Pedro Barreto Rolim no Reino do Cinde, donde provinhaõ a Ormuz os interesses mais avultados do Commercio, e desta crítica, que a invéja fez pública, o mesmo Governador se désse por sentido. O certo he que o Desembargador sindicante achou, ou

fez

fez materia para culpar o Ataíde. Elle sem repugnancia entregou o governo ao Successor, sahio logo para Mascate, aonde esperou a monçaõ para vir apparecer em Goa na figura de réo.

Já por estes tempos tinha a Europa sentido a falta de duas vidas preciosas: huma a d'El-Rei D. Joaõ III. a *onze de Junho*, como logo diremos, outra a do Imperador Carlos V. no Outubro seguinte entre os Monges Jeronymos do Mosteiro de Juste, aonde sepultou em vida a gloria do Imperio, de tantos Reinos, de grandes negocios, de immensos vassallos, de innumeraveis victorias, e entrava o novo anno de 1558. Mas nós para concluirmos neste lugar o que nos falta do governo de Francisco Barreto na India, continuamos a dizer que elle, já expedito em *Chaul*, veio fazer segunda ostentaçaõ da sua pompa, da sua authoridade, ou da sua gloria á Baçaim amada, e a soffrer por esta causa segundo golpe da critica, da maledicencia, ou o que he mais certo, da invéja. Em fim, elle chegou a Goa, e despachando os provimentos necessa-

para Malaca, Ceilaõ, e Molucas, nós o vamos a vêr occupado em altas idéas, que poderiaõ ter exito feliz, senaõ as suspendesse a noticia da vinda do Successor de caracter taõ sublime, como D. Constantino de Bragança.

Era vulg.

CAPITULO VI.

Conclue-se o governo de Francisco Barreto, e se deixa tratado o modo da eleiçaõ do Viso-Rei D. Constantino, e a sua partida para a India.

RESTITUIDO a Goa o Governador Francisco Barreto, e correndo já o anno de 1558, elle concebeo no seu espirito hum alto projecto, que se lhe figurava o termo glorioso dos seus trabalhos no fim do governo da India. Para o emprehender fez lançar ao mar hum número de navios taõ grande, que o do Indostaõ já mais foi opprimido com o pezo de outra Armada taõ soberba, como entaõ se via nelle. O seu vasto designio era a conquista da res-

pei-

a vulg. peitavel Ilha de Çumatra, e a destruiçaõ do Achem formidavel, inimigo sem reconciliaçaõ, que naõ deixava respirar a opprimida Malaca. A paz profunda, que o Estado gozava com todos os Reis visinhos, o erario rico, officiaes para trabalharem nos estaleiros em abundancia, muitos viveres, e muniçóes, hum consideravel corpo de trópas valerosas, e aguerridas, grande número de Nobreza brilhante, e impavida: tudo foraõ concurrentes efficazes para a hum tempo se verem na India prestes vinte e cinco galeões, e caravellas, dez galéz, mais de setenta galeotas, e fustas com os seus Officiaes, e tripulaçóes respectivas.

Quando em Goa se trabalhava neste famoso armamento, no Reino a Rainha D. Catharina, que com o Cardeal Infante D. Henrique governava na menoridade d'El-Rei D. Sebastiaõ, andava cuidadosa na eleiçaõ de sujeito para Viso-Rei da India, por ter Francisco Barreto acabado o tempo do seu governo. Dous grandes, em quem ella tinha posto os olhos, se lhe retiravaõ da vis-

ta, rogados resistiaõ, e o desagrado dos Regentes naõ os abalava. Succedeo entaõ o Duque de Bragança D. Theodosio tratar em conversaçaõ domestica com seu irmaõ D. Constantino, Principe de 30 annos, com espiritos taõ sublimes como o seu sangue, da repugnancia daquelles Fidalgos em acceitarem cargo taõ honroso, como era o de Viso-Rei da India, e o quanto a sentiaõ a Rainha, e o Cardeal. D. Constantino por hum dos transportes da alma, quando ella rompe a obrar sem plena advertencia, respondeo a seu irmaõ: Pois Eu, pela mesma razaõ desses homens regeitarem tal emprego, de boa vontade irei á India.

Era vul[...]

Calou-se o Duque; mas sem demora foi ao Paço, e representou aos Principes, que elle lhes levava huma grande nova; taõ grande, como era a de seu irmaõ D. Constantino de Bragança se offerecer voluntario para ir á India occupar o lugar, que outros recusavaõ. Os Principes recebêraõ a noticia com alvoroço, estimáraõ-a, publicaõ com o despacho a offerta, D. Constan-

la vulg. tantino se sobprende da facilidade do Duque, da pressa da nomeação; mas elle naõ retrocede com a palavra. Unicamente requer se lhe conserve o emprego, que já tinha de Camareiro Mór, que a Rainha lhe promette para quando o Rei seu neto fôr em idade de se servir deste Officio da Casa. Os outros despachos, que pareciaõ indispensaveis, talvez porque se haviaõ talhar pelas medidas da estatura de taõ grande pessoa, teve-se por expediente melhor naõ fallar nelles. D. Constantino tambem se callou para persuadir muda a energia do seu espirito, que elle naõ hia á India levar, e trazer; que hia servir, e agradar.

A toda a diligencia se apromptáraõ quatro náos para o transporte do novo Viso-Rei, governadas pelos Capitães D. Payo de Noronha, Aleixo de Sousa Chichorro, que hia nomeado Veador da Fazenda, Pedro Peixoto da Silva, e Jacome de Mello. Nellas embarcáraõ dous mil soldados escolhidos, e entre muitos do corpo da Nobreza, D. Diniz Coutinho da Casa do Marechal,

D.

D. Francisco de Mello da dos Monteiros Móres, Ayres de Saldanha, D. Antonio de Vilhena, D. Francisco Lobo, D. Luiz, e D. Francisco de Almeida, Fernaõ de Castro, Pedro de Mendoça, o Larim, Joaõ Gomes de Castro, Gil de Goes, que hia provido no governo de Goa, Pedro da Silva de Menezes, Joaõ Lopes Leitaõ, Jeronymo Dias de Menezes, e outros, que incorporados com os muitos Fidalgos, que estavaõ na India, fariaõ a taõ alto Viso-Rei huma Corte brilhante.

Era vulg.

Sahíraõ as náos de Lisboa a sete de Abril do anno de 1558, em que agora fallamos, ainda que fóra do seu lugar. Ellas leváraõ a viagem com tanta felicidade, que no principio de Julho entráraõ em Moçambique, aonde se encontráraõ com a do General D. Luiz Fernandes de Vasconcellos, que dissemos invernára no Brasil, com a do Capitaõ Joaõ Rodrigues de Carvalho, que em Moçambique passára o inverno, e todas seis em conserva se fizeraõ na volta de Goa. O Governador Francisco Barreto fazia trabalhar sem socego na

Era vulg. grande Armada destinada á conquista de Çumatra, e estava a ponto de partir, sem ter declarado o seu segredo, quando a tres de Setembro recebeo o aviso, de que á barra de Goa era chegado o seu Successor: nova naõ esperada, que lhe rompeo todas as medidas, já os cultos sem reverencia, os applausos mudos, falta de cortejos a pessoa, elle no Oriente, Sol posto á vista do nascimento de outro Sol.

Nós temos acabado de ouvir os progressos do governo de Francisco Barreto na India. Sabemos as suas qualidades, o seu merecimento, as suas virtudes, o seu caracter, e depois de nos instruirmos nas honras, com que foi recebido no Reino, na preferencia, que se lhe deo para commandar as galéz, que ajudáraõ a Filippe II. de Hespanha na conquista do Penhaõ de los Veles. Ainda ouviremos o pregaõ da Fama indicallo conquistador famoso do Imperio do Monomotapa, aonde para concluir a empreza, sobejando-lhe o valor, lhe faltou a vida. Herdou este Fidalgo a probidade de seu grande Pai Ruy Barreto

reto, Fronteiro Mór do Algarve, Vé- dor da Fazenda, e Alcaide Mór desta Cidade de Faro, que o teve de sua illustre mulher D. Branca de Vilhena, filha de Manoel de Mello, Alcaide Mór de Olivença, e irmã do Conde D. Rodrigo de Mello.

Era vulg.

Foi Francisco Barreto na ordem de nascer filho segundo, que podéra ficar Chéfe de huma casa taõ qualificada, como a de seu irmaõ mais velho Nuno Rodrigues Barreto. Mas elle casando a primeira vez com D. Francisca de Castro, filha do Alferes Mór D. Luiz de Menezes da Casa de Tarouca, tendo filhos a Ruy Nunes Barreto, este morreo solteiro com seu Pai na conquista do Monomotapa; a Luiz da Silva, que tambem solteiro foi morto na India em hum desafio, que teve com Luiz Alvares de Tavora. Casando segunda vez com D. Brites de Ataide, viuva de Christovaõ de Brito, e irmã de D. Luiz de Ataide, Conde da Atouguia, e nascendo-lhe em Baçaim filho, Joaõ da Silva Barreto; este homem se casou com huma filha de Henrique de Sou-

Era vulg. Sousa, e de sua mulher Maria Gomes, já viuva de André de Sousa Coutinho, e naõ sabemos se delle ficou geraçaõ na India.

CAPITULO VII.

Escreve-se a mórte d'El-Rei D. Joaõ III. o seu caracter, e qualidades.

1557 Sem outros Principes legitimos a Real Familia de Portugal, que D. Sebastiaõ futuro Successor de seu Avô, o Cardeal Infante D. Henrique, e El-Rei D. Joaõ na idade de cincoenta e cinco annos, e de Reinado 35, cinco mezes, e 29 dias, saõ, e robusto; quando a sua vida mais se necessitava, a sua prudencia, a sua dexteridade consummadas eraõ *mais* precisas para a conservaçaõ da Monarquia, para a felicidade dos Póvos, para a gravidade dos negocios, que occorriaõ, e de outros futuros, que ameaçavaõ; entaõ já completo o fatal tempo da mórte, o termo prescripto da vida, de que se naõ póde passar; El-Rei

D.

D. Joaõ III. adoecendo, quando o consideravaõ com melhor saude, engravecendo-se a queixa, resignado, contricto, recebidos os Sacramentos da Igreja com piedade edificante, no dia onze de Junho do anno de 1557 lhe sobreveio a mórte preciosa, que foi écco correspondente ao brado da vida; elle ditoso por ser chamado para gozar a torrente de delicias, as abundancias da Casa de Deos; Portugal na sua falta infeliz por lhe naõ tardar a innundaçaõ de calamidades, as avenidas rápidas dos infortunios. Morreo o bom Rei, ficou agonisante o Reino.

Era vulg

No dia seguinte ao seu transito feliz foi o Real Cadaver levado pelos Ministros da sua Capella, e pelos Irmãos da Misericordia de Lisboa ao Convento de Belém, aonde o depositáraõ junto ao monumento de seu Pai, o grande Rei D. Manoel. Correspondeo o apparato funebre na grandeza da pompa á sublimidade do objecto; acompanhando-o os Senhores D. Duarte, e D. Antonio, Sobrinhos da Magestade defunta, todos os Grandes, Fidalgos, e

[..]ra vulg. pessoas de qualidade, que entaõ se achávaõ na Corte. Apparato funebre, que moveo geral o pranto, como testemunho, que tinha o pezo de voz para indicar quanto he sensivel a perda de hum Rei amado: hum Rei, em que se ajustavaõ todos os caracteres para dizermos delle o que dizia Augusto do Rei bom: Que elle ou naõ houvera de nascer, ou naõ havia nunca morrer. O Cardeal Infante ficou no Paço acompanhando a Rainha, que na perda que acabava de ter, necessitava de hum tal conforto, como o desta Real Purpura, a que serviaõ de relevo brilhante as virtudes mais heróicas, agora no exercicio dos seus actos, unicos agentes para moverem com fôrça no espirito da Rainha os sentimentos de resignaçaõ, de conformidade, da paciencia, que até ás *Coroas* he necessaria para conseguirem as promessas.

A piedosa Mãi do seu Povo, a grande, e illuminada Rainha, toda occupada nos interesses do commum, como se a alma nada sentira, para se saber o que El-Rei nas suas ultimas disposições

determinára, supposta a menoridade do succeſſor; logo no dia treze do mez chamou a Conſelho o Cardeal, o Duque de Aveiro, os Condes do Vimioſo, e Caſtanheira, o Baraõ de Alvito, o Regedor da Caſa da Supplicaçaõ, o Chanceller Mór, os Vereadores da Camara de Lisboa, e perante todos fez lêr as Memorias eſcritas da propria maõ d'El-Rei poucos dias antes da ſua arrebatada mórte. Nellas nomeava para Tutora do futuro Rei, ſeu Neto, e para Regente do Reino a meſma Rainha, ſua Eſpoſa, que como diz hum Hiſtoriador noſſo, para mulher era varonil, para hum Sceptro era mulher. Mas o Rei, que lhe conhecia melhor os talentos, deixava determinado, que ella naõ largaſſe a Regencia, em quanto ſeu Neto naõ cumpriſſe vinte annos: ultima vontade Soberana, que Politicos intrigantes alteráraõ, reduzindo a Rainha conſternada a abdicar poucos annos depois o governo, que lhe ficára encarregado, como veremos no ſeu devido tempo.

Era vul

Com os titulos glorioſos de Pai de

Patria, de Irmaõ das Religiões, de Filho Obediente da Igreja, de Justo, de Clemente, de Pacifico, morreo D. Joaõ III., sentindo-se a sua mórte por mórte, naõ por apressada em hum Princípe, que a maior parte da vida foi justo. Qual das do mundo habitavel deixou de ouvir o estrondo das suas virtudes, o écco das victorias dos seus Capitães, o rumor das maravilhas da sua probidade? Para que ellas se ouçaõ no mundo todo, basta que os Portuguezes as louvem; sem mendigarem vozes estranhas; e ainda que eu podesse fazer dellas huma narraçaõ bem circunstanciada, seria obrigado a responder á reprehensaõ occulta, que o mesmo mundo tinha de me fazer na diminuiçaõ dos applausos de hum Soberano, que enchem os cem orgãos da *Fama*. De objectos taõ sublimes as suas acções só saõ os seus louvores.

Unicamente para cumprir com as obrigações, de que me encarreguei, continuarei a dizer que El-Rei D. Joaõ III. no zelo da Religiaõ, no Culto Divino, nos actos de piedade foi fructo

cor-

correſpondente ás arvores, donde naſcêra. Elle, para que á cultura dos campos do Gentiliſmo naõ faltaſſem Operarios com delicadeza de ſciencia unida ao ardor do Chriſtianiſmo, trasladou de Lisboa, e quaſi inſtituio de novo a Univerſidade de Coimbra, que illuſtrou com rendas copioſas, e Meſtres inſignes mandados vir dos outros Reinos da Europa. Elle para conter a pravidade judaica, fez erigir o Trbunal do Santo Officio por Bulla de Paulo III., e para as Miſsões das Conquiſtas introduzio no Reino a Sociedade dos Jeſuitas no Seculo, em que ella ſe repreſentava util á Sociedade civil, e moral dos homens. Elle ſuſtentou com vigor as Conquiſtas do Oriente para naõ ſentirem a falta do Rei D. Manoel, ſeu Pai, que para a imitaçaõ lhe deixou exemplos, para as emprezas Heróes; e ſe no abandono das Praças de Africa o Reino ſentio vários generos de perdas, nas do Oriente recolheo avultadas as uſuras. Elle inſtituio o Tribunal da Meza da Conſciencia, e levou várias Igrejas á dignidade de Cathedraes, a de Evo-

Era vulg

Evora á de Metropolitana ; edificou muitos Templos, e estabeleceo obras pias, naõ lhe faltando neste empenho a sociedade da devoçaõ da Rainha, que foi Fundadora illustre de muitos monumentos sagrados.

Elle estimou a virtude da clemencia pelo esmalte mais brilhante da Coroa, sempre inclinado aos Juizes humanos, quando os severos já mais lhe viraõ bom semblante. Se parecia que a sua brandura declinava para o extremo, e offendia a justiça; elle por tal modo unia a piedade ao rigor, que sem deixar lugar á justiça para se queixar, sempre triunfava a clemencia: triunfo luminoso, de quem sabia ponderar, que a vida de hum homem he joia de muito preço, e que naõ se deve perder com o cauterio, quando os *lenitivos* a curaõ. Por isso elle derrogou as Leis antigas, que mandavaõ marcar os ladrões na cara, dizendo: Que se semelhantes homens se corrigissem na perversidade dos seus costumes, era huma injustiça ficarem perpetuamente conhecidos infames pela devisa publica

da

da sua má vida passada. Elle foi singular na liberalidade, que repartia por todos: liberal pelo modo dos Soberanos, que se sabiaõ ajustar ás regras da virtude, longe de que os dominasse a paixaõ dos affectos. Era vul

Nós confessaremos que entre fortunas, e desgraças passou D. Joaõ III. a maior parte dos seus dias. Grande reputaçaõ lhe haviaõ adquirido as suas virtudes, muitas vantagens a dilatada tranquillidade; mas nos seus ultimos tempos se entrava a sentir a consequencia da perda dos lugares de Africa; tocava-se com sensibilidade a decadencia nos negocios da India; as mórtes immaturas de tantos filhos, e irmãos, se ellas lhe forneciaõ materia para o exercicio contínuo de huma paciencia heróica; ellas mesmas lhe ministravaõ imagens continuadas para a renovaçaõ da dôr vehemente. Condiçaõ fatal das venturas mundanas, que até no pontiagudo das Coroas faz, que o remate seja Cruz.

Foi El-Rei D. Joaõ de estatura mediana, o corpo com alguma grossura,

ȝça vulg. a côr branca, e vermelha, o aſpecto taõ veneravel, que vendo-ſe, ainda ſem ſer conhecido, fazia reſpeito. Teve os olhos azues eſcuros, que ſe moviaõ com deſembaraço mageſtoſo attractivo da veneraçaõ, que muito mais ſe ſublimava, quando os ouvidos percebiaõ o tom pauſado das ſuas vozes ligadas á Soberania, ſem que as prendeſſem algum dos defeitos naturaes. Nos membros era forçoſo, e robuſto: teve algum conhecimento das letras humanas aprendidas pelo methodo, com que ſe enſinavaõ no ſeu tempo, naõ pelo que ſe enſinàraõ depois até eſtas noſſas idades. Amou no veſtir os uſos Portuguezes, ſendo o ſeu exemplo anathema efficaz, que desfigurava o ſemblante ao abuſo das modas: ainda nas funções mais aulicas em concurrencia com os Principes Eſtrangeiros, ſempre nos trajes ſe fez vêr Portuguez.

A memoria do ſeu nome em Evora corre perene no aqueducto das aguas da Prata, que renovou para naõ eſquecer a de Sertorio, para gozar o Povo o grande beneficio da agua, que o

con-

conserva, do aqueducto, que illustra a Cidade. Se a grandeza das obras do Reino, sejaõ no Mosteiro de Belém, nos da Senhora da Graça, S. Francisco, e S. Roque; sejaõ na casa da Alfandega de Lisboa, ou nos Arsenaes para as Armadas, a justo titulo lhe imprimíraõ o caracter de Magnifico; que diremos nós da sua prudencia? Daquella prudencia, que na flôr da idade o conduzio a conservar-se respeitavel no meio dos turbilhões de guerras formidaveis, que assoláraõ a Europa, especialmente as que se origináraõ das discordias entre o Imperador Carlos V., seu Cunhado, e os Reis de França: huma prudencia, que entre o ardor mais vivo daquellas discordias lhe conservou inalteravel a imparcialidade, sem faltar ao Imperador com o decoro do parentesco, com a estimaçaõ de visinho, nem aos Reis de França com as relações de amigo, com a estreiteza de alliado.

Era vulg.

Nós podemos crêr que a mesma virtude auxiliada por outras o moveo a erigir em Bispados as Cidades de Leiria, de Portalegre, de Miranda, e ou-

tros

tros pelas conquistas; a reparar com huma refórma edificante os primeiros Institutos, que principiavaõ a sentir relaxaçaõ nas Ordens de Christo, de Saõ Francisco, de S. Domingos, de Santo Agostinho, e de S. Jeronymo; a ordenar Recolhimentos para as donzellas honestas evitarem os perigos, e para tirarem delles as mulheres, que *já* naõ eraõ honestas, nem donzellas; a impedir as discordias entre Casas grandes, que naõ refreariaõ a teima nas porfias, senaõ se mettesse de permeio a authoridade acompanhada do poder; a examinar com a exacçaõ mais judiciosa, e severa a probidade, os costumes, o caracter inteiro das pessoas, que o haviaõ servir, para depois naõ ter a displicencia de as castigar; em fim, a dispôr os meios para nada faltar, ou fosse nos lances da grandeza, ou nos exercicios da piedade, naõ obstante as enormes despezas da Coroa, já nos aprestos de tantas Armadas, nos naufragios de muitas náos; já nos roubos escandalosos dos infiéis Dispenseiros, Ministros corruptos da India, ou já nos

do-

dotes ſatisfeitos a tantos irmãos bem patrimoniados.

Era vulg

Remate precioſo foi da ſua prudencia naõ gravar o Povo com tributos em aperto algum da Monarquia. Eſtimava como hum theſouro proprio cada vaſſallo rico, que tudo daria goſtoſo em lho pedindo, porque naõ lho tirava a violencia. Das verduras da ſua mocidade foraõ fructos D. Manoel, que morreo minino, e D. Duarte, que pela ſua ſumma capacidade, e grandes letras foi elevado á Dignidade de Arcebiſpo de Braga: dous filhos illegitimos, que elle teve de D. Iſabel Moniz, Moça da Camara da Rainha D. Leonor, que depois foi Freira de Santa Clara no Porto, e na Guarda. Das ſuas virtudes depois de homem deixáraõ memoria illuſtre nos ſeus eſcritos Franciſco de Andrade, Joaõ de Barros, Diogo de Couto, Antonio de Caſtilho, Martim Aſplicueta Navarro, Fr. Bernardo de Brito, Leaõ, Vaſconcellos, Maffeo, Fonceca, Pacheco, Godinho, Faria e Souſa, que nos offerece palavras para concluirmos o elogio d'El-Rei D.

Joaõ

a vulg. Joaõ III., dizendo com elle: Finalmente este Rei assim nas cousas da paz, como nas da guerra, foi Principe admiravel, nascido para beneficio dos homens, amparo dos humildes, e estranhos, verdadeiro conservador do Culto Divino, e Propugnador da Religiaõ Catholica.

FIM.

INDICE
DOS CAPITULOS.

LIVRO XLIX.

CAP.

LIVRO LI.

CAP.

LIVRO LII.